

FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO

**O USO DE TICs ENTRE CRIANÇAS: INTERAÇÕES SOCIAIS E O SENTIDO
DE INFÂNCIA EM DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Neide Maria de Almeida Pinto

Coorientadora: Ana Louise Carvalho Fiúza

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2020

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

R484u
2019
Ribeiro, Fernanda Miquelão, 1975-
O uso de TICs entre crianças : interações sociais e o sentido
de infância em diferentes contextos socioculturais / Fernanda
Miquelão Ribeiro. – Viçosa, MG, 2019.
156 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexo.

Inclui apêndices.

Orientador: Neide Maria de Almeida Pinto.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Crianças - Aspectos culturais. 2. Tecnologia da
informação. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Economia Doméstica. Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 305.23

FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO

**O USO DE TICs ENTRE CRIANÇAS: INTERAÇÕES SOCIAIS E O SENTIDO
DE INFÂNCIA EM DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 30 de agosto de 2019.

Assentimento:



Fernanda Miquelão Ribeiro
Autora



Neide Maria de Almeida Pinto
Orientadora

A todas as crianças.

Que possam ser valorizadas como cidadãs.

Que também sejam valorizadas como sujeitos de pesquisa, contribuindo com suas perspectivas para o entendimento do mundo.

AGRADECIMENTOS

Às crianças e famílias que concordaram em participar da pesquisa e compartilhar suas experiências de uso das TICs.

À minha família. Meu marido, Idelmino, e minhas filhas, Luiza e Júlia, que estiveram sempre comigo me apoiando mesmo nos meus momentos de ausência.

Às amigas construídas durante a caminhada do mestrado em especial e a quem dedico às demais, a minha querida amiga Rita Cesarino.

À minha orientadora, professora Neide. Por sua confiança em caminhar junto comigo sobre a temática da infância. Por sua paciência, sua disposição e suas valiosas sugestões e correções.

À minha coorientadora, professora Ana Louise. Pelo seu apoio, disposição e suas valiosas contribuições.

Aos professores do Programa de Pós graduação em Economia Doméstica pela valiosa contribuição na minha formação enquanto pesquisadora.

Aos grupos de pesquisa Gerar- Grupo de Estudos Rurais: Agriculturas e Ruralidades e Família, Espaço e Sociedade. Pelo espaço de debate, compartilhamento de ideias e aprimoramento da pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Economia Doméstica, Aloisia e Anderson por toda a atenção e apoio.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de pesquisa.

À Universidade Federal de Viçosa, em especial ao Departamento de Economia Doméstica, pela oportunidade e o suporte para esta pesquisa.

RESUMO

RIBEIRO, Fernanda Miquelão, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2019. **O uso de TICs entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais.** Orientadora: Neide Maria de Almeida Pinto. Coorientadora: Ana Louise Carvalho Fiúza.

A vida moderna está ligada às relações articuladas em uma lógica de consumo de tecnologias, bastante presente no cotidiano das crianças. Segundo dados coletados pelo TIC Crianças dos anos de 2009 e 2010, que tomou como amostra crianças de 5 a 9 anos de idade de todo o Brasil de áreas urbanas e rurais, esse segmento está imerso no uso das tecnologias, com probabilidades de crescimento. Essa questão se manifesta em uma complexa discussão, sobretudo no que diz respeito à busca do aprimoramento dessa realidade, a partir da cultura da infância, das suas práticas cotidianas diferenciadas de consumo e apropriação de tecnologias das crianças e a suas interações com seus pares, a família e a sociedade. Nesse contexto, a proposta desse estudo se baseia na ideia que as mudanças nas concepções da infância e das crianças foram provocadas por transformações ocorridas por novas ordens modernas que interferiam em todos os aspectos da vida econômica, social, política e cultural desses sujeitos. Além disso, percebemos uma lacuna nas pesquisas que invisibilizam as crianças mais novas e não abarca o uso das TICs relacionado ao contexto cultural inerente aos diferentes segmentos sociais aos quais essas diversas infâncias se manifestam. Nesse cenário a pergunta de investigação desse estudo foi: De que maneira o uso das TICs por crianças e suas famílias, de diferentes contextos sociais, se manifesta nos processos de construção das Culturas Infantis? O problema de pesquisa se inseriu a partir da construção da perspectiva de que é preciso conhecer o lugar social que a criança ocupa na sociedade moderna, somada à cultura na qual esses sujeitos estão inseridos. A partir da contribuição teórica da Sociologia da Infância, pudemos perceber que os acessos e os usos das TICs pelas crianças não são homogêneos devido às suas condições sociais e também dos referenciais culturais que estão disponíveis para a produção das culturas infantis. Apontamos, de forma geral, que a partir dos resultados desta pesquisa foi possível perceber no acesso e no uso das tecnologias pelas crianças, as diferenças entre o que é ser criança e ter uma pluralidade de infâncias, desvelada pelas vozes das próprias crianças e o que é ter uma infância, por meio dos olhares adultocêntricos.

Palavras-chave: Crianças. Cultura Infantil. TICs.

ABSTRACT

RIBEIRO, Fernanda Miquelão, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2019. **The use of ICTs among children: social interactions and the meaning of childhood in different socio-cultural contexts.** Advisor: Neide Maria de Almeida Pinto. Co-adviser: Ana Louise Carvalho Fiúza.

Modern life is linked to relationships articulated in a logic of consumption of technologies, very present in the daily lives of children. According to data collected by the ICT Children of the years 2009 and 2010, which took children from 5 to 9 years old from all over Brazil from urban and rural areas as a sample, this segment is immersed in the use of technologies, with growth probabilities. This issue manifests itself in a complex discussion, especially with regard to the search for the improvement of this reality, based on childhood culture, their different daily consumption practices and the appropriation of children's technologies and their interactions with their peers, the family and society. In this context, the purpose of this study is based on the idea that changes in the conceptions of childhood and children were caused by changes that occurred under new modern orders that interfered in all aspects of these subjects' economic, social, political and cultural life. In addition, we perceive a gap in research that makes younger children invisible and does not cover the use of ICTs related to the cultural context inherent to the different social segments to which these different childhoods manifest themselves. In this scenario, the research question of this study was: How is the use of ICTs by children and their families, from different social contexts, manifested in the construction processes of Children's Cultures? The research problem was inserted from the construction of the perspective that it is necessary to know the social place that the child occupies in modern society, added to the culture in which these subjects are inserted. From the theoretical contribution of Sociology of Childhood, we could see that the accesses and uses of ICTs by children are not homogeneous due to their social conditions and also the cultural references that are available for the production of children's cultures. We point out, in general, that from the results of this research it was possible to perceive in the access and use of technologies by children, the differences between what it is to be a child and having a plurality of childhoods, unveiled by the voices of the children themselves and what it is having a childhood, through adult-centered looks.

Keywords: Children. Children's Culture. ICTs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
Objetivo Geral.....	9
Objetivos específicos.....	9
Dos sujeitos participantes da pesquisa.....	9
Aspectos éticos da pesquisa.....	12
USO DE TICS ENTRE CRIANÇAS EM UMA ABORDAGEM DA CULTURA INFANTIL.....	14
DESIGUALDADES SOCIAIS NO USO DAS TICS POR CRIANÇAS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS: O CASO DE VIÇOSA – MG.....	34
É A CIBERCULTURA O LUGAR DA (MINHA) CRIANÇA? O USO DAS TICS E A MEDIÇÃO PARENTAL NA INFÂNCIA.....	48
OS MODOS HÍBRIDOS DO BRINCAR NA INFÂNCIA: A CONVERGÊNCIA ENTRE AS PRÁTICAS LÚDICAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS NO CONTEXTO DA CULTURA DE PARES.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109
ANEXOS.....	115
APÊNDICES.....	119

INTRODUÇÃO

Boa parte da vida moderna está ligada às relações articuladas com as tecnologias¹, que são bastante presentes no cotidiano das pessoas. Conforme aponta recente pesquisa desenvolvida pela TIC KIDS (2018)², 24,3 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, com idade entre 9 e 17 anos, correspondendo a cerca de 80% dessa população, têm acesso à internet por meio expressivo de equipamentos móveis. Ainda, o aparelho celular foi notado como uso principal entre 37% das crianças e dos jovens entrevistados, além do seu uso exclusivo em classes menos favorecidas (TIC KIDS ON LINE BRASIL 2018).

Para Martino (2015), quando esse fenômeno se torna tão presente a ponto de se tornar imperceptível é porque transformou a vida das pessoas de maneira muito intensa. Não por conta da tecnologia em si, mas por conta dessa interação e das relações ligadas a elas (MARTINO, 2015). No entanto, essa “naturalidade” do uso das tecnologias, embora também esteja presente no universo das crianças, divide concepções e abordagens dos estudiosos, cujas produções de saberes sobre o consumo de tecnologia, voltada para esse segmento, abordam várias perspectivas.

Nesse sentido, pesquisar o uso de tecnologias na infância no âmbito da sociedade moderna, pressupõe o entendimento do conceito de infância nesse contexto. Então, esse novo desafio refere-se à prática de se fazer ciência com a criança, a qual não deve ser considerada como um despertar da modernidade. Ao contrário, deve ser encarada como uma profunda reflexão ou transformação da ideia da mesma como um ser social ampliado. Quanto a infância, entende-se, de acordo com a definição de Sandra Silvia Souza Saramago como: “...um núcleo próprio de relações intergrupais protagonizadas pelas crianças, capazes de intervir socialmente através da autonomia atribuída pela própria experiência social” (SARAMAGO, 2001, p.10).

E, nessa perspectiva, esse conceito deve estar associado às transformações advindas da expansão dos novos modos de produção capitalista e dos processos de globalização (SARMENTO; MARCHI, 2008). Entretanto, tais processos devem ser percebidos também nas suas particularidades, já que essa ‘sociedade do consumo’ não se institui de forma homogênea

¹ As tecnologias, especificamente as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), foram abordadas nesse trabalho em uma perspectiva sociológica da infância, enquanto práticas sociais construídas nos diversos cenários culturais das crianças. Considera-se, nos termos de Belloni (2011): a televisão, aparelhos de DVD, antenas ligadas à tv; jogos de videogame e de computador; iPods, MP3, telefones celulares, aplicativos, internet e redes sociais.

² A CETIC.br realizou pesquisas nos domicílios rurais e urbanos brasileiros, com adultos, crianças e adolescentes, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, assim como da internet no Brasil.

para todos os povos ou segmentos sociais. No caso do Brasil, um país de extremas desigualdades sociais e culturais, uma pluralidade de infâncias se manifesta de formas diferenciadas em relação a cada fenômeno do seu cotidiano. Contudo, o componente de renda não dá conta de abarcar as diferentes apropriações, visto que o consumo também deve ser percebido relacionado ao contexto cultural inerente aos diferentes segmentos sociais (SILVA, 2007).

Desse modo, a importância do tema se coloca na compreensão desses processos de consumo capitalista que incluem as crianças, cada vez mais novas, em uma lógica moderna de consumidores ativos de TICs e de outras mídias. Tal questão se manifesta em uma complexa discussão, sobretudo, no que diz respeito à busca do aprimoramento dessa realidade, a partir das crianças, das suas práticas cotidianas diferenciadas de uso e apropriação de tecnologias, bem como as interações desses sujeitos com seus pares, a família e a sociedade.

1. Objetivo Geral

Analisar o uso das TICs por crianças de 4 a 6 anos de idade, matriculadas em escolas públicas e privadas de diferentes seguimentos socioculturais do município de Viçosa- MG, além de compreender como esse uso se manifesta nas relações e nas interações com seus pares e com os adultos.

2. Objetivos específicos

- Analisar o acesso e o uso das TICs por crianças entre 4 a 6 anos de idade em diferentes segmentos socioculturais;
- Compreender o papel do controle e da mediação parental no uso de TICs na construção das Culturas Infantis;
- Compreender de que forma as crianças de diferentes segmentos sociais se apropriam das TICs na Cultura de Pares.

3. Dos sujeitos participantes da pesquisa

A presente proposta de pesquisa se caracteriza como exploratória bibliográfica e de campo, pois considera a importância da construção da justificativa teórica e da fundamentação do marco teórico, bem como a natureza dos sujeitos investigados (GIL, 2008). E por ser também qualitativa e quantitativa, utilizou-se de instrumentos para avaliar os contextos sociais, econômicos e culturais das famílias, através de questionários aplicados aos adultos e de atividades de artes plásticas (desenhos), em que foi possível conversar com as crianças e realizar observações, isso relacionado com os objetivos da investigação acadêmica, assim com coerente com uma pesquisa ética com crianças. Ademais, esta diferenciação dos procedimentos

metodológicos também envolve a percepção de os sujeitos se encontrarem em diferentes gerações, já que fizeram parte da pesquisa crianças de 4 a 6 anos de idade, respectivamente, as mães, os pais ou responsáveis.

Quinteiro (2009) ajuda-nos a entender que quando o pesquisador centra suas análises na situação social da infância, tornando-a como eixo da sua investigação, os modos de abordagem metodológica também são focos de questionamento. Por isso, é importante destacar aspectos relacionados à concepção de infância adotada pelo TIC CRIANÇAS, cuja plataforma divulga dados que englobam parte da idade referente ao perfil amostral da pesquisa, em conformidade com a perspectiva essencialista (relação naturalizada entre as crianças e as TICs). Assim, essa questão também pode ser problematizada nas análises dos dados (como exemplo: no uso do termo “nativas digitais” e o englobamento das crianças que ainda estão no processo da leitura e escrita na categoria de analfabetas). De acordo com Quinteiro (2009), mesmo que consideramos ouvir as crianças, as análises ficam cristalizadas sobre os referenciais que os adultos têm sobre elas.

Para participar do estudo, foram convidados um dos responsáveis pela criança (o pai, a mãe ou um dos avós) que, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³, se disponibilizaram a responder a um questionário, cujas informações versaram sobre o perfil socioeconômico e cultural das famílias, bem como sobre a posse e o uso das TICs⁴, e nos critérios estabelecidos na pesquisa realizada no TIC CRIANÇAS (2010). Além disso, constaram da pesquisa as informações obtidas a partir de conversas informais com os educadores (professores e outros profissionais), que faziam parte da rotina escolar das crianças, as observações em campo e nos momentos de visita às escolas. Posteriormente, esses dados foram transcritos para um caderno de campo.

Nesse estudo se reconhece as crianças como fontes privilegiadas de dados para se compreender as famílias e a sociedade, particularmente, no que envolve as interações sociais infantis a partir das TICs. Aliás, nesse contexto, as concepções adotadas de infância e de criança enquanto categoria social, ou seja, indivíduos produtores ativos da sua cultura. Pode-se dizer que, desde o momento do seu nascimento, as crianças interagem com outras pessoas, veem-se

³ Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi construído com base no Critério de Classificação Econômica Brasil da ABEP- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2016) e nos critérios estabelecidos na pesquisa realizada no TIC CRIANÇAS (2010). Os termos enviados estão nos Apêndices 6 e 7.

⁴ Periodicamente, o ABEP atualiza os seus critérios de classificação econômica os quais são baseados na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE. Os dados da referida pesquisa foram analisados considerando as atualizações de 16/04/2018.

envolvidas nas regulamentações que a sociedade as impõe e vão construindo os próprios modelos e teorias que permitem explicar o mundo que estão inseridas. Entretanto, ainda que as crianças convivam em um mesmo espaço e tempo que os adultos, as mesmas podem compartilhar de pontos de vista diferenciados. Portanto, ouvir a história, por meio da sua voz, permite que se conheça um ponto de vista diferente pertencente ao seu mundo social. (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2005; CORIA, 1999; ROCHA, 2008).

Além disso, o desafio de reconhecimento da infância como uma construção social passa por dois movimentos do pesquisador: o de ver e o de ouvir. O primeiro movimento, o de olhar o sujeito de pesquisa, sobrevém das escolhas de critérios orientados pelos aportes teóricos e filosóficos escolhidos pelo pesquisador, que é desvinculado do senso comum e das práticas cotidianas. Nesse sentido, o exercício cotidiano entre o pesquisador e a criança, o estrangeiro e outro, que precisa ser colocado em posição de estranheza para que seja reconhecida as suas diferenças e estabelecido o distanciamento necessário para a dimensão da alteridade, assim contribui para uma reflexão que vê e problematiza a infância como categoria e as crianças como sujeitos empíricos. Logo, o reconhecimento da alteridade é parte fundamental da pesquisa para analisar as relações desses sujeitos em interação constantes com seus pares, jovens, adultos e idosos, além de compreender as suas trajetórias (AMORIM, 2004; SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2005).

Para tanto, o reconhecimento da alteridade exige do pesquisador uma reflexão social, política e cultural para ressignificar os papéis sociais preestabelecidos e deixar surgir novas possibilidades de interlocução e acordos, não só no local de pesquisa, mas também para fazer surgir novas significações no discurso durante a interação com o pesquisador (CRUZ, 2005).

Já o segundo movimento, o de escuta das crianças, em todas as complexidades que envolvem as suas múltiplas linguagens, possui o pressuposto de que as crianças tem o que dizer, enquanto legítimas unidades de observação sociológica, e que o pesquisador detém o desejo de conhecer as identidades particulares delas, tal como as representações e os pontos de vista das mesmas os quais podem ser bastante heterogêneos, já que além de expressarem as particularidades da história de cada uma, também são marcados pelas experiências vividas numa determinada cultura e também influenciada pelo momento histórico e pelo lugar que ocupam na sociedade. Por isso, a ideia fundamental para as teorias sociológicas é de que a criança não é apenas reprodutora, mas também construtora de cultura e de sua própria história (SARAMAGO, 2001; CRUZ, 2008).

3.1 Aspectos éticos da pesquisa

É importante explicitar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UFV⁵ em 15 de junho de 2018 e que também foram respeitados todos os trâmites legais deliberados por esse órgão. Assim, as famílias receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Martins (2004) sugere que as pesquisas devem ser orientadas por um processo ético, o que visa servir às pessoas de forma a produzir um conhecimento, além de estabelecer um espaço de solidariedade, harmonia e criatividade no intuito de construir uma nova maneira de explicar o mundo. A partir dessas reflexões, optou-se por coletar os dados de maneira lúdica, por exemplo, através de uma atividade.

De acordo com Kramer (2002), as pesquisas que envolvem crianças de diferentes idades, igual a desta pesquisa, precisam de um cuidado maior do pesquisador em relação às questões éticas relacionadas aos nomes, à utilização das imagens e ao retorno das pesquisas para elas e suas famílias.

Dessa forma, mesmo que a criança goste de aparecer e ser reconhecida, deve-se ter em mente que a exposição da mesma, principalmente em situações de risco, pode ser perigosa (KRAMER, 2002). Por isso, não foram utilizadas imagens e os nomes reais não foram revelados. Além disso, os relatos que compõem o corpo de discussões dessa pesquisa abrangem as falas e outras expressões de todas as crianças envolvidas nas atividades, assim como foram analisadas enquanto uma pluralidade de vozes, sem reconhecimento individual. Destaca-se que esta decisão parte do princípio de que as atividades foram autorizadas por meio de documento de autorização, enviado a todas as instituições de ensino onde a pesquisa foi realizada. Esta decisão também valoriza o consentimento das próprias crianças em participarem e se envolverem nas atividades propostas.

Então, as falas identificadas (por codinomes) nos momentos de observação e nos desenhos apresentados são das crianças que foram autorizadas, pelos pais, a participarem da pesquisa. Ainda, os codinomes foram escolhidos pelas próprias crianças. Nesse sentido, mesmo que a participação das crianças seja indireta, ela acontece e, segundo Kramer (2002), com estatuto de autoras da pesquisa, isso por serem ouvidas, observadas e participarem do momento de pensarem a sua infância, a partir do uso das TICs.

⁵ Parecer Consubstanciado do CEP nº 2.714.787, em Anexo 1

Portanto, esta pesquisa surgiu como inspiração do trabalho OS USOS DAS TICs SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO E GERAÇÃO⁶, que teve como objetivo analisar o uso e as formas de apropriação social das TICs, particularmente, da televisão, da internet e do celular, em termos geracionais e de gênero, no contexto de uma universidade pública brasileira com estudantes, técnico administrativos e docentes desta instituição. A partir da formação da autora desta pesquisa em Educação Infantil e de sua inquietação com o baixo número de investigações acadêmicas com crianças pequenas, o texto apresentado aqui é consequência desses fatores.

⁶ Este trabalho é de responsabilidade das pesquisadoras Neide Maria de Almeida Pinto (DED/UFV) e Ana Louise de Carvalho Fiúza (DER/UFV) e foi aprovado pelo CNPq, com recurso para seu desenvolvimento em 2016.

1. USO DE TICS ENTRE CRIANÇAS EM UMA ABORDAGEM DA CULTURA INFANTIL

Use of ICTs among children in an approach to Children's Culture

Resumo: Os estudos científicos, que abordam o tema das interações sociais na infância, a partir das TICs, apontam um contexto de transformações que passam a confrontar as próprias concepções de infância construídas sócio-historicamente, bem como suas interações com seus pares e com os adultos. A partir desse cenário de mudanças, este trabalho teve como objetivo discutir as perspectivas teóricas propostas pela Sociologia da Infância, a qual busca pensar uma interlocução epistemológica entre a tecnologia e a infância. Além disso, esse movimento envolve o deslocamento dos saberes reconhecidos por meio dos discursos para os lugares em que as crianças e suas famílias realmente circulam na Cibercultura, ou seja, nas práticas cotidianas diferenciadas de uso e apropriação de tecnologias das crianças, assim como as suas interações com os seus pares, a família e a sociedade. Para tanto, buscou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica identificar as produções acadêmicas desenvolvidas, a partir do tema da interação das tecnologias com as crianças, e distinguir as perspectivas teóricas, bem como as tendências discursivas abordadas sobre esse fenômeno na contemporaneidade.

Palavras chave: uso de TICs. crianças. abordagem cultural.

Abstract: Scientific studies, which address the theme of social interactions in childhood, based on ICTs, point to a context of transformations that come to confront the very conceptions of childhood constructed socio-historically, as well as their interactions with their peers and with adults. Based on this scenario of changes, this work aimed to discuss the theoretical perspectives proposed by the Sociology of Childhood, which seeks to think of an epistemological dialogue between technology and childhood. In addition, this movement involves the displacement of knowledge recognized through speeches to the places where children and their families actually circulate in Cyberculture, that is, in the different daily practices of using and appropriating children's technologies, as well as their interactions with peers, family and society. To this end, it was sought through a bibliographic search to identify the academic productions developed, based on the theme of the interaction of technologies with children, and to distinguish the theoretical perspectives, as well as the discursive trends addressed about this phenomenon in contemporary times.

Keywords: ICT use. children. cultural approach.

1. INTRODUÇÃO

A vida moderna está ligada às relações articuladas em uma lógica de consumo de tecnologias, bastante presente no cotidiano das crianças. Segundo dados coletados pelo TIC Crianças⁷ dos anos de 2009 e 2010, que tomou como amostra crianças de 5 a 9 anos de idade de todo o Brasil e das áreas urbanas e rurais. Ainda, esse segmento está imerso no uso das tecnologias, com probabilidades de crescimento. Para Martino (2015), quando esse fenômeno se torna tão presente, a ponto de ser visto como “naturalizado”, é porque transformou a vida das pessoas de maneira muito intensa. Isso não é por conta da tecnologia em si, mas por conta dessa interação e das relações ligadas a elas (MARTINO, 2015). Desse modo, o uso das tecnologias, embora também esteja presente no universo das crianças, dividem concepções e abordagens de estudiosos, cujas produções de saberes, sobre o consumo de tecnologia voltada para esse segmento, abordam várias perspectivas.

Ademais, os estudos científicos, que abordam o tema das interações sociais na infância, a partir das TICs, apontam um contexto de transformações que passam a confrontar as próprias concepções de infância construídas sócio-historicamente, bem como suas interações com seus pares e com os adultos.

Por isso, pesquisar o uso de tecnologias na infância, no âmbito da sociedade moderna, pressupõe o entendimento do conceito de infância nesse contexto. Assim, esse novo desafio refere-se à prática de se fazer ciência com a criança, a qual não deve ser considerada como um despertar da modernidade. Pelo contrário, deve ser encarada como uma profunda reflexão ou transformação da ideia de criança como um ser social ampliado. Nas definições de Willian Corsaro (2011), as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto simultaneamente contribuem para a produção das sociedades adultas. E a infância, segundo os termos do mesmo autor, é um período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas e compõe a sociedade.

Entretanto, observa-se que no cenário contemporâneo as mudanças históricas ocorridas no status social das crianças é acompanhado, via de regra, pelas produções discursivas *sobre as crianças*. Logo, esses discursos que proclamam as experiências das crianças com as tecnologias, de acordo com Pereira (2015), não escapam de ‘ficcional’ uma infância homogênea e universal em que não se reconhece os modos plurais de ser criança. (PEREIRA 2015).

⁷ Trata-se de uma pesquisa realizada pela CGI.BR (Comitê Gestor da Internet no Brasil) sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil com crianças entre 5 e 9 anos.

No caso do Brasil, país de extremas desigualdades sociais e culturais, uma pluralidade de infâncias se manifesta de formas diferenciadas em relação ao fenômeno do uso das tecnologias no seu cotidiano. Tal questão se apresenta em uma complexa discussão, sobretudo, no que diz respeito à busca do aprimoramento dessa realidade a partir dos contextos sociais e culturais infantis.

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo discutir as perspectivas teóricas propostas pela Sociologia da Infância, a qual busca pensar uma interlocução epistemológica entre a tecnologia e a infância. Aliás, este movimento envolve o deslocamento dos saberes reconhecidos, por meio dos discursos, para os “lugares” em que as crianças e suas famílias realmente circulam na Cibercultura, ou seja, nas práticas cotidianas diferenciadas de uso e apropriação de tecnologias das crianças, assim com as suas interações com os seus pares, a família e a sociedade. Para tanto, buscou-se, por meio de uma pesquisa bibliográfica, identificar as produções acadêmicas desenvolvidas, a partir do tema da interação das tecnologias com as crianças, e distinguir as perspectivas teóricas, bem como as tendências discursivas abordadas sobre esse fenômeno na contemporaneidade.

Para Pereira (2015), pesquisar o que é contemporâneo pode ser um desafio, pois aguça o caráter de enigma e de construção de saberes. Mas, por outro lado, pesquisar aquilo que emerge em permanente fluxo, no contexto no qual estamos imersos, implica assumir certa parcialidade e aceitar o desamparo dos saberes historicamente acumulados, assim como, muitas vezes, se mostra insuficiente até mesmo para formular questões de investigação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo se caracteriza enquanto uma revisão teórica e foi construído como parte do trabalho de pesquisa, desenvolvida entre os anos de 2017 e 2018, com crianças e suas famílias de diferenciados segmentos socioculturais da cidade de Viçosa- MG. Ainda, o objetivo foi discutir as perspectivas teóricas propostas pela Sociologia da Infância, a qual busca pensar uma interlocução epistemológica entre a tecnologia e a infância. Conforme os pressupostos de Pereira (2015), esse processo de pesquisa com as crianças deve ser de forma ética e comprometida com a época em que esses indivíduos estão inseridos.

Foi, então, realizada uma pesquisa bibliográfica através de artigos científicos publicados nas seguintes plataformas digitais: Portal de Periódicos CAPES/MEC⁸, IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia pelo Portal Brasileiro de Publicações

⁸ <https://www.periodicos.capes.gov.br>

Científicas em Acesso Aberto- oasisbr)⁹ e na Biblioteca de Periódicos da plataforma SciELO¹⁰, com os descritores “crianças e tecnologias” e “infância e tecnologia”. Embora a quantidade de artigos revelados nesse processo de revisão tenha sido relevante (1266 artigos), uma leitura inicial dos títulos e dos resumos mostrou que boa parte desses artigos resultavam de fontes não científicas¹¹ e apresentavam conteúdos não propostos no presente estudo. Dessa forma, além dos artigos repetidos, alguns critérios de exclusão foram estabelecidos para o começo de uma análise mais profunda e um investimento na leitura:

- Idade dos sujeitos envolvidos na pesquisa não contemplados (adolescentes, adultos): sobre esse aspecto, percebeu-se um significativo investimento em pesquisas com sujeitos após os sete anos de idade, em que as crianças estão no início da alfabetização. E vai ao encontro do sentimento moderno de infância ligados os valores e expectativas adultas de que as crianças precisam se preparar para estarem inseridos na sociedade.
- Trabalhos sobre assuntos não contemplados:
 - ✓ Práticas reprodutivas de casais homoafetivos, técnicas de conhecimento e detecção precoce de doenças, técnicas cirúrgicas, dispositivos assistenciais do governo, dispositivos de controle e assistência jurídica.

Além disso, os estudos, que emergiram desse primeiro levantamento, comprovaram a teoria de Pereira (2015) de que este campo de pesquisa ainda é desconhecido e possível de ser explorado de diferentes maneiras. À vista disso, o paradoxo, que envolve tanto as particularidades quanto as complexidades dos temas Cibercultura e infância, contribui para o aumento do investimento e do número de pesquisas nesta área. Entretanto, para a autora, no processo de transformações que estamos imersos, em termos tecnológicos ou subjetivos, essas pesquisas são, reiteradamente, de caráter ensaístico, repetitivo, conflituoso e ideológico. Diante dessa incompletude e do pouco número de pesquisas, que discutiram as práticas cotidianas das crianças e suas famílias em uma abordagem cultural, houve a necessidade de realizar uma segunda revisão, no Portal de Periódicos CAPES/MEC, utilizando como descritores as palavras “cibercultura” e “infância”.

⁹ <http://www.oasisbr.ibict.br>

¹⁰ <http://www.scielo.br>

¹¹ Essas fontes são referentes à artigos publicados em revistas não científicas (ex: Revista Veja, Revista Época, Guia do Estudante)

2.1 O uso das TICs e a Cultura Infantil

Manuel Jacinto Sarmiento e Alan Prout dizem que a infância, via de regra, é retratada pela sua condição de negação, isto é, o que não pode, o que não fala, o que não sabe. Então, romper com essa abordagem é dizer que a criança está sendo pensada a partir do que é, do que sabe, do que pode, das suas competências, das suas formas de construir culturas, das suas formas de elaborar sistemas ideológicos e não necessariamente coincidentes com os adultos. De acordo com Pereira (2015), romper com a lógica determinista significa que a criança é pensada e convidada a se enunciar a partir do lugar onde realmente está. Contudo, faz parte dessa construção o exercício de problematizações sociais, culturais e históricas e que, por meio delas, pode se considerar as expectativas de um “lugar” em que essas crianças deveriam estar.

De acordo com Buckingham (2006), a infância, tal qual a concebemos, desde a sua “descoberta”, está mudando. No entanto, as interações das tecnologias com as crianças não são as únicas causas dessas mudanças e nem tão pouco essas interações estão associadas com as discussões manifestadas entre as dicotomias “morte da infância” e uma “autonomia” da criança diante dos seus usos.

Logo, os discursos e as representações culturais sobre a infância dizem muito mais sobre os investimentos de vida da criança e do mundo adulto, que são baseados em uma ideia de infância do que na realidade das vidas das crianças. Ainda, essas ideias são fundamentadas em pressupostos nostálgicos de uma “infância perdida”, de brincadeiras, e liberdade. Todavia, não podem ser desconsideradas na sua totalidade, pois elas fazem parte de um esforço dos adultos em estar sob controle da infância real e do eterno luto da infância que viveram.

Para evitar pensamentos reducionistas, e tão pouco determinismos, na investigação do uso das TICs por crianças, esse processo se destaca por perceber que tal uso envolve outros fatores os quais são essenciais para se investigar esse fenômeno na vida das crianças, por exemplo, como o gênero, condições sociais, etnia, assim possibilita também corroborar com a tese de Prout (1987) de “ir além dos dualismos” e identificar outras possibilidades de investigação quando se tenta desvelar as realidades culturais infantis.

Por isso, o uso das TICs, na vida das crianças, precisa ser compreendido em um contexto mais amplo, considerando as mudanças de concepções da infância ao longo da história e também a mudança no estatuto social das crianças. Segundo Buckingham (2006), diferentes contextos sociais, culturais e econômicos são responsáveis pela diversidade nas concepções de infância, construídas nos ambientes das famílias e nas escolas. Dessa maneira, as características particulares das crianças, bem como suas limitações, foram definidas coletivamente em

processos discursivos e sociais que as colocam como uma categoria específica. Por conseguinte, essas definições se materializaram em formas diferenciadas e particulares de práticas sociais e institucionais, que por sua vez ajudaram a produzir e legitimar práticas consideradas tipicamente infantis. Ainda, as expectativas das instituições família e escola são contraditórias em si mesmas. De um lado querem que as crianças cresçam, para que se tornem independentes e considerarem-nas maduras e responsáveis, por outro lado, não dão oportunidades para que elas possam aprender, isso por considerá-las imaturas e inexperientes (BUCKINGHAM, 2006).

Walter Benjamin, em sua teoria crítica da cultura e da modernidade, não toma as crianças como um devir, nem tampouco como sujeitos sociais incompetentes ou passivos e incompletos por sua idade. Ainda, esse sociólogo as considera como sujeitos sociais imersos na problemática histórica de seu tempo. Desse modo, as experiências das crianças se distinguem das experiências vividas pelos adultos, na medida em que possuem formas peculiares de ser e estar no mundo (SANTOS, 2015). Ademais, essa universalização, que configura uma infância global, única, precisa ser problematizada, pois não temos infância e sim infâncias, as quais possuem realidades diferenciadas assim como materializadas em seus artefatos e traços culturais (MÜLLER, 2006).

Para Pereira (2015), a infância é a experiência própria das crianças e que constitui a vida adulta em forma de memória. Entretanto, a autora¹² pondera que as experiências das crianças não são universais e nem construídas de forma isolada. Logo, essas experiências são articuladas entre o agir infantil e as expectativas, bem como os discursos formulados em torno delas nas diferentes épocas. Então, é o que nos permite compreender a infância como uma narrativa de construção histórica, social e cultural. Por isso, essas narrativas, que reconhecem a diversidade da experiência da infância, ajudam a problematizar a demanda pela construção de concepções contemporâneas plurais em relação à infância.

Nesse contexto, o conceito de culturas também nos ajuda a compreender e desmistificar as “incompletudes”, além de possibilitar que se perceba a heterogeneidade nas ações cotidianas dos sujeitos crianças. Segundo Barbosa (2014), o conceito de cultura está relacionado aos estudos de Antropologia e já foi concebida como um conjunto homogêneo de práticas, normas e valores que determinavam uma sociedade. Além disso, essas características eram utilizadas para classificar e comparar os grupos por meio das culturas dominantes, porém de uma forma muito restrita por negar as práticas localizadas e as iniciativas das ações dos sujeitos. Nessa perspectiva, as crianças eram negadas duas vezes: pelo poder de uma cultura dominante e pelo

¹² Ibid.,2015.

poder da cultura do adulto (BARBOSA, 2014). De acordo com a referida autora, o reconhecimento da cultura da infância, em meio a outras que surgem no contexto das relações sociais, a cultura negra, a cultura jovem, cultura de massas, cultura popular, por exemplo, são concebidas em oposição a uma cultura dominante. A partir disso, Corsaro (2011) reitera que as crianças são marginalizadas pelas posições submissas na sociedade e pelas concepções da infância. No contexto brasileiro, essa concepção também vem sendo problematizada pelo reconhecimento da interligação das culturas e por uma mescla de resistências, incorporações e recriações (BARBOSA, 2014).

Essa negação das crianças foi problematizada no momento que a ciência defende a ideia de culturas como possibilidade de existência de muitas práticas quotidianas. As compreensões das culturas a partir das ações do quotidiano possibilita conhecer os saberes dos sujeitos em seus ambientes e as crianças como esses sujeitos, também são capazes de criar, de atribuir e de compreender os significados. (BARBOSA, 2014: 654)

Para Sarmiento (2004), as culturas da infância revelam a cultura da sociedade na qual as crianças estão inseridas, porém de forma diferente das culturas dos adultos, pois produzem significados distintos. Ao mesmo tempo “veiculam formas infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo”¹³, que contribuem para a construção de uma infância enquanto geração permanente.

As culturas infantis envolvem, portanto, as culturas dos adultos e as culturas produzidas para e pelas crianças (MÜLLER, 2006). Por conseguinte, a cultura produzida para as crianças envolve a cultura do consumo e a cultura escolar relacionada aos processos de administração simbólica¹⁴ que tendem à globalização da infância. Assim, a Globalização colabora com a oferta de produtos universalizados como se todas as crianças partilhassem das mesmas condições socioeconômicas e dos mesmos gostos.

Para Corsaro (2011), as culturas de pares são construídas com um grupo de crianças em idades aproximadas que se encontram cotidianamente e compartilham movimentos, valores, interesses, rotinas, artefatos, brincadeiras e espaços.

[...] as culturas infantis são as culturas produzidas pelas crianças, nos seus fazeres da vida cotidiana, sozinhas ou em interlocução com outras crianças, com a presença ou não dos adultos, no interior de uma cultura heterogênea e

¹³ Ibid., 2004, p.12.

¹⁴ O conceito de administração simbólica refere-se às normas, procedimentos materializados em forma de atitudes e prescrições, nem sempre formais ou encontradas em algum manual escrito, mas que condicionam a vida das crianças e que segundo Sarmiento (2004), constroem a vida das crianças na sociedade. Essas regras condicionam os modos de vida das crianças na modernidade e estabelecem a ‘normatividade’ na sociedade. A partir delas, tem-se determinadas expectativas sociais: espaços ou lugares permitidos às crianças, tipos de alimentação oferecidos e proibidos, momentos permitidos ou não na vida coletiva em sociedade. Essas regras não só direcionam o lugar da criança, como também do adulto, e definem fronteiras claras entre as duas gerações (SARMENTO, 2004).

abrangente. As crianças estão imersas em várias culturas e singularizam essas informações culturais em seus pequenos grupos de convívio e também individualmente. As crianças têm competência para agir e, desde muito pequenas, aprendem por meio do convívio social (BARBOSA, 2014: 657).

Barbosa (2014) acrescenta que os saberes das crianças se encontram ligados às atividades do dia a dia e que, portanto, não estão exatamente atrelados na transmissão desses saberes ou dessas culturas, como afirma a teoria da socialização¹⁵. Nesse sentido, os elementos das culturas infantis são transmitidos e reelaborados constantemente pelas relações intra e intergeracionais e são “contaminadas” (BARBOSA, 2014) por diversos contextos sociais e grupos diferenciados nos quais as crianças fazem parte no seu cotidiano.

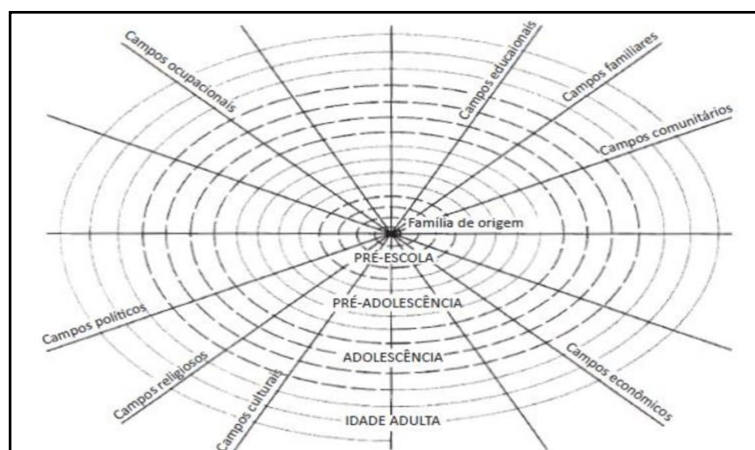
Ainda, nos termos de Corsaro (2011), a cultura não é simplesmente uma força ou variável que afeta como as crianças consomem a tecnologia. Ao contrário, os processos do consumo da cultura material e simbólica são vistos como profundamente enraizados nas reproduções interpretativas e coletivas de suas culturas de pares e da sua cultura lúdica infantil. Tal estudioso se desvincula da teoria da socialização e se utiliza do conceito da Reprodução Interpretativa para explicar o papel social das crianças na construção das suas culturas e da sua participação ativa das crianças, tanto na preservação como na mudança social.

Além disso, para esse autor, as crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas que as integram, sendo que essas culturas e sociedades, já foram moldadas e afetadas por processos de mudanças históricas. Por esse viés, a palavra Reprodução está ligada a ideias de produção de culturas, mudança, internalização. Contudo, as crianças não a fazem de modo passivo e, por participarem ativamente desse movimento, são constrangidas pela sociedade. Ademais, o termo Interpretativa se refere aos aspectos inovadores e criativos dessa participação (CORSARO, 2011).

Corsaro (2011) sugere um modelo de teia global (Figura 1) para representar o processo de reprodução interpretativa e as suas características produtivas e reprodutivas, por meio da metáfora da teia de aranha:

¹⁵ Para o sociólogo, os pressupostos da teoria da socialização vão de encontro com as concepções de crianças que participam ativamente da sociedade desde o seu nascimento. Para este autor, o termo socialização tem uma conotação individualista e progressista, sugerindo a formação e a preparação da criança para um devir futuro (CORSARO, 2011).

Figura 1: Modelo de teia global sugerido por Corsaro (2011):



Fonte: (CORSARO, 2011: 38).

Na figura 1, o eixo central é representado pela família que serve como uma ligação de todas as instituições culturais para as crianças, ou seja, as crianças ingressam na cultura por meio de suas famílias, desde que nascem. Ainda, os raios do modelo representam faixas de locais ou campos que compõe diversas instituições sociais (familiares, comunitários, econômicos, culturais, religiosos, políticos, ocupacionais e educacionais) onde o comportamento e as interações institucionais acontecem.

De acordo com Corsaro (2011), o modelo da teia global é fundamental para a visualização do processo (de forma abstrata) de construção da participação das crianças em duas culturas, a das crianças e a dos adultos. Então, captura a ideia de que essas culturas são complexamente interligadas e de que as crianças afetam e são afetadas pela sociedade.

Ainda que sejam afetadas por muitas experiências que ocorrem por meio de interações com o mundo adulto e se encontrem em campos institucionais (ou passagens de vários raios), **as culturas infantis de pares são produções coletivas inovadoras e criativas**. Nesse sentido, as teias ou espirais de culturas de pares são coletivamente tecidas sobre o quadro de conhecimentos culturais e instituições aos quais as crianças se integram e que ajudam a construir (CORSARO, 2011: 39-grifos do autor)

Dois elementos integram a noção da reprodução interpretativa: (1) a importância da linguagem e das rotinas culturais e (2) a natureza reprodutiva da participação das crianças na evolução de suas culturas. No que se refere ao primeiro, a língua é fundamental para a participação das crianças em sua cultura como um sistema simbólico que codifica a estrutura

local, social e cultural, além de ser como uma ferramenta para estabelecer (manter ou criar) realidades sociais e psicológicas.

Desse modo, os recursos de linguagem são incorporados e contribuem para o cumprimento das rotinas concretas da vida social. Dessa maneira, a participação das crianças nas rotinas culturais é um elemento essencial da reprodução interpretativa. Aliás, o caráter habitual das rotinas, mais considerado como óbvio e comum (para se encontrar as crianças, como na escola), fornece às crianças, e aos outros atores sociais envolvidos, a segurança e a compreensão de pertencerem a um grupo social. Esse caráter previsível, no entanto, fortalece as rotinas ao fornecer um contexto privilegiado no qual uma ampla variedade de conhecimentos socioculturais pode ser produzida, exibida e interpretada (CORSARO, 2011).

Nas sociedades modernas, as crianças, cada vez mais novas, começam a interagir com outras crianças e outros adultos, que não são membros da sua família e pertencentes a outros campos institucionais. Assim, são nesses domínios institucionais, tal como na família, que as crianças começam a produzir e a participar de uma série de cultura de pares. Segundo Pereira (2015), nesses espaços as crianças entram em contato com as tecnologias e essas experiências afetam material e simbolicamente os seus modos de viver, de brincar, de se relacionar com o mundo em que vivem. Isso porque no processo das transformações contemporâneas, as tecnologias são decisivas na produção e na circulação da cultura. Para a autora¹⁶, “a cultura contemporânea cuja produção material e simbólica se dá pelo atravessamento direto ou indireto das tecnologias nas experiências cotidianas”, o que compreende a concepção da produção de Cibercultura.

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna (LEMOS, 2003, p.12).

Sobre a cultura lúdica infantil na produção da Cibercultura, a infância se apropria de imagens e de representações diversas que transitam por muitos canais. Dessa forma, suas fontes são muitas, assim as brincadeiras e os objetos considerados brinquedos - com suas especificidades - é uma dessas fontes. Então, esses objetos trazem para a criança um suporte de

¹⁶ Ibid.,2015, p.295.

ação, de manipulação, de conduta lúdica, por exemplo, também trazem, formas, imagens e símbolos para serem manipulados. (BROUGÈRE 2004; 2008; 2010).

Portanto, o objeto tem o papel de despertar imagens que permitirão dar sentido a essas ações. Nesse sentido, as tecnologias, enquanto um objeto que fornece suporte para as representações, podem se caracterizar como um brinquedo ou como parte da brincadeira no universo lúdico infantil. Para Brougère (2010, p.14), “o que caracteriza a brincadeira é que ela pode fabricar seus objetos, em especial, desviando de seu uso habitual os objetos que cercam a criança; além do mais, é uma atividade livre, que não pode ser delimitada.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A varredura teórica identificou duas principais abordagens: na primeira, o uso de tecnologia é analisado a partir de uma perspectiva do determinismo tecnológico em que não se leva em conta a autonomia dos sujeitos, assim vigorando as possibilidades positivas e negativas associadas ao seu uso (SIMÕES, 2005). Nessa linha, os autores enxergam a infância como algo substantivo e as crianças são concebidas como incapazes, incompletas e ingênuas. Ademais, sobressaem os trabalhos que, numa abordagem positiva da tecnologia, veem-nas como instrumentos para a tecnologia assistiva, isto é, o uso pedagógico para fins educacionais formais e informais.

E, na segunda, uma abordagem negativa, outros estudos identificam ‘os males trazidos pela tecnologia à infância’. Em outra perspectiva, as pesquisas definem a infância e a tecnologia como socialmente constituídas, em que as crianças são concebidas como atores sociais participantes da construção da sua cultura e da Cultura como um todo. Logo, a interação das tecnologias é considerada atrelada à construção social da infância e os estudos abordam essas interações enquanto construídas a partir da sua cultura. Tais definições e concepções de infâncias, das crianças e das tecnologias implicam em construções de práticas particulares de organização social e política na Cibercultura.

3.1 A tecnologia Assistiva

Esta perspectiva se destacou por conter o maior número de publicações e, conseqüentemente, um maior investimento em pesquisa. Além disso, os estudos revelam a vida de famílias e crianças que necessitam de muitos suportes, além dos empregados, para que se estabeleça uma rotina normativa de cuidados e de educação. As discussões se estabelecem em torno do uso positivo das tecnologias como suporte para a melhoria da qualidade de vida dessas crianças e suas famílias. Ainda, abordam o uso de tecnologia como ferramentas pedagógicas

para crianças deficientes aumentarem o seu potencial de autonomia, desenvolvimento e aprendizagem (JESUS, SAMPAIO e BANILLA, 2015); (NASCIMENTO; LIZ, 2017); (ROCHA; DELIBERATO, 2012); tal como para crianças que dependem do uso de aparelhos eletrônicos para sua sobrevivência e a relação com o cuidado familiar (COSTA; GOMES; PINTO, 2011); (OKIDO et al, 2016); (RAMOS et al, 2016); (FLORIANI, 2010).

3.2 A tecnologia para fins educacionais formais e informais

Esta abordagem está relacionada às pesquisas que deram um enfoque às tecnologias como ferramentas pedagógicas no cotidiano das crianças. Nesse cenário de incertezas e possível controle do universo tecnológico na vida das crianças contemporâneas, os instrumentos tecnológicos “surgem” como possibilidades de serem mais uma ferramenta de ensino, assim como muitos jogos e brinquedos pedagógicos. Além do mais, abordam a formação de valores (VASQUES, 2012) e o uso de plataformas ou dos tecnobrinquedos como possibilidades de encontro e ampliação da socialização e interação de crianças (DUEK, 2016), como mecanismo de controle (RIVAS et al, 2017).

Há também discussões sobre como os conteúdos aprendidos fora do ambiente educacional formal podem potencializar as aprendizagens por meio das tecnologias (McTAVISH, 2013). O consumo de tecnologias, de acordo com outras pesquisas, também foi abordado como fonte para a construção de conceitos, conhecimentos, atitudes, hábitos de alimentação inadequados e estereótipos da cultura do consumo (CARVALHO; GOULART; MATTOS, 2013); (MORAES; MARINOSKI, 2015). Desse modo, a morte da infância é uma concepção relacionada ao uso das novas tecnologias modernas que considera a ruptura entre o mundo adulto e o mundo infantil. Nessa abordagem, esses usos podem levar ao fim das brincadeiras tradicionais infantis e ao fenômeno da adultização das crianças consumidoras de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC). Ainda, os argumentos dessas pesquisas são que as interações com as tecnologias restringem as possibilidades das crianças de serem crianças e viverem a sua infância, assim como a presença inegável da mídia com o seu poder de influência sobre as crianças. Essas, por sua vez, se apropriam de comportamentos, hábitos, lazer, cuidados, responsabilidades que não fazem parte do seu universo infantil (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016).

As tecnologias, enquanto ferramentas na escola formal, também foram responsáveis por grande parte das publicações encontradas na varredura teórica. Logo, os interesses desses pesquisadores se justificam por considerar a tecnologia importante demais para não ser utilizada como possibilidade de aprendizagem e/ou desenvolvimento das crianças nas escolas,

especificamente. Nesse sentido, as pesquisas mostram como são utilizadas as tecnologias (telas digitais, livros interativos) como metodologias na Educação Infantil e no Ensino Fundamental para as práticas curriculares e os impactos da tecnologia na aprendizagem escolar (DE PAULA; CASTRO; SANTOS, 2012); (GLÓRIA, 2012); (GOMES, 2011); (COELHO, 2012); (BRANCO, 2017); bem como as relações entre crianças e professores no universo das tecnologias em sala (NOVO, 2009); as representações das crianças no uso das tecnologias nas escolas (NG; SINCLAIR, 2014); e a utilização de ferramentas, como câmeras e iPads, para construção de livros bilíngues (ROWE; MILLER, 2015).

De acordo com os teóricos Manuel Jacinto Sarmiento e Rita Marisa Ribes Pereira, as pesquisas, que “insistem” em problematizar as tecnologias enquanto instrumentos, engessam temas contemporâneos em perguntas e concepções modernas, por conseguinte negligenciam a circulação das crianças em outros espaços sociais como a Cibercultura.

3.3 As tecnologias sob o ponto de vista cultural

As pesquisas que contemplam o acesso e o uso das TICs nas famílias, em uma abordagem da cultura, revelam que as mudanças nas sociedades contemporâneas ocorrem marcadamente no seu cotidiano, na dinâmica familiar, nas relações com a escola e na relação com os aparelhos os quais as crianças têm acesso. Por isso, esse acesso pode ser percebido de forma mais ou menos intensa dependendo da apropriação que as crianças fazem em seus contextos e como elas transformam a sua própria cultura (ALCÂNTARA; OSÓRIO, 2014).

Além disso, as referidas pesquisas problematizaram as interações das crianças com as tecnologias como construção social a partir da sua cultura. Por esse viés, os autores entendem que os usos das tecnologias mudaram as formas de viver as experiências do cotidiano das pessoas ao longo do tempo. E entendem, também, as atividades lúdicas infantis como sendo construídas sócio-historicamente e que as crianças foram se apropriando ativamente das tecnologias em uma perspectiva lúdica. De acordo com Corsaro (2011), essa perspectiva de olhar as crianças reflete em importantes mudanças nas visões de socialização, pautada nos ideais do liberalismo, em que cada criança de forma individual, apenas, internaliza habilidades e conhecimentos adultos.

A referida abordagem é adotada por Manuel Jacinto Sarmiento (2008) no estudo feito com crianças de 6 a 9 anos de idade em Portugal sobre o uso da internet. Essa tecnologia, segundo o resultado de suas pesquisas, faz parte da cultura das crianças nas expressões das suas gramáticas e nos eixos definidores das suas culturas (ludicidade, interatividade, fantasia do real e reiteração) - estreitamente relacionados à cultura dos adultos, mas que as crianças a

reinterpretam de acordo com o seu espaço. É importante frisar que outros autores destacaram o uso das tecnologias de forma criativa pelas crianças no seu cotidiano, ou seja, incorporado no universo das suas atividades lúdicas. Já que não representam o todo das experiências lúdicas das crianças, mas carregam maior ou menor valor dependendo do seu contexto social (ALMEIDA; ALVES; DELICADO; CARVALHO, 2013); (ALCÂNTARA, 2017); (FRANCISCO; SILVA, 2015).

Assim, o cotidiano das crianças e suas interações com a tecnologia são vistas, por muitos pais, tanto dentro de uma expectativa positiva como também por decepções. Nessa perspectiva, as representações sociais modernas de infância são enquadradas a partir de dualismos (crianças em perigo x crianças perigosas), conforme apontado por Prout (2010). Outrossim, as publicações analisam as tecnologias móveis entre os riscos e as oportunidades, o uso das tecnologias digitais como apoio em tomada de decisões (PARSONS, 2015); (PARSONS; SHERWOOD; ABBOTT, 2016); (RUCKENSTEIN, 2013); e a abordagem dos riscos e das oportunidades nas perspectivas dos pais, que consideram o uso em crianças menores de 3 anos mais positivo que negativo (ORTIZ et al, 2015). Já Monteiro e Osório (2015), também propõem um estudo entre os riscos e oportunidades, porém a partir das falas das crianças, concebendo-as como agentes sociais.

Sob outra perspectiva, Orofino (2015) busca contribuir nas discussões que compreendem as crianças como sujeitos de direito a serem investigados, assim imbrica em situar-se entre paradigmas que fogem das narrativas lineares: os interesses do mercado, o determinismo econômico e os valores morais relacionados ao estímulo à sexualização precoce ou à violência. Estes paradigmas, segundo a autora, impedem uma compreensão cultural mais dinâmica e revolucionária da relação infância e meios de comunicação, pois reiteram a condição da criança enquanto um sujeito incompetente diante do consumo das mídias nas sociedades contemporâneas. Portanto, os resultados desta pesquisa sugerem que as crianças de baixa renda, embora assistam programas que reproduzem conteúdos sangrentos e sensacionalistas, conseguem distinguir entre forma e conteúdo, desse modo, ressignificar a produção de narrativas para atingir os seus objetivos.

Para Silva et al (2017), os brinquedos e as brincadeiras “trazem” a imagem do seu tempo. Fazem relação do tempo/espaço da modernidade, onde a brincadeira dá lugar a outras ocupações das crianças nas escolas, oficinas de criatividade e cursos, cumprindo o horário de trabalho que seus pais também cumprem. Os autores acreditam que o acelerado desenvolvimento econômico e o consumo das tecnologias interferiram na cultura lúdica infantil

e, conseqüentemente, no modo de brincar das crianças. Essa perspectiva permitiu perceber as tecnologias como parte da cultura da infância, na medida em que problematizaram a interações das crianças com as tecnologias como construção social e como parte da sua cultura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho teve como objetivo discutir as perspectivas teóricas propostas pela Sociologia da Infância, a qual busca pensar uma interlocução epistemológica entre a tecnologia e a infância. Tal movimento envolve o deslocamento dos saberes, reconhecidos por meio dos discursos, para os “lugares” em que as crianças e suas famílias realmente circulam na Cibercultura, ou seja, nas práticas cotidianas diferenciadas de uso e apropriação de tecnologias das crianças, assim como as suas interações com seus pares, a família e a sociedade. Para tanto, buscou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica identificar as produções acadêmicas desenvolvidas a partir do tema da interação das tecnologias com as crianças e distinguir as perspectivas teóricas, bem como as tendências discursivas abordadas sobre esse fenômeno na contemporaneidade.

Então, a pesquisa apontou que as temáticas que unem as variáveis infância e cibercultura, ou a infância e as tecnologias, se mostraram incipientes na produção acadêmica. Logo, esse resultado reafirma o que os pesquisadores Manuel Jacinto Sarmiento e Rita Marisa Ribes Pereira dizem em relação à marca da atividade e da produção acadêmica sobre a infância e das tecnologias serem relacionados a perspectiva do uso pedagógico. Ainda, os mesmos autores salientam que as pesquisas que problematizam as tecnologias, enquanto instrumentos, engessam temas contemporâneos, e conseqüentemente, negligenciam a circulação das crianças em outros espaços sociais como a Cibercultura.

A varredura teórica identificou duas principais abordagens: na primeira, com um maior volume de produções, o uso de tecnologia é analisado a partir de uma perspectiva do determinismo tecnológico em que não se leva em conta a autonomia dos sujeitos, vigorando as possibilidades positivas e negativas associadas ao seu uso. Além disso, sobressaem os trabalhos que veem as tecnologias, numa abordagem positiva, como instrumentos para a tecnologia assistiva, isto é, o uso pedagógico para fins educacionais formais e informais. E, numa abordagem negativa, outros estudos identificam ‘os males trazidos pela tecnologia à infância’. Em outra perspectiva, as pesquisas definem a infância e a tecnologia como socialmente constituídas, em que as crianças são concebidas como atores sociais participantes da construção da sua cultura e da Cultura como um todo. Desse modo, a interação das tecnologias é considerada atrelada à construção social da infância e os estudos abordam essas interações

construídas a partir da sua cultura. Tais definições e concepções de infâncias, crianças e tecnologias implicam em construções de práticas particulares de organização social e política na Cibercultura.

A partir desses resultados percebemos que a experiência da infância na tecnologia será sempre mais ampla do que o recorte dado na pesquisa. Entretanto, ao optarmos por grupo de autores cujas abordagens teóricas privilegiam a cultura, o que concebe a infância e a tecnologia como social e historicamente constituídas para sua investigação. Portanto, esta pesquisa contribui para que estes aspectos da experiência da infância – e as diferenciadas experiências cotidianas das crianças e suas famílias - ganhem legitimidade no debate social. Nesse sentido, essa escolha permite um exercício de compreensão das crianças, de suas famílias e da sociedade, tal como das negociações, dos comportamentos, das construções e dos constrangimentos que fazem parte da interação das suas culturas contemporâneas, em especial da construção da Cibercultura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Alessandra. O brincar em ambiente virtual. In: **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

ALCÂNTARA, Alessandra; OSÓRIO, António. Da “morte” da infância à infância no digital: uma discussão sobre o lugar da infância no consumo de produtos digitais. In: **Culturas infantis do consumo: práticas e experiências contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. 255p.

ALMEIDA, Ana Nunes de; ALVES, Nuno de Almeida; DELICADO, Ana; CARVALHO, Tiago. Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. *Análise Social*, 207, XLVIII (2.º), 2013, 340 – 365.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **R. Fac. Edc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.

_____, Gilles. Brinquedos e companhia; tradução de Maria Alice A. Sampaio Dória; revisão técnica de Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2004.

_____, Gilles. Brinquedo e cultura; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. - 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Maria Tereza Fonseca da; GOMES, Maria Auxiliadora; PINTO, Márcia. Dependência crônica de ventilação pulmonar mecânica na assistência pediátrica: um debate necessário para o SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(10):4147-4159, 2011.

DE PAULA, Débora Gomes; CASTRO, Guilherme Augusto Soares de; SANTOS, Ana Clara Oliveira. Aprendizagem mediada pelo computador: as crianças e as telas digitais

Revista Tecer - Belo Horizonte – vol. 5, nº 9, novembro de 2012.

DUEK, Carolina. El juego contemporáneo y las nuevas plataformas: la construcción de nuevos espacios de juego y de interacción. **Intercom- RBCC**. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 193 – 210, jan./abr. 2016.

FLORIANI, Ciro A. Home-based palliative care: challenges in the care of technology-dependent children. **J Pediatr (Rio J)**. 2010;86(1):15-20.

GOMES, Elaine Messias. Uma experiência com o uso da Lousa Digital Interativa por profissionais da educação infantil. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.12, n.esp., p.268-286, mar. 2011.

GUEDES, Brenda. Feito para você? Uma reflexão sobre os discursos publicitários que dialogam com a infância e se propõem como coparticipantes na formação de cidadãos responsáveis. In: **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

JESUS, Lana Tuan Borges de; SAMPAIO, Alexandra da Silva Santos; BONILLA, Maria Helena Silveira. Tecnologia assistiva para crianças cegas: produtos de apoio para a mobilidade pessoal. **Revista Educação Especial** v. 28 n. 51 p. 165-180 jan./abr. 2015.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MCTAVISH, Marianne. “I’ll do it my own way!”: A young child’s appropriation and recontextualization of school literacy practices in out-of-school spaces. **Journal of Early Childhood Literacy**. 2013, Vol. 14(3) 319–344.

MORAES, Denise Rosana da Silva; MARINOSKI, Laur Duarte. Uma análise pedagógica da mídia no estatuto da criança e do adolescente. **Revista UNINTER de Comunicação**, vol. 3, n.5, p. 53 - 68 jul – dez 2015.

MÜLLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Edu. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro; LIZ, Ana Paula Cortina. Jogos digitais no ensino da língua portuguesa para crianças surdas. **Revista Periferia**, v.9 n.1 jan-jun 2017.

NG, Oi-Lam; SINCLAIR, Nathalie. Young children reasoning about symmetry in a dynamic geometry. *Environment*. **ZDM Mathematics Education** (2015) 47:421–434.

OKIDO, Aline Cristiane Cavicchioli; CUNHA, Suelen Teles da; NEVES, Eliane Tatsch; DUPAS, Giselle, LIMA, Regina Aparecida Garcia de. Technology-dependent children and the demand for pharmaceutical care. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2016.

OROFINO, Maria Isabel. O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niños y Juventud, 13 (1), pp. 369 – 381, 2015.

OSÓRIO, António José; MONTEIRO, Ana Francisca. Novas tecnologias, riscos e oportunidades na perspectiva das crianças. **Revista Portuguesa de Educação**, 2015, 28(1), pp. 35-57.

ORTIZ, Yaritza García; ÁLVAREZ, Claudia Machado; MARTÍN, Omar Cruz; LEÓN, Mairelys Mejías; MACHADO, Yurianely Machado; LORENZO, Claudia Cruz. Utilidad y riesgo en el consumo de nuevas tecnologías en edad temprana, desde la perspectiva de los padres. **Humanidades Médicas** 2015;15(1): 88-106.

PARSONS, Sarah. The Potential of Digital Technologies for Transforming Informed Consent Practices with Children and Young People in Social Research. **Social Inclusion**. (ISSN: 2183-2803) 2015, Volume 3, Issue 6, Pages 56-68.

PARSONS, Sarah; SHERWOOD, Gina; ABBOTT, Chris. Informed Consent with Children and Young People in Social Research: Is There Scope for Innovation? **CHILDREN & SOCIETY** VOLUME 30, (2016) pp. 132–145.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Precisamos conversar! Questões para pensar a pesquisa com crianças na cibercultura. In: **Infância: sociologia e sociedade**. REIS, Magali dos; GOMES, Lisandra Ogg (Orgs.). São Paulo: Edições Levana / Attar Editorial, 2015. 400 p.

PROUT, Alan. Participação, políticas e as condições da infância em mudança. In: **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições** / Fernanda Müller, (org.)- São Paulo: Cortez, 2000.

RAMOS, Daniele Zuba; LIMA, Cássio de Almeida; LEAL, André Luiz Ramos, PRADO, Patrícia Fernandes do; OLIVEIRA, Valdira Vieira de ; SOUZA, Ana Augusta Maciel de; FIGUEIREDO, Mirela Lopes de; LEITE, Maisa Tavares de Souza. A participação da família no cuidado às crianças internadas em unidade de terapia intensiva. **Rev Bras Promoç Saúde**. Fortaleza, 29(2): 189-196, abr./jun., 2016.

RIVAS, Fernanda Carrasco; VOCAR, Rocío Droguett; CANTERGIANI, Denisse Huaiquil; TURRIETA, Alejandra Navarrete; SILVA, María José Quiroz; ESPINOZA, Helder Binimelis. El uso de dispositivos móviles por niños: Entre el consumo y el cuidado familiar. **CUHSO CULTURA HOMBRE SOCIEDAD**. julio 2017 issn 0719-2789 vol. 27 • núm. 1 págs. 108-137.

ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado; DELIBERATO, Débora. Tecnologia assistiva para a criança com paralisia cerebral na escola: identificação das necessidades. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.18, n.1, p. 71-92, Jan.-Mar, 2011, 2012.

ROWE, Deborah Wells; MILLER, Mary E. Designing for diverse classrooms: Using iPads and digital cameras to compose eBooks with emergent bilingual/biliterate four-year-olds. **Journal of Early Childhood Literacy**. 2016, Vol. 16(4) 425–472.

RUCKENSTEIN, Minna. Spatial extensions of childhood: from toy worlds to online communities. **Children's Geographies**, 2013, Vol. 11, No. 4, 476–489

SANTOS, S. V. S. dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 26, n. 2 (77) | p. 223-239, mai./ago. 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga. 2004. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acesso em 25/08/2017.

SARMENTO, M.; GOUVEA, M.C.S. (orgs). **Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis, Vozes, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis. Vozes (17-39), 2008.

SILVA, M. F. dos S; ANDRADE, A. P de; TORRES, M. F. de P; AMORIM, G.C.C. As brincadeiras das crianças de ontem e de hoje no contexto sociocultural. **HOLOS**, Ano 33, Vol. 03, 2017.

SIMÕES, Maria. João. **Política e Tecnologia: Tecnologias da Informação e da Comunicação e Participação Política em Portugal**. Oeiras, Celta, 2005.

WEBER, Tiziana Brenner B; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, Eliane Cristine. Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial. **Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba - PR – 26 a 28/05/2016.

2. DESIGUALDADES SOCIAIS NO USO DAS TICS POR CRIANÇAS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS: O CASO DE VIÇOSA - MG

SOCIAL INEQUALITIES IN THE USE OF TICS BY CHILDREN IN PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS: THE CASE OF VIÇOSA - MG

Resumo: Boa parte da vida moderna está ligada às relações articuladas com as tecnologias, e as crianças contemporâneas também ocupam esse espaço em que se caracterizam os processos de globalização e a construção de uma infância naturalizada e universal. Entretanto, no Brasil, um país de extremas desigualdades sociais, uma pluralidade de infâncias se manifesta de formas diferenciadas em relação a esse fenômeno no seu cotidiano. A partir desse cenário, o presente artigo teve como objetivo analisar o acesso e o uso das TICs por crianças, entre 4 e 6 anos de idade, em diferentes segmentos sociais de uma cidade do interior de Minas Gerais. Para tanto, utilizou-se da busca de informações de suas práticas cotidianas do consumo de tecnologias, através de questionário, respondido por 57 famílias distribuídas em escolas públicas e particulares da cidade. A partir da contribuição teórica da Sociologia da Infância, pôde-se perceber que os acessos e os usos das TICs pelas crianças não são homogêneos, devido às suas condições sociais e aos referenciais culturais que estão disponíveis para a produção das culturas infantis.

Palavras chave: Consumo de TICs. Crianças. Cultura Infantil.

Abstract: Much of modern life is linked to the articulated relationships with technologies, and contemporary children also occupy this space in which the processes of globalization and the construction of a naturalized and universal childhood are characterized. However, in Brazil, a country of extreme social inequalities, a plurality of childhoods manifests itself in different ways in relation to this phenomenon in their daily lives. Based on this scenario, the present article aimed to analyze the access and use of ICTs by children, between 4 and 6 years of age, in different social segments of a city in the interior of Minas Gerais. For that, we used the search for information about their daily practices of technology consumption, through a questionnaire, answered by 57 families distributed in public and private schools in the city. From the theoretical contribution of Sociology of Childhood, it was possible to perceive that the accesses and uses of ICTs by children are not homogeneous, due to their social conditions and cultural references that are available for the production of children's cultures.

Keywords: Consumption of TICs. Children. Children's Culture.

2.1. INTRODUÇÃO:

“São tantas crianças, diversas infâncias, que se aproximam, se afastam... mas que estão todas aí!” (Lopes e Mello, O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis, 2009, p.13)

Boa parte da vida moderna está ligada às relações articuladas com as tecnologias¹⁷, bastantes presentes no cotidiano das pessoas. Conforme aponta recente pesquisa desenvolvida pela TIC DOMICÍLIOS (2017)¹⁸, 24,3 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, com idade entre 9 e 17 anos, o que corresponde a cerca de 80% dessa população, têm acesso à internet por meio expressivo de equipamentos móveis (TIC DOMICÍLIOS ON LINE BRASIL 2017).

A infância contemporânea também ocupa um lugar nos processos de globalização e nos cenários dinâmicos dessas práticas de consumo, cujo fenômeno manifesta-se na expansão crescente do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) (ALCÂNTARA; OSÓRIO, 2014). De fato, no relatório metodológico do TIC Crianças/2010, que tomou como amostra crianças de 5 a 9 anos de idade de todo o Brasil de áreas urbanas e rurais, alguns pontos chamam a atenção: mais de 50% das crianças usam o computador e as redes sociais já fazem parte de 29% da vida dessas crianças; o domicílio é o local de acesso mais comum por crianças das áreas urbanas, enquanto a escola é o mais citado em áreas rurais; 20% das crianças, que já usaram o computador, afirmam ter aprendido sozinhas; e mais de 59% das crianças afirmam ter usado o telefone celular (TIC Crianças/2010).

Por outro lado, no Brasil, um país de extremas desigualdades sociais¹⁹, uma pluralidade de infâncias se manifesta de formas diferenciadas em relação a esse fenômeno. Além disso, percebemos uma lacuna nas pesquisas, que invisibilizam as crianças mais novas e não abarcam o consumo das TICs relacionado ao contexto cultural inerente aos diferentes segmentos sociais em que essas diversas infâncias se manifestam. Nesse cenário, este artigo teve como objetivo

¹⁷ As Tecnologias, especificamente as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), são abordadas nesse artigo em uma perspectiva sociológica da infância, enquanto práticas sociais construídas nos diversos cenários culturais das crianças. Considera-se, nos termos de Belloni (2010), a televisão, aparelhos de DVD, antenas ligadas à tv; jogos de videogame e de computador; iPods, MP3, telefones celulares, aplicativos, internet e redes sociais.

¹⁸ A CETIC.br realizou pesquisas nos domicílios rurais e urbanos brasileiros, com adultos, crianças e adolescentes, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e da internet no Brasil. Para mais informações consulte o site: <http://www.cetic.br>.

¹⁹ De acordo com recente pesquisa TIC Domicílios 2017 (CGI.BR), as desigualdades no acesso às TICs ainda permanecem (resultados comparados com as pesquisas realizadas em anos anteriores), e se manifestam por classe socioeconômica e por áreas urbanas e rurais. Os resultados da referida pesquisa mostram que o acesso à internet está presente em 99% e 93%, respectivamente nas classes A e B e 30% dos domicílios de classe D/E; e 34% das residências, pertencem à área rural.

analisar o acesso das TICs por crianças de 4 a 6 anos em diferentes segmentos sociais, no contexto de escolas públicas e privadas de uma cidade do interior de Minas Gerais, para se compreender como esse fenômeno se manifesta na cultura infantil. Além disso, a importância do tema se coloca na compreensão desses processos de consumo capitalista que incluem as crianças, cada vez mais novas, em uma lógica moderna de consumidores ativos de TICs e outras mídias. Essa questão resvala para uma complexa discussão, sobretudo, no que diz respeito à busca pelo aprimoramento dessa realidade, a partir das crianças, das suas práticas cotidianas diferenciadas de consumo e apropriação de tecnologias, bem como suas interações na família e na sociedade.

Para alcançar os objetivos propostos, no artigo, organiza-se no debate dos processos da globalização e de como a infância contemporânea se caracteriza nesses cenários dinâmicos da Cultura do Consumo, especificamente das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs). Ainda, apresentamos os cenários das realidades sociais das famílias inquiridas por meio das análises dos indicadores como escolaridade, renda, moradia. Em seguida, as diferenças, materializadas nas posses, nos acessos e na frequência, de uso das TICs pelas crianças. Destarte, pudemos desenvolver algumas considerações acerca dos dados que foram reunidos e analisados.

2.2. METODOLOGIA

Este trabalho é resultado da análise de parte dos dados de um questionário respondido por 57 famílias, os quais agregou além das crianças na faixa etária entre 4 e 6 anos de idade, as mães, pais e/ou responsáveis, residentes no centro, na zona rural e em bairros periféricos da cidade de Viçosa, MG. Ainda, essa amostra foi definida por meio da amostragem por conglomerado (BABBIE, 2003), por etapas, até a seleção final de salas de aula com crianças (meninos e meninas) de 4 a 5 anos (1º e 2º períodos do segmento da Educação Infantil), matriculadas nas escolas municipais públicas rurais e urbanas e em escolas particulares da cidade²⁰.

²⁰ Na 1ª seleção, a unidade primária de amostragem definiu uma moldura amostral de todas as escolas públicas e particulares que atendem crianças do segmento da Educação Infantil. De acordo com o Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Viçosa-MG, que mantém o cadastro e o registro das instituições, são 16 escolas públicas e 19 escolas particulares. Na terceira fase da moldura amostral, cada escola de cada subdivisão, teve igual chance de participar da amostra probabilística, sorteadas por meio do aplicativo de celular *Sorteio de Nomes*. Ao final do sorteio uma unidade de cada escola, representou como amostra o universo cultural e social diferenciado das famílias. Em cada unidade amostral, ou seja, em cada escola selecionada, foi realizada uma visita, agendada com a direção, para a apresentação do projeto de pesquisa, pedido formal de autorização para coleta de dados nesta instituição e escolha da turma para compor a amostra final da pesquisa. Em acordo com a direção das escolas a entrada em campo foi definida para o início de agosto de 2018 em função das

Nesse interstício, optou-se por desenvolver um estudo piloto em uma Unidade de Educação Infantil Pública, cujo objetivo foi aplicar um questionário, como instrumento de coleta de dados, para melhor adequá-lo à aplicação nas escolas sorteadas. Posteriormente, os dados coletados, nessa etapa, foram incorporados à pesquisa. É importante ressaltar que o processo seletivo dessa instituição foi modificado para sorteio público, no ano de 2016, com o objetivo de atender aos requisitos do MEC²¹ e garantir direitos iguais de acesso e permanência de crianças em instituições de Educação Infantil públicas a toda comunidade viçosense. Nessa orientação, teoricamente, esse sorteio atenderia diferentes perfis socioeconômicos e culturais.

Para participar do estudo, foram convidados um dos responsáveis pela criança (o pai, a mãe ou um dos avós) que, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²², se disponibilizaram a responder o questionário, cujas informações versaram sobre o perfil socioeconômico e cultural das famílias, bem como sobre a posse e uso das TICs.²³ Além disso, constaram na pesquisa as informações obtidas a partir de conversas informais com os educadores (professores e outros profissionais), que faziam parte da rotina escolar das crianças, as observações em campo e nos momentos de visita às escolas. Esses dados foram, posteriormente, transcritos para um caderno de campo.

2.3. Fundamentação Teórica: o uso das TICs na Infância

Pesquisar o consumo de tecnologias na infância, no âmbito da sociedade moderna, pressupõe o entendimento do conceito de infância nesse contexto. Além disso, refere-se à prática de se fazer ciência com a criança, a qual não deve ser considerada como um despertar da modernidade. Pelo contrário, deve ser encarada como uma profunda reflexão ou transformação da ideia de criança como um ser social ampliado. E a infância, entendendo-a, de acordo com a definição de Saramago (2001, p.10), como “um grupo social específico, localizado num segmento concreto do trajeto social dos atores, caracteriza-se por um núcleo

festividades agendadas e das férias escolares das crianças.

²¹ Esse processo seletivo da Escola Piloto está em conformidade com a Resolução do Conselho de Educação Básica nº 1 f. 44 que em seu art. nº 1, inciso I: “Oferecer igualdade de condições de acesso e permanência de todas as crianças na faixa etária que se propõe atender”.

²² Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi construído com base no Critério de Classificação Econômica Brasil da ABEP- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2016) e nos critérios estabelecidos na pesquisa realizada no TIC CRIANÇAS (2010).

²³ Periodicamente, o ABEP atualiza os seus critérios de classificação econômica os quais são baseados na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE. Os dados da referida pesquisa foram analisados considerando as atualizações de 16/04/2018.

próprio de relações intergrupais protagonizadas pelas crianças, capazes de intervir socialmente através da autonomia atribuída pela própria experiência social”.

E, nessa perspectiva, esse conceito deve estar associado às transformações advindas da expansão dos novos modos de produção capitalista e dos processos de globalização (SARMENTO; MARCHI, 2012). Entretanto, tais processos devem ser percebidos também nas suas particularidades, já que essa ‘sociedade do consumo’ não se institui de forma homogênea para todos os povos ou segmentos sociais. Ademais, essa universalização que configura uma infância global, única, precisa ser problematizada, uma vez que não temos infância e sim infâncias, as quais possuem realidades diferenciadas que são materializadas em seus artefatos e traços culturais (MÜLLER, 2006).

Barbosa e Campbell (2006) dizem que o consumo é uma tarefa básica do ser humano e que a sociedade contemporânea se autodefine como a sociedade do consumo. No entanto, essas perspectivas do consumo privilegiam uma interpretação que reduz os consumidores a sujeitos passivos e a meros recebedores dos marketings e das propagandas. Por outro lado, também limitam a compreensão da complexidade do fenômeno e não abarcam as crianças, pois não exploram o papel e o significado diferenciado da sua cultura material no mundo contemporâneo. Para esses autores, o conceito de consumo é alargado para além dos processos de compra e venda tradicionais de produtos e serviços, pois esses são utilizados também para mediar relações sociais, assim como auxiliar na descoberta ou na construção da subjetividade e identidade do sujeito, dando-lhe oportunidades de se expressar e se autoconhecer pelo universo material.

Assim, na sociedade contemporânea, consumo é ao mesmo tempo um processo social que diz respeito a múltiplas formas de provisão de bens e serviços e a diferentes formas de acesso a esses mesmos bens e serviços; um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e identidades, independentemente da aquisição de um bem; uma estratégia utilizada no cotidiano pelos diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilos de vida e identidades; e uma categoria central na definição da sociedade contemporânea (BARBOSA; CAMPBELL, 2006: 26)

Essa perspectiva cria uma dificuldade de se delimitar o fenômeno do consumo, uma vez que perpassa por diferentes âmbitos. Contudo, ao mesmo tempo, possibilita uma reflexão e produção de conhecimento sobre diferentes experiências, grupos, faixas etárias, atitudes e práticas sociais (BARBOSA; CAMPBELL, 2006). Isso porque a condição social da infância,

ou seja, enquanto uma categoria geracional²⁴, coloca as crianças em uma série de experiências comuns e sua condição de classe social as coloca, supostamente, em experiências comuns e, ao mesmo tempo, em situações diversas e desiguais. Para Arenhart (2015:195), essas diferenciações levam “à impossibilidade de haver completa homogeneidade nas culturas da infância, visto que outros condicionantes se somam na produção das condições sociais e nos referentes culturais que as crianças dispõem para a produção de suas culturas”.

A partir desse referencial, utilizaremos-nos do conceito de “culturas” que, na nossa premissa, nos ajuda a desmistificar diferenças e a perceber as práticas sociais nas ações cotidianas. Na nossa percepção, a cultura produzida para as crianças envolve a cultura do consumo e a cultura escolar, as quais estão relacionadas aos processos de administração simbólica que tendem à universalização da infância/globalização da infância, visto que colaboram com a oferta de produtos universalizados como se todas as crianças partilhassem das mesmas condições socioeconômicas e dos mesmos gostos. Assim, de maneira mais específica e tomando como referência Sarmiento (2011), ao se considerar as configurações que emergem das construções diferenciadas das culturas infantis, pode-se dizer que o acesso e o uso da cultura material, entre as crianças, estão implicados em condições de desigualdade sociais. É essa a perspectiva que adotaremos na análise dos resultados desse estudo, nossa próxima etapa.

2.4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados oriundos dos segmentos sociais, econômicos e culturais das famílias das crianças nos ajudam a entender as posses, os acessos e os usos da tecnologia que fazem essas crianças, elementos importantes para se compreender de que maneira esses sujeitos se apropriam das TICs na sua cultura, em um contexto maior da sua cultura infantil. Aqui, entendemos que não são somente grupos sociais específicos, mas sobretudo infâncias. Mas, qual é o contexto social, econômico e cultural vivido por estas crianças?

2.4.1. O perfil econômico, cultural e social das famílias

Tabela 1: Nível Socioeconômico das famílias pesquisadas, por escolas; Viçosa, MG - (%):

NÍVEL SÓCIO ECONÔMICO	ESCOLA PILOTO (%)	ESCOLA PÚBLICA URBANA	ESCOLA PÚBLICA RURAL	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B-C)

²⁴ Geração é vista como propulsora da possível identidade das culturas da infância e de sua diferença em relação aos adultos.

		(C) (%)	(C-D) (%)	(%)	(%)
A	17,2		14,3	16,7	
B	65,5			66,7	66,7
C	13,8	50	42,9	16,7	33,3
D			28,6		
D-E		16,7	14,3		
Ausência de respostas	3,4	33,3			

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

De acordo com os dados (Tabela 1), 50,88% das famílias inqueridas pertencem à classe B, seguido de 24,56% pertencentes à classe C e de 12,28% pertencentes à classe A e 3,51% pertencem à classe D e D-E, respectivamente. Das famílias que compuseram a maior amostragem, a classe B, 10 famílias estão inseridas nas escolas particulares e 19 famílias são da Escola Piloto. As famílias de classe C, 14 ao todo, estão divididas entre todas as escolas, mas não de forma uniforme. As demais famílias das classes D e D-E, pertencem, exclusivamente, às escolas públicas, urbana e rural. É importante observar os dados da Escola Piloto, quanto ao perfil das famílias atendidas, embora um dos objetivos da escolha dessa instituição tenha sido a expectativa de se encontrar um contexto mais diversificado, a amostragem revelou que mais de 85% das famílias estão concentradas entre os níveis socioeconômicos A e B.

Tabela 2: Nível de escolaridade do responsável pela criança, em porcentagem.

GRAU DE INSTRUÇÃO	ESCOLA PILOTO (%)	ESCOLA PÚBLICA URBANA (C) (%)	ESCOLA PÚBLICA RURAL (C-D) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B-C) (%)
Fundamental I Incompleto	3,6	16,7	28,6		
Fundamental I Completo/Fundamental II Incompleto			14,3		

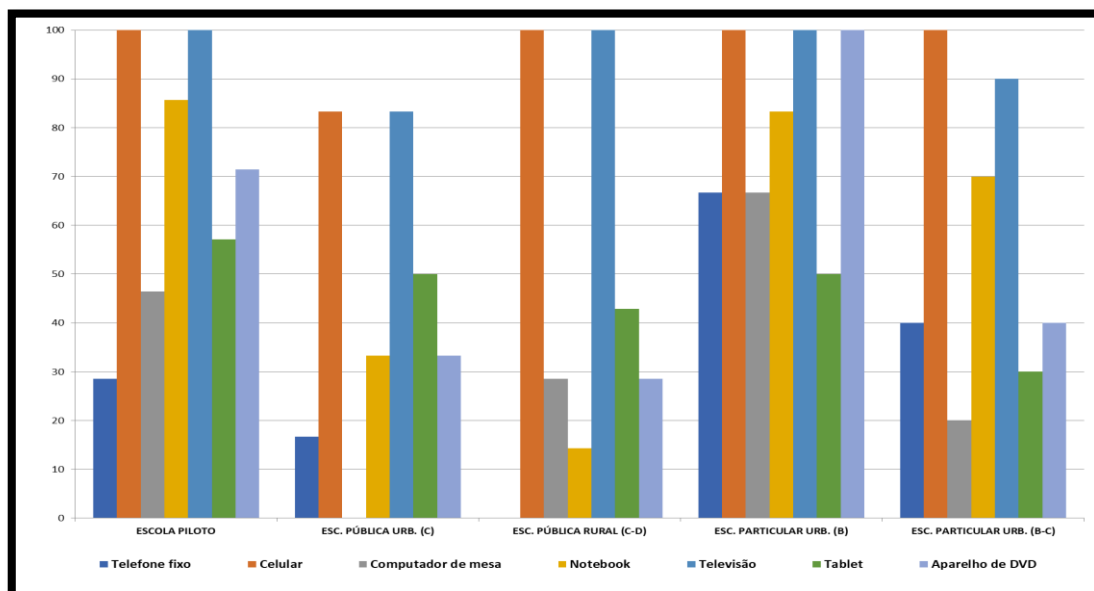
Fundamental Completo/Médio Incompleto		16,7			
Médio completo/Superior Incompleto	14,3	33,3	42,9	16,7	40
Superior Completo	82,1		14,3	83,3	40

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Os dados que caracterizam o perfil dos respondentes do questionário, ou seja, das mães, dos pais e das avós, quanto à escolaridade, complementaram as características das famílias, que são importantes para o diagnóstico do contexto social e cultural que vivem as crianças de 4 a 6 anos da referente pesquisa. Segundo esses dados, não há, conforme Tabela 2, nas escolas particulares, pais, mães ou responsáveis que não tenham pelo menos o ensino médio completo. Já nas escolas públicas, o nível de escolaridade varia, mas apenas 14,3% dos responsáveis têm superior completo. Tais resultados estão em congruência com os dados de classificação das ocupações dos responsáveis pela criança, coletados para a classificação socioeconômica das escolas.

2.4.2. O uso das TICs pelas crianças

Sendo as culturas infantis, socialmente, produzidas, que cruzam as pertencas das crianças e, em simultâneo, à sua própria condição geracional e a uma condição de classe específica. Nesse cruzamento, entre a cultura da criança, as suas condições geracionais e à classe a qual pertence, é indispensável para a análise da produção cultural, a partir das TICs que as famílias declaram possuir. Por isso, é essa análise que faremos, a seguir, para depois analisarmos os acessos das crianças.

Gráfico 1: Posse de TICs das famílias pesquisadas, por escola (%) – Viçosa, MG:

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

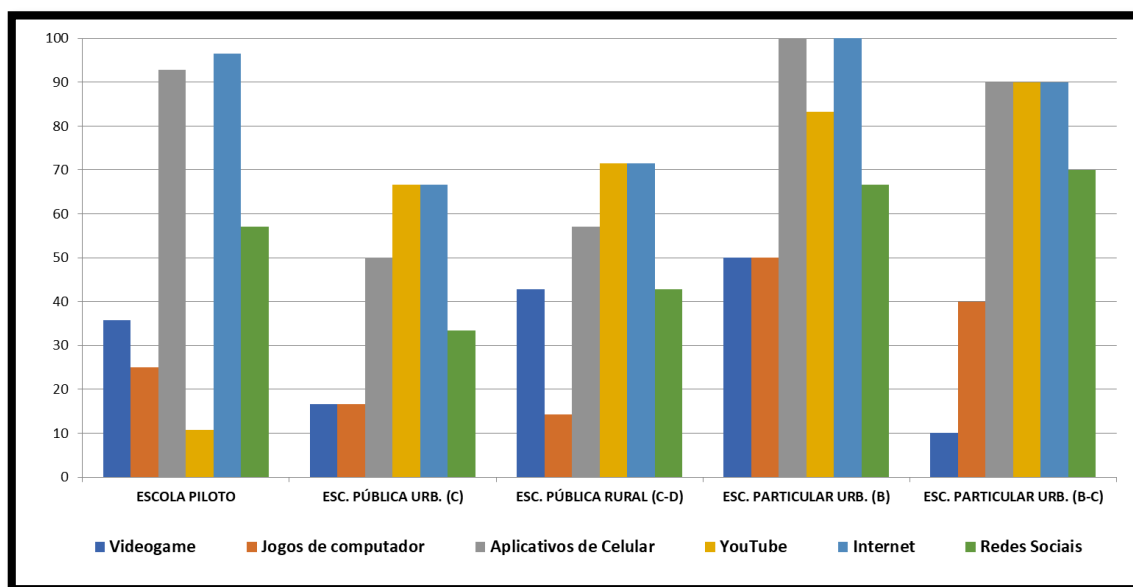
Os dados do Gráfico 1 revelaram a posse das tecnologias pesquisadas – tanto as mais modernas como o celular, o notebook e tablet, quanto as mais tradicionais como o telefone fixo, a televisão e o aparelho de DVD. Das TICs que foram citadas como sugestões, entre as alternativas do questionário, a televisão e o celular estão em quase 100% dos domicílios das famílias. Além disso, as famílias atendidas pelas escolas públicas e particulares declararam possuir, em média, 2 (dois) aparelhos por domicílio, tanto a TV quanto o celular. Esses resultados vão ao encontro da pesquisa “Gerações Interativas Brasil”²⁵, realizada no ano de 2012, a qual diz que a televisão foi considerada quase que de acesso universal nos lares de uma amostra diferenciada de crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares em todo o Brasil. Destaca-se, ainda, que o aparelho celular foi notado como uso principal entre 37% das crianças e dos jovens entrevistados, sendo o seu uso exclusivo em classes menos favorecidas.

Então, os resultados mostraram que não só a televisão, como também o celular, está nos cotidianos de todas as famílias das escolas, indo ao encontro de pesquisas que revelam que a comunicação móvel no Brasil cresce em diferentes contextos sociais e culturais. Pellanda (2009) considera que a popularização de wireless e a flexibilidade de pagamentos ampliaram as possibilidades de consumo e posse desses aparelhos, principalmente, por uma grande parte da população que não tem infraestrutura suficiente para o serviço de telefonia fixa, como é o caso das famílias que residem nas áreas periféricas e rurais do município de Viçosa. De fato, o

²⁵ Realizada com 1.984 crianças de diferenciados contextos sociais, econômicos e culturais do Brasil.

Gráfico 2, a seguir, evidencia principalmente o uso da internet, de aplicativos de celular e do youtube, todos usos relacionados a um aparelho de celular. Ainda, o Gráfico 1 também revelou os aparelhos considerados mais novos e que acompanham a tendência do deslocamento à mobilidade: o celular, o notebook, e o tablet.

Gráfico 2: Acesso de TICs das famílias pesquisadas, por escola (%) – Viçosa, MG



Fonte: Dados da pesquisa.

A expansão do consumo das TICs é percebida, inclusive, entre as crianças oriundas dos segmentos da população menos abastada, que mesmo com um consumo “restrito”, têm acesso a estes artefatos, conforme fala da vice-diretora de uma Escola Pública Urbana:

“(…) Você sabe que aqui é uma escola de periferia, não é? A realidade dessas crianças é muito restrita. (...) As crianças da escola não têm muitas TICs, mas o celular é de última geração. Inclusive os jogos de videogame são acessados por esses aparelhos por serem mais fáceis de serem adquiridos, são mais acessíveis para eles.”. Vice-diretora da Escola Pública Urbana (C).

Essa fala demonstra uma expectativa de que o leque de possibilidades de TICs, o qual esta pesquisa poderia abarcar, não fizesse parte do universo de uma escola de periferia que, como ela mesma a descreve, é muito restrita. Todavia, há a percepção de que fosse encontrado, majoritariamente, o celular – mesmo naquele contexto – o que vai ao encontro das pesquisas as

quais evidenciam a realidade do consumo e do uso das TICs em famílias de baixa renda. Segundo Pellanda (2009), o fato de os aparelhos móveis passarem a apresentar mais funcionalidades, ficando mais “parecidos” com os computadores, porém mais baratos, faz com que haja uma maior aquisição do celular em todas as classes sociais, inclusive, pelas crianças.

A partir da influência das TICs nos hábitos de consumos das crianças e no universo da escola, podemos observar como esses conteúdos circulam, não de forma independente ao seu contexto simbólico e material. Para Guedes (2017), os hábitos de consumo estão imbricados nos processos de construção social e, baseados nessa interação, os conteúdos passam a circular de forma diversa em seus cotidianos. Dentre os aspectos simbólicos, que perpassam o cotidiano da criança, os personagens de desenhos animados e as figuras de super-heróis ficam demarcados nos pertences escolares das crianças, nomeadamente, nos copos que transportam de casas, nas suas escovas de dentes, nos seus estojos e mochilas. É importante frisar que se fazia notar a distinção social no uso destes objetos. Assim, as mochilas das crianças das escolas públicas estampavam os personagens Ursinho Joel, a Princesa Frozen, Homem Aranha, Monster High, Gatinha Mari, Mini, Hot Wheels, Only Girls, Alice Debbie, Princesa Sofia, Ben 10, DLX-Tuning, Racing, XTreme.

Dentre essas mochilas, chama a atenção uma mochila de propaganda de cimento (Cimento Tupi) de uma criança da Escola Pública Urbana- C, que revela a singularidade de sua inserção econômica e social, enquanto camada popular. Ademais, a distinção se fazia também no uso dos copos de água padronizados e nas bolsas de lápis usados pelas crianças das escolas públicas que, na sua maioria, foram fornecidas pelo Governo Municipal. Já os diferenciais das escolas particulares, além de itens essenciais como a mochila, estavam nas roupas e acessórios de marcas, por exemplo, Minimelissa, Lilica Ripilica e Superman, ainda haviam os itens estampados pelos conhecidos Mickey e Barbie, considerados mais glamorosos e, por isso, mais caros do ponto de vista de mercado. Outros itens, como copos, também eram estampados.

No cotidiano das crianças, em salas de aulas, em suas atividades de lazer, no âmbito familiar, são perceptíveis os aspectos simbólicos e a cultura material infantil como o culto aos heróis, senso de identidade e pertencimento a determinado grupo, o que valoriza tais produtos como itens importantes da cultura infantil. De sua parte, os publicitários fazem bom uso dessas ideias e as incorporam em suas estratégias de marketing, assim consideram as crianças como consumidoras ativas de produtos (CORSARO, 2011).

Sob o ponto de vista do mercado, as crianças são vistas como consumidoras ativas capazes de mobilizar vendas. Assim, o sistema comercial desenha as mais “coloridas” e

“divertidas” propagandas como estratégias de marketing para um consumo conspícuo, ou seja, com o objetivo de demonstrar seu “status” por meio do consumo de bens (OROFINO, 2015). Entretanto, é importante deixar claro que questionamos e problematizamos, de acordo com os pressupostos de Müller (2006), o “mito” de uma infância inocente, na qual as crianças consomem produtos específicos para sua idade e são dependentes do adulto. De acordo com a autora, essas noções foram abaladas pelo acesso “indiscriminado” da cultura popular e ao hiperconsumo, a ponto de ameaçar o próprio conceito moderno de infância. Assim, a modernidade trouxe para todos os indivíduos, a possibilidade de se colocarem, porém com certa autonomia (GIDDENS, 1991). Por mais que essa autonomia seja relativizada, as crianças conseguem romper com as lógicas produzidas pela sociedade e ressignificarem o espaço que ocupam (MÜLLER, 2006).

2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu caracterizar os cenários das realidades sociais das famílias das escolas por meio das análises dos indicadores como escolaridade e renda. Em seguida, observamos as singularidades materializadas nas posses e nos acessos das TICs pelas crianças. Esses dados foram importantes não só para desvelar as realidades desse uso pelas crianças da faixa etária entre 4 a 6 anos, como também para contribuir com a visibilidade científica desse segmento.

Além disso, identificamos, por meio do perfil socioeconômico das famílias, um grupo social geracional de crianças, cujas especificidades puderam ser comprovadas, a partir, por exemplo, da posse e do acesso que tinham à televisão e ao celular. Apesar do baixo poder aquisitivo, nas crianças de escolas públicas, verificou-se a presença e o uso dos celulares de “última geração” de modo a construir identidades específicas daquele grupo. Essas especificidades, no entanto, também revelaram algumas questões que afastam as crianças de viverem condições que são inerentes às suas condições sociais e aos referenciais culturais que estão disponíveis para a produção de suas culturas infantis. Nesse contexto, as crianças também estão inseridas na sociedade de consumo, o que as tornam consumidores em potencial. Em síntese, consumir TICs faz parte da identidade e da construção da cultura infantil.

2.6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Alessandra; OSÓRIO, António. Da “morte” da infância à infância no digital: uma discussão sobre o lugar da infância no consumo de produtos digitais. In: Alessandra

Alcântara, Brenda Guedes, organizadoras. **Culturas infantis do consumo: práticas e experiências contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. 255p.

ARENHART, Deise. Geração e classe social na análise de culturas infantis: marcas de alteridade e desigualdade. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 17, n. 32, p. 193-209, out. 2015.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Crianças 2010. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2012.

CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios 2018. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2018.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. v. 1 828 p.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad.: Raul Fiker. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GUEDES, Brenda. Feito para você? Uma reflexão sobre os discursos publicitários que dialogam com a infância e se propõem como coparticipantes na formação de cidadãos responsáveis. In: Alessandra Alcântara, Brenda Guedes, organizadoras. **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

LOPES, Jader Janer Moreira. As crianças, suas infâncias e suas histórias: mas por onde andam suas geografias? **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 31-44, set 2008/fev 2009.

MÜLLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Edu. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.

OROFINO, Maria Isabel. O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niños y Juventud, 13 (1), pp. 369 – 381, 2015.

PELLANDA, Eduardo. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In: André Lemos, Fabio Josgrilberg, organizadores. **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. EDUFBA, Salvador, 2009.

QUINTEIRO, Juricema. Infância e educação no Brasil. In: Ana Lúcia Goulart de Faria, Zeila de Brito Fabri Demartini, Patrícia Dias Prado, (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. 3. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SAMPAIO, Inês Silva Vitorino; MÁXIMO, Thinayna Medonça; CAVALCANTE, Andreia Pinheiro Paiva. Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades. In: Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

SARAMAGO, Sandra Silva Souza. Metodologias de pesquisa empírica com crianças. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n. 35, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica. **Configurações**, v. 4, pp. 91-113, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - PPGE/ME FURB**. v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011.

3. É A CIBERCULTURA O LUGAR DA (MINHA) CRIANÇA? O USO DAS TICS E A MEDIAÇÃO PARENTAL NA INFÂNCIA.

Is the cyberculture the place of (my) child? ICT use and parental mediation in childhood.

Resumo: As experiências das crianças são articuladas entre o agir infantil e as expectativas e discursos formulados em torno delas. Essas narrativas podem definir os modos de vida das crianças, causando insegurança e desorientação, sobretudo nas mães e nos pais, quando o assunto envolve as interações dos seus filhos com as tecnologias. A partir dessa temática, este artigo tem como objetivo compreender o papel da mediação parental no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) por crianças de diferentes contextos sociais na construção das Culturas Infantis. As unidades de observação foram compostas por 57 famílias de crianças pré-escolares, matriculadas em instituições públicas e particulares do Município de Viçosa, MG. Para fins de coleta de dados, as mães, pais e avós das crianças responderam um questionário, com perguntas sobre práticas de uso das TICs pelas crianças e as mediações na família. Os resultados da pesquisa revelaram que as dinâmicas sociais e culturais em torno das interações com as TICs se dão a partir de mediação de controle dos responsáveis, desde a integração das crianças na cibercultura, como também na organização do tempo e dos espaços de educação, lazer e dos seus cotidianos.

Palavras chave: TICs. Crianças. Controle. Mediação parental.

Abstract: Children's experiences are articulated between their actions and the expectations and discourses formulated around them. These narratives can define children's ways of life, causing insecurity and disorientation, especially in mothers and fathers, when the subject involves their children's interactions with technologies. Based on this theme, this article aims to understand the role of parental mediation in the use of Information and Communication Technologies (ICTs) by children from different social contexts in the construction of Children's Cultures. The observation units consisted of 57 families of preschool children, enrolled in public and private institutions in the municipality of Viçosa, MG. For the purpose of data collection, the children's mothers, fathers and grandparents answered a questionnaire, with questions about practices of ICT use by their children and mediations in the family. The results of the research revealed that the social and cultural dynamics surrounding interactions with ICTs are based on the mediation of control by those responsible, from the integration of children in cyberculture, as well as in the organization of time and spaces for education, leisure and their daily lives.

Keywords: ICTs. Children. Control. Parental mediation.

3.1. INTRODUÇÃO

A infância, tal qual a conhecemos e a concebemos, sofre influências e está se modificando em decorrência de diversas transformações do mundo contemporâneo. A partir disso, podemos citar o contato com as distintas manifestações culturais; as transformações do espaço urbano e as complexidades que implicam no cotidiano e na tomada de decisões das famílias; as formas de interação das famílias com as TICs; o “hibridismo” entre as brincadeiras tradicionais e as “novas formas de brincar”; o “fascínio” das crianças - cada vez mais novas - pelas tecnologias. Desse modo, esse contexto implica em mudanças nas concepções de infância, assim como da compreensão do lugar social que as crianças ocupam no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, os estudos científicos, que abordam o tema das interações sociais na infância, a partir das TICs, apontam para um contexto de transformações que passam a confrontar as próprias concepções de infância construídas sócio-historicamente, bem como as suas interações com seus pares e com os adultos. Ainda, as concepções, que definiram as representações na infância, sofreram transformações à medida que as sociedades também passaram por mudanças de muitas naturezas, tais como a ocupação das mulheres nos mercados de trabalho, a presença da mídia e as formas de contato e interação com as tecnologias digitais, além do aumento do número de divórcios e de famílias recompostas, tal como a presença de outras configurações familiares. Logo, esses fatores modificaram -e continuam a modificar- a maneira de ver e entender as infâncias, o que transformam os modos das crianças viverem as suas experiências cotidianas (ALCÂNTARA, 2017; WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016; MENEZES; COUTO, 2010; BELLONI, 2007). Ademais, essas experiências são articuladas entre o agir infantil, as expectativas e os discursos formulados em torno das crianças, nas diferentes épocas, e nos ajuda a entender a infância como uma narrativa de construção histórica, social e cultural (PEREIRA, 2015). Para Pereira (2002), no contexto das sociedades ocidentais contemporâneas, a relação entre adultos e crianças é marcada pela imprecisão em delimitar as fronteiras entre a infância e a idade adulta. Certamente, tais discursos geram mudanças e podem definir domínios na vida cultural e social das pessoas, o que causa insegurança e desorientação, sobretudo, de pais e professores, quando o assunto envolve as crianças e suas interações com as tecnologias.

Nesse contexto, este artigo teve como objetivo compreender a mediação parental e o controle no uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), por crianças de

diferentes contextos sociais, na construção das Culturas Infantis. Dessa forma, para analisar essa temática, tomou-se como referência empírica, crianças entre 4 e 6 anos, matriculadas em escolas públicas e particulares do Município de Viçosa, MG. Para tanto, no intuito de alcançar o objetivo, esse trabalho está organizado em quatro partes: na primeira, versamos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a definição da amostra, bem como o uso do instrumento para a coleta dos dados; a segunda parte aborda as questões teóricas da cultura lúdica infantil e das ideias de reprodução interpretativa sobre os usos das TICs, associados aos mecanismos de controle e de mediação organizados pelas famílias, tal como baseadas nos estudos da Sociologia da Infância; na terceira parte analisamos as narrativas dos adultos, a partir das suas respostas ao questionário, sobre as dinâmicas sociais organizadas pelas famílias como forma de controle e mediação parental sobre os usos das TICs pelas crianças; e, por fim, na quarta e última fase, algumas considerações finais são apresentadas para acrescentar ao debate.

3.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AS MEDIAÇÕES DAS FAMÍLIAS E OS USOS DAS TICS NAS INFÂNCIAS

Pesquisar o uso de tecnologias na infância, no âmbito da sociedade contemporânea, pressupõe o entendimento dos conceitos de infância e de cibercultura nesse contexto. Para Lemos (2003), o termo cibercultura, apesar de ter muitos sentidos, pode ser compreendido como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias [...]”. Já sobre o conceito de infância, entende-se, de acordo com a definição da pesquisadora Sandra Saramago, como

um grupo social específico, localizado num segmento concreto do trajeto social dos atores. A infância caracteriza-se por um núcleo próprio de relações intergrupais protagonizadas pelas crianças, capazes de intervir socialmente através da autonomia atribuída pela própria experiência social (SARAMAGO, 2001, p.10).

Para ampliar esse entendimento sobre a cibercultura na infância, também nos valem da concepção de Pereira (2015) a qual acredita que a produção material e simbólica da cultura contemporânea se dá pelo “atravessamento direto ou indireto das tecnologias nas experiências cotidianas”. Segundo a autora, as experiências construídas com as TICs na cibercultura afetaram, sobretudo, material e simbolicamente, as crianças contemporâneas em seus modos de

viver, de brincar, de conhecer e de se relacionar, pois, na sua perspectiva, as tecnologias são decisivas na produção e na circulação da cultura.

Por isso, o acesso às produções culturais (as materiais e as simbólicas) na infância, possibilita pensar sobre outras formas de organização social, ou seja, o reconhecimento dos modos plurais de ser criança e de viver as experiências da infância. Entretanto, os discursos que são proferidos sobre tais experiências, especialmente as que envolvem o uso e apropriação das tecnologias, tendem a ficcionar uma concepção de infância homogênea, que foi estabelecida no início da era moderna (PEREIRA, 2015).

Desse modo, a construção histórica da infância advém de um processo complexo de produção de representações sobre as crianças e da constituição de organizações sociais, as quais citam-se a criação da escola; a intensificação dos laços emocionais e de cuidado dos filhos na família; a produção e legitimação de saberes sobre a criança; e a promoção da administração simbólica da infância. No que se refere a essa administração, corresponde aos procedimentos, materializados em forma de atitudes e prescrições normativas, que constroem a vida das crianças (SARMENTO, 2004). A partir disso, têm-se determinadas expectativas sociais: espaços ou lugares permitidos às crianças; tipos de alimentação oferecidos e proibidos; momentos permitidos ou não na vida coletiva em sociedade. Tais regras não só direcionam o lugar da criança, como também do adulto, pois definem fronteiras claras entre as duas gerações, assim condicionam os modos de vida das crianças na modernidade e estabelecem a ‘normatividade’ na sociedade (PEREIRA; JOBIM e SOUZA, 1998; SARMENTO, 2004).

Estes factores – a criação da escola, o recentramento do núcleo familiar no cuidado dos filhos, a produção de disciplinas e saberes periciais, a promoção da administração simbólica da infância – radicalizaram-se no final do século XX, a ponto de potenciarem criticamente todos os seus efeitos. Assim, a escola expandiu-se e universalizou-se, as famílias reordenaram os seus dispositivos de apoio e controlo infantil, os saberes disciplinares sobre a criança adquiriram autonomia e desenvolvem-se exponencialmente, e a administração simbólica adquiriu novos instrumentos reguladores [...] (SARMENTO, 2004, p.5).

De acordo com Pereira (2012), as experiências das crianças na infância acontecem de forma combinada às suas singularidades e a complexidade da inserção cultural. Por meio das suas brincadeiras, as crianças criam e recriam um pequeno mundo com elementos garimpados do meio físico, social e cultural dos adultos. Neste pequeno mundo é possível conhecer a forma

ativa e genuína de como as crianças percebem e reinterpretam a cultura, ou seja, o mundo maior em que estão inseridos.

Nos termos de Brougère (1998; 2004; 2010), a cultura lúdica também é uma produção externa ao mundo da criança e que se alimenta de elementos vindos da cultura geral. Segundo Pereira (2012), a cultura geral concentra a sua complexidade em seus artefatos, os quais estejam nos livros, nos brinquedos, nas mídias, nas tecnologias de informação e comunicação. Tais elementos apresentam o significado que as crianças têm na sociedade, isto é, o que se espera dessas crianças nas sociedades contemporâneas. Ainda, para a referida autora, tudo está em permanente diálogo com as crianças.

No entanto, é importante ressaltar que as crianças contribuem para a reprodução e para a extensão da cultura, a partir das experiências com os elementos da cultura adulta, por exemplo, as tecnologias. Logo, essa maneira de pensar as crianças, como sujeitos participantes da sociedade, sobrevêm da ideia de reprodução interpretativa, nos termos de Corsaro (2011), em que permite que as crianças sejam pensadas enquanto parte da cultura adulta. De acordo com esse autor, as crianças contribuem com a reprodução e a extensão da cultura adulta por meio de suas negociações com os adultos e da produção criativa de uma série de culturas independentes com outras crianças.

Além disso, Corsaro (2011), ao se desvincula da teoria da socialização²⁶, elabora o seu conceito da Reprodução Interpretativa para explicar o papel social das crianças na construção das suas culturas e da sua participação ativa, tanto na preservação como na mudança social. Portanto, a palavra “Reprodução” engloba a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas que, por participarem ativamente da sociedade, ficam restritas pela estrutura social existente e são constrangidas pela sociedade.

Ainda, o termo Interpretativa se refere às contribuições ativas das crianças, para a produção e mudança culturais, e aos aspectos inovadores e criativos dessa participação. Dessa forma, as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares²⁷, quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto no intuito de lidar com as suas próprias e exclusivas preocupações (CORSAO, 2011). Os termos *processo* e

²⁶ Para o sociólogo Willian Corsaro, os pressupostos da teoria da socialização vão de encontro com as concepções de crianças que participam ativamente das sociedades desde o seu nascimento. Para este autor, o termo socialização tem uma conotação individualista e progressista, sugerindo a formação e a preparação da criança para um devir futuro (CORSAO, 2011).

²⁷ As culturas de pares são construídas com um grupo de crianças em idades aproximadas que se encontram quotidianamente e compartilham movimentos, valores, interesses, rotinas, artefatos, brincadeiras e espaços (CORSAO, 2011).

construção, utilizados por Corsaro (2011) para engendrar a sua tese, são essenciais para a compreensão de infâncias, pois “ambos associam à categoria infância a ideia de movimento, dinamicidade e complexidade” (ALCANTARA; 2017: 154). Para Gomes (2015), é o que permite refletir sobre o uso das TICs nas particularidades da infância e, concomitantemente, inseri-la em uma estrutura mais complexa no âmbito da família e da sociedade.

Segundo Jobim e Souza e Salgado (2009), intervir nesse contexto implica em tomar consciência de que tanto as crianças quanto os adultos são responsáveis coletivamente pela reprodução dos discursos que alimenta os processos de produção de uma cultura globalizada. Indagar sobre as experiências da criança no uso das TICs envolve um olhar crítico sobre as interações das crianças no fenômeno da contemporaneidade e redefinir as relações das crianças com seus pares, com os adultos e dos aspectos que definem a construção da sua cultura lúdica infantil. Implica em problematizar uma nova cultura lúdica ou a cultura lúdica contemporânea compreendendo-a como “um espaço social no qual as crianças, através das brincadeiras, jogos de faz de conta e fabulações, constroem valores, conhecimentos e identidades que se alicerçam em signos trazidos pelo diálogo que estabelecem com a mídia no contexto do capitalismo tardio” (JOBIM e SOUZA; SALGADO, 2009:207).

3.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho fez parte de uma pesquisa, desenvolvida em 2018 com 57 mães, pais e avós de crianças de 4 a 6 anos, matriculadas em cinco escolas do Município de Viçosa, MG. De forma mais específica, essa amostra partiu da seleção inicial por conglomerado (BABBIE, 2003) de duas escolas públicas, rural e urbana, e também de duas escolas particulares urbanas. Ainda, foi feita a escolha de uma Escola Piloto para aplicação de um estudo piloto, o qual preliminarmente teve como objetivo a aplicação do instrumento questionário²⁸ com pais de crianças que teoricamente atendiam ao mesmo perfil da amostra inicial e, posteriormente, para o controle e efetivação do instrumento (com perguntas semiabertas e abertas), sendo os resultados utilizados para compor os dados analisados. Assim, as perguntas foram configuradas de acordo com as contribuições da amostragem das famílias do estudo piloto e as considerações teóricas, o que possibilita acrescentar mais respostas, no intuito de garantia do caráter de

²⁸ Ver o roteiro do questionário do estudo piloto em Apêndice 4.

exaustividade (BABBIE, 2003) do estudo. Nesse trabalho, as falas transcritas dos responsáveis das crianças da Escola Piloto foram utilizadas como ilustrativas às discussões apresentadas e, portanto, como dados da pesquisa.

Desse modo, a metodologia por conglomerado consistiu em selecionar, por etapas, as instituições, que se apresentaram por meio das informações obtidas na Secretaria Municipal de Educação de Viçosa²⁹, até a seleção final de salas de aula com crianças (meninos e meninas) de 4 a 5 anos (1º e 2º períodos do segmento da Educação Infantil), matriculadas nas escolas municipais públicas rural e urbana e em escolas particulares do Município.

Como resultado, uma unidade de cada escola pública e duas unidades das escolas particulares, representaram, enquanto amostra, o universo cultural e social diferenciado das famílias. Em cada unidade amostral, ou seja, em cada escola selecionada, foi realizada uma visita, agendada com a direção, para a apresentação do projeto, pedido formal de autorização para coleta de dados nesta instituição³⁰, escolha da turma para compor a amostra final da pesquisa e entrega dos questionários para as famílias das crianças.

Então, para participar do estudo foram convidados um dos responsáveis pela criança (o pai, a mãe ou um dos avós) que se disponibilizasse a responder a um questionário³¹, cujas informações versavam sobre o perfil socioeconômico e cultural das famílias, bem como quanto à posse e uso das TICs. Ademais, esse roteiro foi construído baseado no Critério de Classificação Econômica Brasil da ABEP- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2016)³² e nos critérios estabelecidos na pesquisa realizada no TIC CRIANÇAS³³ 2010.

As escolas selecionadas, pelo método por conglomerado, foram categorizadas a partir das suas localizações geográficas e pelo perfil socioeconômico das famílias. Após a análise dos dados oriundos dos respondentes do questionário: Escola Pública Urbana (C), Escola Pública

²⁹ A Coordenadora deste órgão nos forneceu duas listas que correspondia à todas as instituições, públicas e particulares, e que se encontravam devidamente registradas, até a presente data, na Secretaria de Educação do Município de Viçosa.

³⁰ Ver o documento no Apêndice 1. Para realizar o estudo piloto, também foi enviado um pedido formal à escola e aos representantes de pais, vide Apêndices 2 e 3.

³¹ Ver roteiro de questionário em Apêndice 5, e modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enviado aos responsáveis em Apêndice 7.

³² Periodicamente, o ABEP atualiza os seus critérios de classificação econômica os quais são baseados na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE. Os dados da referida pesquisa foram analisados considerando as atualizações de 16/04/2018.

³³ O uso dos critérios estabelecidos pela TIC CRIANÇAS justifica-se por ter divulgado dados que englobam parte da idade referente ao perfil amostral da pesquisa.

Rural (C-D), Escola Particular Urbana (B) e Escola Particular Urbana (B-C), sendo que a escola que participou do estudo preliminar foi categorizada por Escola Piloto.

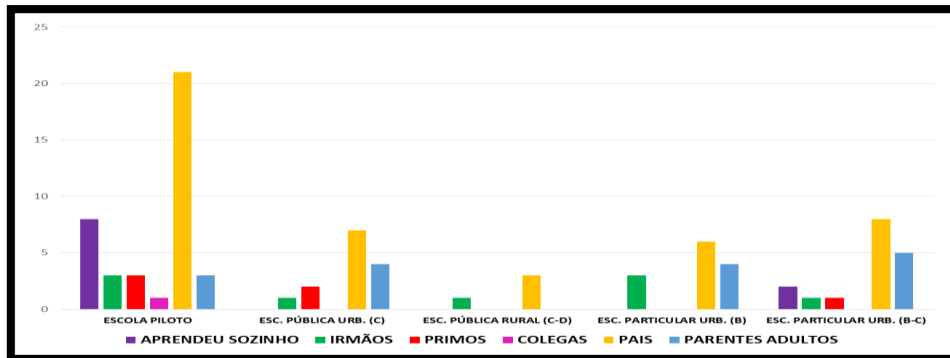
As narrativas dos adultos, a partir das suas respostas ao questionário, foram reunidas levando-se em conta as dinâmicas sociais organizadas pelas famílias, por exemplo, como forma de controle e mediação parental sobre os usos das TICs pelas crianças. Dessa forma, a discussão dos dados foi feita fundamentada nas contribuições da Sociologia da Infância, assim se elencou a Cultura Lúdica e a Reprodução Interpretativa como categorias de análise para compreender o papel do controle e da mediação parental no uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) por crianças de 4 a 6 anos, tendo em mente os seus diferenciados contextos sociais e culturais.

3.4 RESULTADOS E ANÁLISES

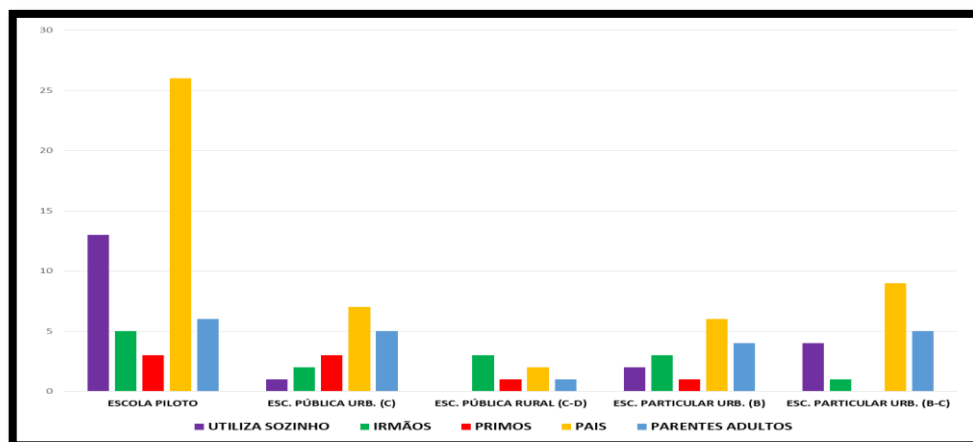
No contexto de transformações das sociedades contemporâneas, a infância se modificou e abriu possibilidades de se compreender o lugar social e as novas formas de as crianças viverem as suas experiências cotidianas. Partindo desse princípio, as experiências cotidianas com as TICs, das crianças atendidas pelas escolas públicas e particulares do Município de Viçosa- MG, foram relatadas por meio das narrativas das práticas sociais de mediação dos adultos, alicerçada entre os discursos e as expectativas futuras em torno dessas crianças. Percebeu-se que as dinâmicas sociais em torno das interações com as TICs se dão a partir da mediação e do controle dos adultos, sobretudo das mães e dos pais, desde a integração das crianças na Cibercultura, como também na organização do tempo e dos espaços (de educação, lazer) dos seus cotidianos.

3.4.1. A integração das crianças na Cibercultura: com quem a criança aprendeu a utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação e com quem ela as utiliza?

Os resultados desse trabalho exemplificam, a partir dos Gráficos 1 e 2, a seguir, a perspectiva da mediação adulta na integração das crianças na Cibercultura. Dessarte, a presença das mães, dos pais e de familiares adultos, em todos os segmentos sociais e culturais (famílias que são atendidas, tanto pelas escolas públicas quanto pelas particulares), foi significativamente maior que a de crianças, no primeiro contato e na utilização das produções materiais e simbólicas da cibercultura, especificamente, das tecnologias no lar.

Gráfico1: Com quem a criança aprendeu a utilizar as TICs?

Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 2: Com quem a criança utiliza as TICs?

Fonte: Dados da pesquisa.

A diminuição do tamanho das famílias contemporâneas reduziu a perspectiva de convivência e integração entre irmãos e primos na construção das culturas infantis. De acordo com Corsaro (2011), as crianças contemporâneas não podem contar com outras crianças em seus lares, ainda, também descobriram que as mesmas dependem mais dos pais e de outros

adultos para sua integração nas culturas. Dessa forma, os adultos passaram a mediar a integração das crianças nas culturas de forma geral.

O trabalho de Brito e Dias (2017) desperta para uma discussão sobre a aprendizagem do uso das TICs em torno das dinâmicas familiares de classes econômicas diferenciadas. No resultado da sua pesquisa, as referidas autoras sugerem que as crianças pertencentes às classes economicamente privilegiadas aprendem a usar sozinhas as tecnologias por meio da observação e imitação dos seus pais, sendo utilizadores experientes dessas tecnologias. Entretanto, os dados do Gráfico 1 indicam que as crianças rurais e as atendidas pela Escola Particular Urbana (B) não aprenderam a usar sozinhas o que nos provoca a questionar essa relação direta da aprendizagem das crianças e o acesso aparentemente facilitado das tecnologias em seus lares. Ainda, sobre o Gráfico 1, é possível extrair a informação de que apenas na escola rural as crianças não aprenderam a utilizar as tecnologias majoritariamente com os pais, e sim com os irmãos. Então, isso pode estar associado a um traço social característico da dinâmica das crianças da zona rural, que se relacionam mais com seus pares e outras crianças do que com os adultos.

Em geral, os dados apresentados pelos inquiridos desta pesquisa também confirmam a teoria de Pereira (2015) sobre a infância contemporânea, quando as crianças das escolas públicas urbanas e rurais e das escolas particulares de Viçosa começam a usar as Tecnologias de Comunicação e Informação com seus pares e, sobretudo, com os adultos. Por isso, essas crianças despertam nos pais os primeiros sinais de que estão ultrapassando os limites dos conhecimentos e da participação da cultura adulta, os quais lhes foram determinados no início da Era Moderna.

De acordo com Jobim e Souza e Pereira (1998), uma das consequências mais radicais do sentimento moderno da infância foi a “separação” dos adultos das crianças. Visto que as dinâmicas sociais, ligadas à educação das crianças, a qual antes se davam em entremeio à vida laboral e de lazer do adulto, foram substituídas pela aprendizagem na escola. Em contrapartida, foi exigido dos adultos que se especializassem e se instrumentalizassem para o mundo do trabalho. Tais dinâmicas não só direcionam o lugar da criança, como também do adulto, e definiram fronteiras claras entre as duas gerações. Nesse sentido, a presença adulta em todos os contextos sociais e culturais das famílias das crianças, sujeitos dessa pesquisa, caracteriza também como formas mediadas de cuidado e proteção para a inserção e o uso das TICs pelas crianças.

Nesse trabalho foi observado que a organização das dinâmicas sociais das vidas das famílias, que incluem as regras, ou nos termos de Sarmiento (2004), as administrações simbólicas para o usos das tecnologias entre crianças e adultos, se dão por meio de: o oferecimento ou não das TICs pelos adultos (mães, pais e avós das crianças) e pelo controle dos tempos, espaços e dos conteúdos das TICs.

3.4.2. O controle do uso das TICs

As respostas das mães e dos pais das crianças atendidas, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares de Viçosa, são coerentes com as narrativas de que as famílias preferem que as crianças se envolvam com atividades cujas características estão relacionadas às brincadeiras tradicionais, como jogar bola e estar em ambientes abertos em contato com a natureza. Dessa forma, as tecnologias passam a serem vistas como uma ameaça por estarem “ocupando” o tempo dessas atividades consideradas mais adequadas para as crianças viverem as suas infâncias.

“Eu prefiro deixar ela brincar mais, desenhar, andar de bicicleta, curtir mais a infância [...] (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

Entretanto, observa-se que os pais e as mães das crianças, de todas as escolas, consideram também que as tecnologias estão “em todo lugar” e que, de forma limitada e correspondente com os propósitos do discurso pedagógico, as crianças precisam aprender a literacia exigida para que possam se inserir nesse cenário.

“No mundo atual é impossível que a criança não se relacione com as TICs. Devido a isto é necessário inseri-lo neste universo.” (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Tento deixar claro que é um recurso importante, até mesmo porque é inevitável deles me verem utilizando o computador, o celular, a TV... Então ofereço de certa forma (limitada), porque não quero que considerem as TICs essenciais, mas também não quero criar filhos alienados! (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

As narrativas presentes nos questionários das famílias apontam para os mecanismos que as famílias desenvolvem para uma interação das suas crianças de maneira mais equilibrada possível com as tecnologias. Dentre esses mecanismos se encaixam as regras impostas e “negociadas” sobre os tempos na rotina da família, os espaços e conteúdo permitidos, e também com o reconhecimento de uma vivência do status social infantil correspondente com a concepção moderna, que será exemplificado, a seguir, no quadro 1.

Quadro 1: Motivo do controle de uso das TICs; Número de famílias que usaram a justificativa (era permitido marcar mais de uma opção):

JUSTIFICATIVA/ ESCOLAS	ESCOLA PILOTO	ESCOLA PÚBLICA URBANA (C)	ESCOLA PÚBLICA RURAL (C-D)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B-C)
Rotina	6	2	6	5	7
Tempo	8	2	5	5	7
Conteúdo	10	11	9	15	18
As preocupações com as experiências da Infância	10	10	16	15	26

Fonte: Dados da pesquisa.

A prova de que o uso das TICs é estritamente controlado pelos adultos se dá pela conformidade, entre todos os níveis sociais, na qual a criança deve ser guiada sobre que conteúdos acessar, quando acessar e por quanto tempo acessar. Outro aspecto, que chama a atenção e se destaca, é o fato de as famílias da Escola Particular Urbana-B terem uma preocupação alta com o equilíbrio entre as brincadeiras tradicionais e o uso de tecnologias, o que demonstra, além do próprio controle, uma preocupação típica da contemporaneidade.

É importante frisar que o tempo é um dos fatores-chave para se compreender as transformações da sociedade moderna, pois está diretamente relacionado à organização das principais atividades do cotidiano, isto é, das rotinas culturais das famílias. Desse modo, os “tempos” são controlados conforme os instantes; duração dos tempos em horas ou minutos; o tempo presente; a sucessão e a marcação dos acontecimentos da rotina das crianças; e a tendência de seguir uma padronização social - café da manhã, almoço e jantar e higiene pessoal - e seus instrumentos de medidas.

Nos termos de Corsaro (2011), as rotinas culturais servem como ancoras as quais permitem que os atores sociais lidem com as problemáticas, os inesperados e as ambiguidades, assim se mantêm, ao mesmo tempo, confortáveis no ‘confinamento’ da vida cotidiana. Contudo, a interação das TICs na infância configurou uma dimensão de mudança na infância, porque traz imprevisibilidade e incerteza nos modos de vida sociais e culturais das crianças contemporâneas (SARMENTO, 2011). Logo, a participação das crianças nas rotinas culturais é um elemento essencial da reprodução interpretativa.

Além disso, o caráter habitual das rotinas, mais considerado como óbvio e comum, fornece às crianças, e também aos outros atores sociais envolvidos, a segurança e a compreensão de pertencerem a um grupo social. Esse caráter previsível, no entanto, fortalece as rotinas bem como fornece um contexto privilegiado no qual uma ampla variedade de conhecimentos socioculturais pode ser produzida, exibida e interpretada (CORSARO, 2011). Portanto, nessas rotinas estabelecidas pelas famílias pesquisadas, as crianças das escolas públicas e particulares de Viçosa se constituem como atores sociais, o que contribui, conforme as suas possibilidades, para a conservação e a manutenção da sociedade.

Ademais, a importância do tempo para a organização das rotinas das crianças está relacionada ao poder ou não poder fazer o uso das Tics, além de ser uma forma determinada pelos pais de tentarem organizar uma infância mais disciplinada, feliz e equilibrada com outras atividades consideradas legítimas das crianças, como o brincar e o estudar. Para esses pais, quanto mais tempo uma criança fica no celular ou tablet, maior é a probabilidade de as crianças desenvolverem comportamentos viciosos ou ansiedade em função do uso das tecnologias.³⁴

“Tenho um irmão que se viciou em jogos, hoje tem 26 anos e está com depressão não culpo isso, mas colocar limites é muito importante”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

A preocupação das famílias, em relação ao acesso das crianças a assuntos adultos e inadequados ao seu desenvolvimento, faz com que os pais das crianças rurais e urbanas procurem plataformas e aplicativos com conteúdos específicos infantis, por exemplo, como o YouTube Kids. De acordo com os respondentes da pesquisa, as crianças, que consomem tecnologias de forma ilimitada, acabam acessando conteúdos violentos, sexualizados e propagandas. A partir disso, de acordo com as mães e os pais pesquisados, as publicidades incentivam o consumo de diversos produtos como calçados, brinquedos e outros itens

³⁴ No Apêndice 9, encontra-se um quadro sobre a frequência de uso das TICs pelas crianças, segundo seus responsáveis.

direcionados ao público infantil. Nesse sentido, acabam selecionando previamente um conteúdo mais adequado possível para a idade.

“[...] estamos sempre acompanhando o que ele vê e fazendo o devido controle [...]”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Quando assiste TV, nós colocamos os desenhos que baixamos da internet porque passa muita propaganda inadequada quando fica direto na internet”.

(Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Com relação aos vídeos, instalei o Youtube Kids, que já seleciona bem os vídeos. E vejo sempre o que ela acessa no Youtube comum”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

Entretanto, Pereira (2015) chama a atenção para os conteúdos chamados “peritos”, em especial os do YouTube Kids, por considerar que esses aplicativos não possuem assuntos selecionados para o público infantil da maneira como se espera os pais.

No primeiro contato do usuário no aplicativo do YouTube Kids é possível escolher as opções de interação por meio dos itens: *Aprender, Explorar, Músicas, e Séries*. Ainda, a própria organização do aplicativo sugere uma inevitável mediação dos adultos, pois são os pais que escolhem que relação com as TICs a criança deve ter. No entanto, imediatamente que o usuário seleciona qual conteúdo acessar, ele recebe vídeos, através do item chamado de *Recomendados*, com propagandas voltadas para o público infantil. A preocupação dos pais em escolher o aplicativo YouTube Kids, portanto, não isenta a criança de acessar conteúdos indesejados pelos mesmos.

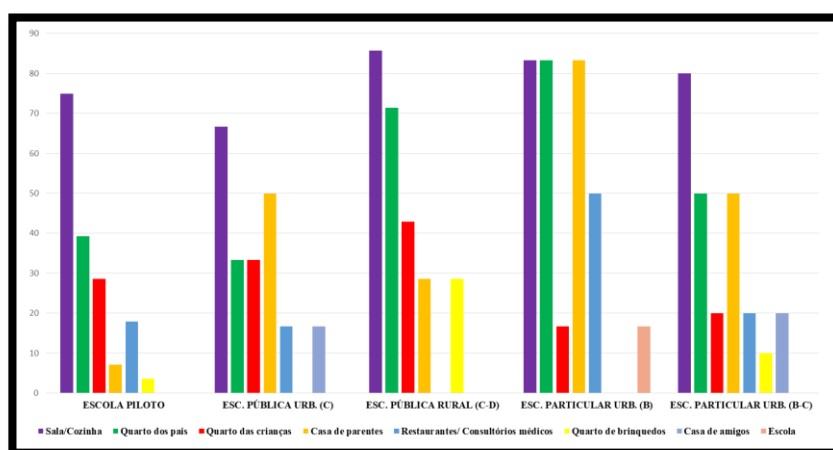
Então, o controle do uso das TICs pelas famílias das crianças, atendidas pelas escolas públicas e particulares de Viçosa, está relacionado às características do mundo contemporâneo - ao medo do isolamento (individualismo), da morte da infância e de tudo que pode estar relacionado a uma infância considerada ‘normal’: tomar sol, andar de bicicleta, das brincadeiras tradicionais infantis, ouvir músicas, brincar ao ar livre e com outras crianças, ter experiências concretas (consideradas reais como sendo o oposto de virtual). De acordo com Corsaro (2011), a busca do equilíbrio entre as brincadeiras tradicionais e da contemporaneidade insurge sobre os investimentos da vida da criança e do mundo adulto baseados em uma *ideia* de infância, muito mais do que na realidade das vidas das crianças.

Nesse viés, tais ideias são fundamentadas em pressupostos nostálgicos de uma infância perdida, sem brincadeira ou liberdade, os quais fazem parte de um esforço dos adultos em estar sob controle da infância real e do eterno luto da infância que viveram. Por conseguinte, essa ideia da forma correta de experienciar a infância vem da maneira adultizada de se pensar que

só existe uma maneira de uso das TICs- o uso adulto. Além disso, sobressai a questão de quem não tem a linguagem (associado ao pensamento; à comunicação) desenvolvida não é capaz de usar de forma satisfatória essas tecnologias. Além disso, as narrativas produzidas sobre as crianças mantêm predominante a concepção baseada nos parâmetros de diferenciação moral e cognitiva entre o mundo adulto e o infantil, assim como as prescrições de proteção e preparação para o futuro (PEREIRA, 2015).

Outro aspecto, que é importante para a discussão das mediações parentais em torno do fenômeno das tecnologias na infância, diz respeito aos espaços em que as crianças usam as TICs. Aliás, esses espaços de uso das TICs foram analisados não apenas como parte do arranjo da estrutura física do ambiente privado ou público, mas considerando-os como dimensão produzida pelas situações vivenciadas e organizadas pelas crianças e suas famílias³⁵. De acordo com os inqueridos, os espaços são considerados e vivenciados enquanto alternativas de controle, educação e formação das crianças das escolas públicas e privadas. Assim, os espaços mais citados sugerem um hábito de uso domiciliar.

Gráfico 3: Espaços de uso das TICs pelas crianças:



Fonte: Dados da pesquisa.

Os espaços mais citados pelas famílias das crianças foram os que possuem função compartilhada de uso nos domicílios, como a sala e a cozinha- onde há maior presença de adultos-, em seguida os cômodos que sugerem hábitos individuais como o quarto dos pais e o quarto das crianças. Os usos em espaços públicos, como ruas e praças, não foram marcados e a

³⁵ Estas análises vão ao encontro dos pressupostos da Geografia da Infância, que apresenta o espaço não apenas como uma categoria que revela aspectos do ambiente físico, mas também das relações de existência e experiência humanas.

escola foi marcada apenas por uma família atendida pela Escola Particular Urbana (B). Esses resultados vão ao encontro das perspectivas de Pereira (2002) e Sarmiento (2018) quem dizem sobre as alterações cotidianas de vida, sobretudo nas espacialidades e nos modos de adultos e crianças se relacionarem. Nos termos dos autores citados, as crianças de diferentes segmentos sociais do presente estudo usam as tecnologias nos espaços em que prevalece a vida privada e introspectiva, relacionada às limitações da livre circulação das crianças no contexto contemporâneo. Nas escolas públicas e na Particular Urbana (B-C) os responsáveis não consideram que a criança use as TICs na escola.

Os espaços fora do ambiente doméstico como os restaurantes e os consultórios médicos encaixam-se na lógica moderna de institucionalização, ligada a terceirização, das atividades das crianças de 60% das famílias das escolas particulares e menos de 30% das famílias das escolas públicas federal e municipal urbana, em seus tempos livres e em tempos de socialização das famílias. De acordo com a análise dos dados, as TICs são usadas como espaços/tempos Kids virtuais, em substituição aos espaços Kids físicos³⁶, os quais são construídos especificamente para as crianças passarem o tempo enquanto adultos socializam.

3.4.3. O oferecimento das TICs

Diante dos sinais que as crianças emitem, os quais indicam que estão ultrapassando as fronteiras estabelecidas na era moderna, os pais organizam os cotidianos infantis, por meio da oferta ou não das TICs, de forma que os usos dessas tecnologias estejam equilibrados entre as dinâmicas ou experiências cotidianas, tanto dos adultos quanto das crianças. O Quadro 2, a seguir, ilustra quatro ocasiões em que as famílias das escolas públicas e particulares de Viçosa oferecem as tecnologias para as suas crianças.

Quadro 2: Situações em que os pais oferecem as TICs às crianças, em porcentagem – Viçosa, MG:

SITUAÇÕES/ ESCOLAS	ESCOLA PILOTO (%)	ESCOLA PÚBLICA URBANA (C) (%)	ESCOLA PÚBLICA RURAL (C-D) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B-C) (%)

³⁶ Os espaços Kids são espaços dedicados ao lazer das crianças, estruturados em condomínios fechados, festas de casamento, restaurantes, com o objetivo de segregar as atividades infantis das dos adultos. Esses espaços são planejados via de regra, visando o bem-estar e a segurança das crianças.

1- Como distração					
Forma de ocupar o tempo/ ‘distração’	14	17	43	17	40
Ferramenta educativa moral	4	17		33	40
Uso nos espaços públicos	29	33	29	50	40
Nos momentos de ocupação/trabalho dos adultos	11	33	29	50	60
Troca de aparelhos entre adultos e as crianças	7	17			10
2- Como instrumento de aprendizagem					
	0	0	14	17	30
3- Como entretenimento					
Relacionado à criança	21	33	29	50	50
Relacionado à Família	4	33	29	17	10
4- Como cumprimento do “dever” de criança e aluno					
Depois do brincar	4	33	14	17	10
Depois do estudar		33			20

Fonte: Dados da pesquisa.

As distrações, apontadas no item 1, revelaram cinco formas de compreensão do uso das TICs pelas famílias das crianças atendidas nas escolas públicas e particulares de Viçosa: como modo de ocupar o tempo, como uma ferramenta educativa, uso nos espaços públicos, nos momentos de ocupação e trabalho dos adultos, e a troca de aparelhos entre adultos e crianças.

- **Como forma de ocupar o tempo:**

As TICs funcionam como ferramentas a serem utilizadas pelas crianças como forma de ocupar o tempo (no tempo do ócio e do tempo livre): fazendo-lhe companhia para distraí-las nos momentos de rotina (banho, refeição);

“Geralmente quando a criança está muito cansada e começa a assistir para dormir”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

- **Como ferramenta educativa moral:**

As TICs funcionam como um civilizador/ educador/ acalmador/ dominador – o que faz parte da administração simbólica da infância quando se relaciona às regras, normas, para que a criança corresponda às expectativas da sociedade;

“Ofereço quando ela está atrás de mim ou quando não quer brincar mais sozinha [...]”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Quando ele está muito agitado ou sozinho (entediado)”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

Os pais das escolas particulares consideram as TICs como ferramenta de aprendizagem e de forma educativa moral.

- **Usos nos espaços públicos:**

Esse tópico refere-se aos usos das TICs por crianças em outros espaços fora do domicílio (a exemplo dos consultórios médicos e restaurantes). Os estabelecimentos comerciais, por exemplo, como restaurantes, parques de recreação ou áreas específicas de lazer para as famílias, oferecem atividades dirigidas para as crianças e tentam convencer os pais que essas atividades são planejadas para o público infantil e uma alternativa segura. Então, dadas as condições modernas, que acarretaram no aumento da violência e abusos altamente veiculados pela mídia, o aumento de veículos automotores e, conseqüentemente, a falta de espaço urbano para as brincadeiras das crianças, as preocupações com o bem-estar e as condições de segurança das crianças se tornaram questões compreensíveis relativas à segurança infantil.

Os problemas concernentes aos medos e às preocupações paternos sobre a segurança dos seus filhos se ampliam quando os pais relacionam as suas preocupações com o estado das sociedades modernas de modo mais geral: falta de tempo para conhecer quem está perto e confiança no que está na mídia.

Uma vez que esses espaços são naturalizados como o ‘não lugar’ da criança e que criança corre, brinca, pula e conversa, assim, para acalmá-la e/ou distraí-la, os pais oferecem-lhes as TICs, que atua como um “ESPAÇO KIDS VIRTUAL”. Ainda, isso se aplica, principalmente,

quando esses espaços não oferecem um espaço kids físico em que a criança possa concentrar e/ou segregar do restante dos adultos. Assim, nos ambientes de espera, de passagem, as TICs ajudam a passar o tempo e a diminuir a ansiedade do que está por vir.

Além disso, este tópico também relaciona o uso das TICs pelas crianças como barganha para não haver discussões, argumentações, desobediências, nos momentos de intervenção de um adulto, como cortar o cabelo/tirar o sangue. Ademais, pode também ser interpretada como companhia, refúgio ao sentimento de medo, dor, afeto. Nesse viés, as TICs são como um refúgio.

“Para alguma forma de distração tipo cortar o cabelo, talvez para comer e em algum restaurante caso eles não queiram ficar mas são casos raros”
(Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

Sarmiento (2018) afirma que as investigações sociológicas sobre as infâncias reforçam que a vida das crianças exprime a complexidade das realidades sociais contemporâneas e o fato de que os contextos urbanos podem favorecer ou restringir a cidadania e, portanto, a vida das crianças. A partir disso, o autor caracteriza tais fatores em seis dimensões, dentre as quais, destacamos uma: a domesticação.

A domesticação é um conceito relacionado às estruturas do espaço urbano e às limitações da livre circulação das crianças na cidade, assim como explica o fato de um conjunto de atividades livres das crianças serem controladas pelos adultos. Dentre as atividades livres destacadas por Sarmiento (2018) estão as atividades lúdicas desenvolvidas com os pares, e que podem ser identificadas em espaços delimitados como tendo o “seu lugar”: os parques infantis, os espaços kids dos restaurantes, os videogames como um espaço de entretenimento e os serviços especializados em festas infantis.

O já referido autor nos ajuda a entender, através do conceito de domesticação, que essa configuração dos espaços lúdicos, engendrada pelos adultos sob o pretexto de proteção das crianças, caracteriza-se em limitações à sua autonomia e impõe pautas regulatórias de comportamentos. Desse modo, o brincar das crianças, vigiado e controlado pelos pais ou pelos adultos responsáveis das empresas de eventos, impõe regras e pautas regulatórias de comportamento por meio de rotinas e rituais. Logo, limitam a inventividade e a criatividade, o que padroniza as possibilidades de ações das crianças (SARMENTO, 2018).

- **Nos momentos de ocupação e trabalho das mães e dos pais:**

As crianças precisam de uma atenção a qual o adulto não pode oferecer no momento, devido aos afazeres domésticos. Assim, as TICs são usadas nos momentos em que os pais estão estudando, lendo um livro, trabalhando em casa, o que, em princípio, pode lhes impossibilitar de dar atenção à criança. Assim, as tecnologias atuam no intuito de evitar que as crianças tirem a concentração dos pais, por conversar, pedir alguma coisa, correr, gritar, chorar, por exemplo.

“Sim, enquanto eu faço faxina, comida [...] (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Sim. Quando eu precisava distraí-la pra eu conseguir fazer algo urgente na casa, como ir ao banheiro, olhar uma comida no fogão ou cuidar das irmãs menores”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Não gostamos que as crianças fiquem o tempo todo com TV ou tablet, mas os considero recursos que ajudam muito quando estou apertada com as 3 crianças sozinha em casa e tenho algo urgente pra fazer, como trocar fralda da caçula ou fazer comida”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

- **Troca de aparelhos:**

A troca de aparelhos entre os adultos e as crianças se revelou como uma categoria nativa. Ainda, este item pode estar ligado às outras subcategorias e também sugere que as crianças não possuem aparelhos próprios.

“[...]quando eu preciso do computador eu ofereço o celular” (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Ofereço o que estou usando como troca” (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

O segundo item do quadro2 está relacionado às TICs que são usadas pelas crianças como instrumentos de ensino de conteúdo escolares, além de auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento da criança. Nesse sentido, as tecnologias são usadas para aprimorar o que já foi aprendido na escola e estabelecer uma ponte com o universo da educação formal. Ademais, são consideradas pelos pais como instrumentos equivalentes ao brinquedo pedagógico que auxilia no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Paralelo a isso, o mercado lucra na construção de jogos, aplicativos “disfarçados” de conteúdos exclusivos infantis para venderem o seu produto como seguro:

“As TICs, são ótimos instrumentos para a ensinar e aprender (as cores, sílabas, historinhas, etc)”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto).

“Alguns vídeos educativos sobre o som das letras, em casos de pesquisa para dever de casa [...]”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

Já o terceiro item mostra a ocasião do oferecimento das TICs, cujas situações estão associadas ao entretenimento infantil e familiar, assim como ligado aos interesses das crianças e das famílias, respectivamente. Portanto, esse assunto do entretenimento deve ser tratado com restrições, razão pela qual os dados, que apontaram para essa categoria, vieram da narrativa adulta, ou seja, das mães e dos pais das crianças. Sendo assim, a forma de uso relacionada ao brincar pode ser reestruturada e se estender a objetivos pedagógicos, na forma de "edutainment", ou seja, a combinação da educação com o entretenimento, conforme afirmam Goldstein, Buckingham e Brougère (2004). Nos termos de Corsaro (2011), a criança é quem precisa fazer as modificações nas formas de uso das tecnologias e encará-las ludicamente. Portanto, é na produção dos sentidos das crianças que as mesmas fazem do uso da tecnologia enquanto um brinquedo, ou não.

“Às vezes procuro vídeos de músicas infantis, histórias ou mesmo músicas que gosto e ficamos vendo e escutando juntas. Elas gostam de assistir desenhos e filmes infantis durante a semana e ficam em casa com a minha empregada”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“À tarde ela gosta de ver vídeos infantis de brincadeiras, desenhos.” (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Nós assistimos aos programas que ela gosta, trocamos ideias sobre personagens”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“Temos uma boa interação, pois sempre buscamos por vídeos e jogos com algum conteúdo aproveitável e de interesse familiar”. (Resposta da (do) responsável pela criança da Escola Piloto)

“Assistimos vídeos em outras línguas e ouvimos músicas juntas”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

“São joguinhos saudáveis que também jogamos com ele, de vez em quando, observamos sempre o seu comportamento”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

O quarto item está relacionado ao papel dos pais de garantirem que as crianças, mesmo interagindo com objetos construídos inicial e exclusivamente para o mundo adulto vão:

respeitar as regras de uso; não perderem o foco e o interesse nos estudos; construir uma memória do tradicional, ou seja, brincar com brincadeiras que proporcionam movimento e criatividade. Logo, por recompensa, podem desfrutar das benesses das tecnologias.

“Sempre digo para minha filha que tem tempo para tudo. Sendo assim: tem que fazer o dever; brincar de boneca, assistir TV; usar o celular; tempo estipulado”. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

De posse dos dados do quadro 2, ficam evidentes três formas de oferecimento das TICs para as crianças. Uma é o oferecimento em locais públicos, uma vez que, frequentemente, as crianças não têm território nesses espaços, já que os adultos tendem a ocupá-los. Outra situação se verificou, é durante as atividades dos adultos das famílias, as quais lhes impedem de dar atenção às crianças, que as mesmas, então, recebem as TICs. Por fim, os adultos levam em consideração o oferecimento para o lazer da criança, ainda que limitado.

Finalmente, pode-se dizer que as rotinas culturais das famílias constituir-se-iam em importantes espaços ou oportunidades para as crianças participarem da vida familiar cotidiana e desenvolverem um sentimento de segurança e de pertencimento a um grupo social. Nos termos de Sampaio, Máximo e Cavalcante (2017), os usos de aparelhos tecnológicos e os aplicativos indicam facilidade na comunicação com as famílias. No total das famílias pesquisadas, 26,32% dizem que as crianças ouvem música, 12,28% veem fotos e 10,23% das crianças conversam por chamada de vídeo. Esses aspectos revelam que as crianças participam desses espaços quando publicam e compartilham conteúdos com seus familiares.

Analogamente, o uso permitido das tecnologias é um importante espaço de interação das crianças com as suas famílias. Por meio da participação em tais rotinas entre seus pais e irmãos, vizinhos, primos e tios, quais sejam os membros das famílias que façam parte do seu núcleo familiar, as crianças têm oportunidade de iniciarem sua participação na cultura. Entretanto, os dados apontam que este espaço está sendo na verdade utilizado como uma alternativa de controle dos pais para que seus filhos façam o uso ‘seguro’ e pedagógico da tecnologia. Desse modo, as respostas dos pais sugerem que o uso das TICs por suas crianças revela, tal qual aponta Pereira (2015), a natureza estruturada, controlada e planejada pelos adultos.

Os dados sugerem, portanto, que o oferecimento ou não das TICs para as crianças vão ao encontro das noções da reprodução interpretativa, ou seja, a partir do agir da criança e das suas manifestações, por exemplo, de sono, de tédio, de querer uma atenção adulta. Então, as famílias tendem a transformar as práticas familiares e cotidianas para a mediação e o controle

desse uso, assim controlam o uso das TICs, mas as crianças contribuem para a definição material e simbólica das suas interações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados demonstram que as crianças de 4 a 6 anos, que vivem na zona rural e urbana de Viçosa, não estão limitadas às fronteiras estabelecidas no início do período Moderno. Aliás, essas crianças estão experienciando um mundo em que as Tecnologias de Informação e Comunicação desempenham um papel importante no cotidiano dos adultos e que passam a fazer parte de suas vidas. Embora haja diferenciações nas condições sociais e culturais das famílias estudadas, e que, conseqüentemente, refletem nas suas dinâmicas familiares, há elementos comuns de práticas de uso, mediação e controle das TICs. Tais elementos caracterizam a infância contemporânea como um grupo social e geracional permanente, que vivencia o conjunto de experiências com as tecnologias, bem como também narrativas produzidas das mudanças oriundas das interações com a cibercultura.

Esses elementos da infância contemporânea se fazem presentes também nos processos de administração simbólica adotadas pelas famílias para o controle e a mediação do uso das TICs. Além disso, os dados sugerem que as famílias atendidas, tanto pelas escolas públicas, quanto pelas escolas particulares, tendem a mediar o uso das tecnologias de acordo com o equilíbrio entre as atividades infantis e adultas ou das suas expectativas de uma infância segura e saudável, sobretudo, em relação ao uso controlado da tecnologia, sem deixar os elementos do ‘ser criança’ marginalizados.

De forma geral, as mães e os pais seguem uma lógica moderna de industrialização, que tem como projeto um complexo processo de ensino no uso das TICs pelas suas crianças. Esse processo se materializa nas rotinas, nos conteúdos, no tempo e nos horários, assim como no oferecimento das TICs às crianças. De acordo com essa mediação, os pais das escolas públicas e particulares, que fizeram parte dessa pesquisa, estão sempre atentos ao controle do uso das TICs, pois a criança é orientada a consumir conteúdos próprios para a sua idade e tende a fazer a melhor escolha.

Desse modo, podemos perceber outras questões que influenciam nas práticas das crianças e nos seus usos e interações com as TICs: como questões de gênero; afazeres domésticos “das mães”; alternativas de controle das TICs; organização no espaço, no tempo; negociações de uso das TICs. Logo, os usos das TICs são muitas vezes como “espaço virtual kids”, ou seja, um espaço privilegiado de distração como uma estratégia para manter as crianças

ocupadas enquanto os pais também estão ocupados com os afazeres domésticos, com seus amigos ou com o seu trabalho.

Finalmente, cabe perguntar: é a Cibercultura o lugar da (minha) criança? Por meio das organizações das dinâmicas cotidianas das famílias, as crianças sempre questionam, selecionam, (re) interpretam as suas experiências sociais com os adultos e constroem estratégias as quais modificam ou ressignificam as suas relações com os adultos e fazendo-os repensar sobre suas práticas.

Por fim, pode-se perceber que as famílias têm seus rituais cotidianos e que o uso das tecnologias se encaixa nesses rituais, isso conforme o que os pais definem ou aceitam para os seus filhos. De acordo com os pais, os mesmos tentam equilibrar a rotina, da melhor forma possível, com outras atividades que são consideradas mais infantis. Quando isso não é possível, as atividades com as tecnologias são planejadas para serem usadas enquanto ferramentas pedagógicas.

De maneira geral, os dados da pesquisa sugerem que os responsáveis definem critérios que são desenhados para proteger e ao mesmo tempo controlar as crianças, em outras palavras, para confiná-las em comportamentos sociais considerados adequados. Logo, esses comportamentos precisam ser apropriados ou aceitáveis para que a criança não se mostre uma ameaça aos adultos, ou para que os adultos não precisem ameaçá-la.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Alessandra. O brincar em ambiente virtual. **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, mídia e educação: revisitando o conceito de socialização. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v.25, n.1, 57-82, jan./jun. 2007.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **R. Fac. Edc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.

_____, Gilles. **Brinquedos e companhia**; tradução de Maria Alice A. Sampaio Dória; revisão técnica de Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2004.

_____, Gilles. **Brinquedo e cultura**; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. - 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

BRITO, Rita; DIAS, Patrícia. Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros. **Observatório Journal**, 072 – 090, 2017.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CGI.BR. **Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Crianças 2010**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012

Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. v. 1 828 p.

GOLDSTEIN, Jeffrey; BUCKINGHAM, David; BROUGÈRE, Gilles. **Toys, games and media**. Nova Jersey: Laurence Erlbaum, p. 1- 8. 2004.

JOBIM E SOUZA, Solange; PEREIRA, Rita. Marisa. Ribes. Infância, Conhecimento e Contemporaneidade. In: **Infância e produção cultural**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

JOBIM e SOUZA, Solange; SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança na idade mídia: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: **Estudo da infância: educação e práticas sociais**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

MENEZES, José Américo; COUTO, Edvaldo Souza. Clicar e brincar: o lúdico na cibercultura infantil. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, Salvador. **Anais...** Salvador, BA: UFBA, 2010.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: **Infância em pesquisa**. PEREIRA, Rita Maria Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). Rio de Janeiro: Nau, 2012.

_____, Rita Marisa Ribes. Precisamos conversar! Questões para pensar a pesquisa com crianças na cibercultura. In: **Infância: sociologia e sociedade**. REIS, Magali dos; GOMES, Lisandra Ogg (Orgs.). São Paulo: Edições Levana / Attar Editorial, 2015. 400 p.

SAMPAIO, Inês Silva Vitorino; MÁXIMO, Thinayna Medonça; CAVALCANTE, Andreia Pinheiro Paiva. Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades. **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 26, n. 2 (77) | p. 223-239, mai./ago. 2015.

SARAMAGO, Sandra Silva Souza. Metodologias de pesquisa empírica com crianças. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n. 35, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga. 2004. Disponível em: <http://cedic.icc.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acesso em 25/08/2017.

_____, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - PPGE/ME FURB**. v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011.

_____, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação** (Porto Alegre), v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago, 2018.

WEBER, Tiziana Brenner B; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, Eliane Cristine. Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial. **Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba - PR – 26 a 28/05/2016.

4. OS MODOS HÍBRIDOS DO BRINCAR NA INFÂNCIA: A CONVERGÊNCIA ENTRE AS PRÁTICAS LÚDICAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS NO CONTEXTO DA CULTURA DE PARES

HYBRID MODES OF CHILDHOOD PLAY: THE CONVERGENCE BETWEEN TRADITIONAL AND CONTEMPORARY PLAY PRACTICES IN THE CONTEXT OF PEER CULTURE

Resumo: Este artigo faz referência a um trabalho de pesquisa que buscou refletir, teórica e metodologicamente, sobre o brincar contemporâneo com as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) na infância. Dentro dessa temática, o objetivo foi compreender de que forma as crianças de diferentes segmentos sociais se apropriam das TICs na cultura de pares. Ainda, como metodologias, utilizamos os desenhos de crianças de 4 a 5 anos de idade, matriculadas em escolas públicas e privadas, bem como a recolha de suas vozes, analisadas sob o ponto de vista da Sociologia da Infância. Os resultados apontaram que as crianças se apropriam das tecnologias de forma conjunta e convergente com as brincadeiras tradicionais infantis. Desse modo, conhecer as diferentes realidades permitiu que compreendêssemos o significado que a tecnologia assume para essas crianças em suas vidas, além da forma como orientam os seus comportamentos, seus interesses, suas necessidades, suas motivações, seus modos de brincar e suas interações com seus pares.

Palavras chave: TICs. Cultura lúdica. Crianças.

Abstract: This article refers to a research work that sought to reflect, theoretically and methodologically, on contemporary play with ICTs (Information and Communication Technologies) in childhood. Within this theme, the objective was to understand how children from different social segments appropriate ICT in peer culture. Still, as methodologies, we use the drawings of children from 4 to 5 years old, enrolled in public and private schools, as well as the collection of their voices, analyzed from the point of view of the Sociology of Childhood. The results showed that children appropriate technologies in a joint and convergent way with traditional children's games. In this way, knowing the different realities allowed us to understand the meaning that technology assumes for these children in their lives, in addition to the way they guide their behaviors, their interests, their needs, their motivations, their ways of playing and their interactions with their pairs.

Keywords: ICTs. Play culture. Children.

4.1. INTRODUÇÃO

Embora a área de comunicação social tenha ganhado visibilidade e importância nas últimas décadas, esse campo de construção do conhecimento deixa na marginalidade o tema que envolve as relações das crianças com as tecnologias. Na perspectiva de Pereira (2012), tanto a cibercultura quanto o tema da infância são fluidos, por se tratarem de elementos complexos e contemporâneos.

Ainda, pesquisadores, como Manuel Jacinto Sarmiento e Wiliam Corsaro, sustentam que as infâncias devem ser compreendidas com as crianças e não somente a respeito delas. Desse modo, os estudos que identificam a participação efetiva das crianças em fenômenos sociais, tal como no uso e apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), contribuem para a consolidação dos estudos da Infância, bem como para reflexões e problematizações sobre os conceitos de uma infância naturalizada e fora do seu contexto social, cultural e histórico.

As crianças participam, sobretudo, por meio das tecnologias móveis, da conectividade, o que são modos especiais de viverem essas experiências e de construírem de forma lúdica para a sua cultura infantil. Além disso, o brincar com as TICs, que muitas vezes ocorre na palma da mão (COUTO, 2013), traduz o que é o brincar contemporâneo e de como as crianças contribuem com a construção histórica e social das mudanças de viver as experiências do cotidiano das famílias e das sociedades. Essas expressões, individuais e coletivas das crianças, motivaram vários autores a discutirem o uso das TICs na perspectiva da construção da cultura infantil, ou seja, quando é incorporado no universo do brincar. Desse modo, as suas práticas sociais juntamente com as tecnologias, segundo esses autores, são apropriadas de forma criativa pelas crianças no seu cotidiano e não representam o todo das experiências lúdicas, mas carregam maior ou menor sentido dependendo do seu contexto social e do momento da brincadeira (ALMEIDA; ALVES; CARVALHO, 2013); (ALCÂNTARA, 2017); (FRANCISCO; SILVA, 2015).

Para Kishimoto (2014), o brincar em um país continental como o Brasil, se caracteriza de formas diferenciadas em decorrência dos contextos multiculturais vivenciados pelas infâncias, mas ao mesmo tempo mostra similaridades em sua prática lúdica. De acordo com a autora³⁷, o hibridismo da cultura lúdica infantil se manifesta nas aproximações entre o

³⁷ Ibid.,2014.

tradicional e o contemporâneo, bem como no protagonismo dos sujeitos brincantes. Assim, esses dois elementos reforçam a ideia de que a infância é um fenômeno social e também que as crianças são responsáveis ativas de seus mundos sociais. Então, o acesso material ou não aos aparatos tecnológicos (como por exemplo a televisão, celular, tablet, videogame) impõe experiências diferenciadas, plurais e desiguais das crianças no brincar. Por isso, indagar sobre como se tem construído as experiências da criança sobre o uso e a apropriação das TICs envolve um olhar crítico sobre as representações das crianças no fenômeno da cibercultura, além de redefinir os processos de socialização das crianças e suas relações com seus pares e com os adultos no cotidiano. Aliás, sem perder de vista que a cibercultura, as infâncias e os fragmentos do cotidiano estão em permanente movimento.

Como Educadora Infantil, as interações sociais na infância, a partir das TICs, emergiram na minha prática profissional, ao longo de 13 anos, em uma instituição de Educação Infantil de uma cidade do interior da Zona da Mata Mineira e, por meio dessa experiência, eu pude estabelecer uma relação de alteridade entre as crianças. Através desse contato, ainda, percebi como se davam as formas de apropriação tecnológica em suas diversas realidades materiais e simbólicas, suas brincadeiras associadas às novelas, às práticas de colecionar álbuns de figurinhas estampadas com os personagens favoritos, o compartilhamento dos saberes associados com seus pares, bem como a participação das famílias das crianças nesses diferentes contextos.

Tal experiência e as discussões apresentadas sobre os usos que as crianças fazem das TICs nos seus cotidianos me afetaram no contexto singular de pesquisadora, o que me motivou a pesquisar com as crianças. Além do interesse e da necessidade de aprofundar essas informações, com base em suas falas, o objetivo desse artigo foi compreender de que forma as crianças de diferentes segmentos sociais se apropriam das TICs na cultura de pares. Ademais, tem-se como premissa que, conhecer essas diferentes realidades, permite compreender o significado que a tecnologia assume para as crianças em suas vidas e a forma como orientam seus interesses, suas necessidades, suas motivações, seus modos de brincar e suas interações com os pares e com os adultos.

Para atender aos objetivos propostos, este trabalho propõe-se a estabelecer uma relação coerente da teoria com o uso de metodologias que buscaram escutar as crianças de maneira efetiva e eficaz. Primeiramente, descrevemos, de maneira breve, a forma de seleção das amostras que representaram os diferentes contextos socioeconômicos e culturais de um grupo de crianças de 4 a 6 anos de idade, matriculadas em duas escolas públicas e duas escolas

particulares dos segmentos da Educação Infantil, na cidade de Viçosa, Minas Gerais. O próximo tópico contribui com reflexões teóricas e epistemológicas sobre os usos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), alicerçado na abordagem da Cultura de Pares, na Cultura Lúdica e nos elementos da teoria da Reprodução Interpretativa, os quais problematizam a participação e a contribuição das crianças, enquanto sujeitos sociais, na construção da cultura infantil e de uma Cultura mais ampla.

Em seguida, apresentamos e discutimos os resultados manifestados sobre as narrativas das crianças nas expressões dos seus desenhos e nas brincadeiras, as quais foram construídas no interior de suas culturas de pares, especificamente, nos ambientes escolares, reportando-nos aos aspectos da cultura lúdica e aos usos que as crianças fazem das TICs. No último tópico, apresentamos algumas considerações finais acerca do objetivo proposto, assim como sugerimos pesquisas que aprofundem o debate sobre a relação da cibercultura e a infância, no intuito de que contribuam para a compreensão das infâncias na contemporaneidade.

4.2. A CULTURA DE PARES E A CULTURA LÚDICA NA CIBERCULTURA

De acordo com Santos (2015), as experiências vividas pelas crianças se diferem das experiências dos adultos, na medida em que possuem formas singulares de ser e estar no mundo. Segundo Pereira (2015), essas formas se revelam nas maneiras infantis de interagirem, de fazerem escolhas, de brincar, de dialogarem, ou seja, de manifestarem-se sobre esse mundo.

Além disso, muitos são os marcos que definiram essas mudanças e que implicam nos cotidianos das crianças e na tomada de decisões das suas famílias. Nesse sentido, podemos citar o contato com distintas manifestações culturais, as transformações do espaço urbano, as formas de interação das famílias com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), o “hibridismo” entre as brincadeiras tradicionais e as “novas formas de brincar” das crianças e o “fascínio” das crianças, cada vez mais novas, pelas tecnologias (COUTO, 2013; 2014). De acordo com Kishimoto (2015), a configuração híbrida da cultura lúdica infantil se revela também em decorrência do protagonismo dos sujeitos brincantes. Portanto, esses dois elementos reforçam a ideia de que a infância é um fenômeno social e as crianças são coconstrutoras ativas de seus mundos sociais.

Brougère (2004; 2010) afirma que a cultura lúdica, que resulta de experiências lúdicas e é produzida pelo sujeito social, também está aberta às transformações apresentadas pelos diferentes contextos em que a criança joga e brinca. Na interpretação de Jobim e Souza e

Salgado (2009), implica em considerar uma nova cultura lúdica em função dos diferentes contextos sociais e culturais vividos pelas crianças, os quais são construídos e incorporados aos distintos modos de brincar.

Dessa maneira, indagar sobre as experiências da criança no uso das TICs envolve um olhar crítico sobre as interações das crianças no fenômeno na contemporaneidade e redefine as relações das crianças com seus pares e com os adultos, além dos aspectos que definem a construção da sua cultura lúdica infantil. Ainda, implica em problematizar uma nova cultura lúdica ou a cultura lúdica contemporânea compreendendo-a como “um espaço social no qual as crianças, através das brincadeiras, jogos de faz de conta e fabulações, constroem valores, conhecimentos e identidades que se alicerçam em signos trazidos pelo diálogo que estabelecem com a mídia no contexto do capitalismo tardio” (SOUZA; SALGADO, 2009:207). Outra questão é que as brincadeiras, organizadas em um grupo de pares, revelam o pertencimento das crianças em um determinado grupo social, o qual convivem entre si em um determinado espaço, assim compartilham experiências e signos culturais, o que indica a sua identidade e o seu lugar na sociedade, conforme expressa Kishimoto (2014),.

Nesses cenários, encontramos um arsenal de práticas sociais e produtos culturais materializados nas brincadeiras, nos jogos, nos rituais, nos brinquedos, nos conteúdos televisivos que são produzidos para o público infantil. Dessa forma, esses elementos das culturas, produzidas para as crianças, exprimem e constroem significados sobre a infância e o ser criança. Por isso, não se pode desconsiderá-los, uma vez que fornecem as bases materiais e simbólicas sobre as quais as crianças elaboram suas representações sobre “ser criança na contemporaneidade”.

Por cultura simbólica da infância, podemos apontar várias representações ou símbolos expressivos de crenças, das preocupações e dos valores infantis. Ainda, entendemos por cultura material da infância tudo o que as crianças usam: o vestuário, os livros, as ferramentas artísticas, as ferramentas escolares e os seus brinquedos, mas também fazem parte da sua cultura material infantil os artefatos e outros elementos, produzidos pelas próprias crianças, como: desenhos, pinturas, construções com blocos, brincadeiras e jogos (BROUGÈRE, 2004; 2010).

“[...] um espaço social no qual as crianças, através das brincadeiras, jogos de faz de conta e fabulações, constroem valores, conhecimentos e identidades que se alicerçam em signos trazidos pelo diálogo que estabelecem com a mídia no contexto do capitalismo tardio” (SOUZA; SALGADO, 2009:207).

Couto (2013; 2014) se vale das contribuições do geógrafo David Harvey (1999)³⁸ para explicar como, nos contextos de mudanças, a nossa percepção de espaço, bem como o sentido cultural do tempo, se alteram criando novas formas de ação e interação entre as pessoas e com o mundo tecnológico. Segundo o autor, “esse processo de interação, marca essencial da Cibercultura, é cada vez mais complexo e plural” (COUTO, 2013: 901).

Para entendermos a Cibercultura na infância, nos valem da concepção de Pereira (2015, p.295) de que a produção material e simbólica da cultura contemporânea se dá pelo “atravessamento direto ou indireto das tecnologias nas experiências cotidianas”. Segundo a autora³⁹, as experiências construídas com as TICs na Cibercultura afetaram, sobretudo, material e simbolicamente as crianças contemporâneas em seus modos de viver, de brincar, de conhecer e de se relacionar, pois, na sua perspectiva, as tecnologias são decisivas na produção e na circulação da cultura.

Essa visão de socialização se deve ao reconhecimento da atividade coletiva e conjunta das crianças, que envolve práticas sociais de como as mesmas negociam, compartilham, e criam cultura com os adultos e entre si (CORSARO, 2011). Ademais, na perspectiva sociológica, a qual esta pesquisa se sustenta, a socialização não é só uma questão de adaptação e internalização, é também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução de uma cultura compartilhada entre as crianças e seus pares. Segundo Corsaro (2011), as culturas de pares são construídas com um grupo de crianças em idades aproximadas que se encontram quotidianamente e compartilham movimentos, valores, interesses, rotinas, artefatos, brincadeiras e espaços.

Enfim, a perspectiva de se conceber as atividades lúdicas das crianças como um fenômeno cultural pressupõe que conhecer as realidades de crianças, além das diferentes situações sociais e culturais, permite compreender o significado que a tecnologia assume para as crianças em suas vidas e a forma como orientam seus comportamentos, seus interesses, suas necessidades, suas motivações, seus modos de brincar e suas interações com seus pares.

4.3. METODOLOGIA

Este artigo se configura não só como uma discussão teórica, também é metodológica, pois contribui para reflexões de uma construção de procedimentos investigativos, os quais

³⁸ Para saber mais veja: HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1999.

³⁹ Ibid.,2015.

contemplem as especificidades das crianças de um universo amostral diferenciado, e que estejam em consonância com o aporte teórico escolhido para problematizar os dados. Ademais, os processos de busca, para compreender o que as crianças pensam e concebem o mundo da tecnologia, são importantes e traduzem concepções de crianças e infâncias. Assim, buscam contribuir para a construção de uma metodologia de escuta efetiva e de valorização das crianças nas pesquisas, inclusive problematiza, como afirma Quinteiro (2009,p.22), “... a infância como construção cultural, sobre seus próprios saberes, suas possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontram inseridas”.

O trabalho fez parte de uma pesquisa desenvolvida em 2018, com crianças de 4 a 6 anos, matriculadas em quatro escolas do Município de Viçosa, MG. De forma mais específica, a referência empírica partiu da seleção inicial por conglomerado (BABBIE, 2003) de duas escolas públicas, rural e urbana, bem como duas escolas particulares urbanas.

Então, a metodologia por conglomerado consistiu em selecionar, por etapas, as instituições que se apresentaram, por meio das informações obtidas na Secretaria Municipal de Educação de Viçosa⁴⁰, até a seleção final de salas de aula com crianças (meninos e meninas) de 4 a 5 anos (1º e 2º períodos do segmento da Educação Infantil), matriculadas nas escolas municipais públicas rural e urbana e em escolas particulares do Município. Como resultado, uma unidade de cada escola pública e duas unidades das escolas particulares representaram, enquanto amostra, o universo cultural e social diferenciado de famílias. Em cada unidade amostral, ou seja, em cada escola selecionada, foi realizada uma visita, agendada com a direção, para a apresentação do projeto de pesquisa, pedido formal de autorização para coleta de dados na instituição, escolha da turma para compor a amostra final da pesquisa.

Ao final, fizeram parte da amostragem 55 crianças da faixa etária entre 4 e 6 anos, residentes no centro, em bairros periféricos e na zona rural do município de Viçosa- MG, matriculadas nos 1º e 2º períodos do segmento da Educação Infantil. As escolas selecionadas pelo método por conglomerado foram categorizadas a partir das suas localizações geográficas e pelo perfil socioeconômico das famílias, após a análise dos dados oriundos dos respondentes do questionário⁴¹: Escola Pública Urbana (C); Escola Pública Rural (C-D); Escola Particular

⁴⁰ A Coordenadora deste órgão nos forneceu duas listas que correspondia à todas as instituições, públicas e particulares, e que se encontravam devidamente registradas, até a presente data, na Secretaria de Educação do Município de Viçosa.

⁴¹ Após a análise dos dados oriundos dos respondentes do questionário enviado para as famílias das crianças, juntamente com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para participar do estudo foram convidados um dos responsáveis pela criança que se disponibilizasse a responder a um questionário, cujas informações versavam sobre o perfil socioeconômico e cultural das famílias, bem como quanto à posse e uso das TICs. Este roteiro foi

Urbana (B); e Escola Particular Urbana (B-C). Esta amostragem possibilitou uma diversidade de contextos sociais e culturais das crianças dessa faixa etária.

Os pressupostos que fundamentam esta pesquisa vão ao encontro às teorias sociológicas de que a criança não é apenas reprodutora, mas também construtora de cultura e de sua própria história. (SARAMAGO, 2001). Por isso, os procedimentos metodológicos foram pensados e construídos para facilitar ao máximo a escuta efetiva das suas vozes. Nesse sentido, optou-se por utilizar de conversas em roda⁴² com as crianças, por meio da pergunta norteadora (bloco temático central)⁴³ **“O que vocês fazem?”**; atividades de desenho individual, a partir da sugestão da pesquisadora de expressarem **“O que vocês gostam de brincar em casa?”**; e observação. Além disso, a conversa em roda surge como uma possibilidade de coleta, baseada nos rigores científicos de uma pesquisa com crianças, e não apenas como uma conversa preliminar, embora as conversas preliminares sejam importantes para dar início às abordagens da pesquisa. Ainda, foram consideradas em todo o seu contexto, respeitando o processo das crianças em participar ativamente da condução da coleta de dados. Desse modo, as conversas em roda foram importantes para estabelecer um vínculo entre as crianças e a pesquisadora e perceber entre elas o assentimento para participar da pesquisa.

O desenho individual foi pensado, a partir das referências de Gobbi (2009), enquanto um método documental que contribui com a autoria e a visibilidade científica das crianças e das mesmas contribuírem com a história. Logo, esses instrumentos revelaram-se como possibilidades das crianças se expressarem, por meio da linguagem oral, corporal e plástica, sobre suas experiências em relação as TICs em entremeio ao contexto da sua cultura infantil. Tais desenhos podem resultar em documentos investigativos capazes de desvendar o mundo das crianças, isto é, “[...] o mundo vivido, imaginado, construído [...]” (GOBBI; 2009: 73). A imaginação faz parte do mundo das crianças que nos dizem sobre as suas verdades, aquilo que imaginam, o que estão vivendo e o que estão construindo por meio das suas expressões das falas e dos seus desenhos.

Ademais, por meio desses instrumentos, essas crianças puderam “produzir discursos sobre si mesmas, sobre o outro, sobre os fenômenos, revelando assim, sua maneira própria de ver e de pensar a realidade” (MONTEIRO; 2014: 10). À pesquisadora foi possível observar, registrar e analisar as ações desses sujeitos na construção desses significados (MONTEIRO,

construído baseado no Critério de Classificação Econômica Brasil da ABEP- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2016)⁴¹ e nos critérios estabelecidos na pesquisa realizada no TIC CRIANÇAS⁴¹ 2010. O roteiro do questionário e o TCLE estão nos Apêndices 5 e 7, respectivamente.

⁴² Em referência à “entrevista-conversa” de Saramago (2001).

⁴³ Ver o protocolo de conversa em roda com as crianças em Apêndice 10.

2014; CRUZ, 2005). Por conseguinte, a estratégia definida para a coleta de dados, como uma atividade, possibilitou o desenvolvimento da pesquisa no intervalo das demais atividades escolares, além de respeitar o assentimento e a liberdade na participação das próprias crianças na expressão da sua fala em coletivo ou no desenho individual. Nas atividades de roda e de desenho utilizamos a ferramenta de gravação de voz, pelo aplicativo (instalado de fábrica) *Voice Recorder* do celular da pesquisadora.

É importante esclarecer que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UFV⁴⁴, em 15 de junho de 2018, e que foram respeitados todos os trâmites legais deliberados por esse órgão. As famílias receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foram devolvidos e assinados por 28 responsáveis (pais, mães e avós) das crianças. Os relatos que compõem esse corpo de discussões abrangem as falas e outras expressões de todas as crianças envolvidas nas atividades e foram analisadas enquanto uma pluralidade de vozes, sem reconhecimento individual. É importante frisar que esta decisão parte do princípio de que as atividades foram autorizadas pelas escolas, além da valorização do consentimento das crianças em se envolverem e contribuírem para esta discussão. No entanto, as falas identificadas (por codinomes), nos momentos de observação e nos desenhos apresentados, são das crianças que foram autorizadas, pelos pais, a participarem da pesquisa. Ainda, os codinomes foram escolhidos pelas próprias crianças⁴⁵.

De forma geral, a minha acolhida, como pesquisadora, nas escolas públicas e particulares teve muita receptividade. Todavia, há que se ressaltar que, em relação à Escola Pública Urbana (C), o caráter da imprevisibilidade da rotina escolar, nesta instituição, se manifestou particularmente na ausência da professora efetiva por motivo de doença durante todo o processo de coleta de dados. Então, percebeu-se que este fator gerou a insegurança das crianças e, ainda mais, o estranhamento sobre a pesquisa, pois identificaram a pesquisadora como sendo ‘mais uma estranha’ no seu convívio escolar.

A perspectiva de se conceber as atividades lúdicas das crianças enquanto um fenômeno cultural, explica a intensidade, o divertimento e a alegria que aconteceram nos momentos entre os pares. Embora não possam ser percebidos pelo leitor, consideramos importante ressaltar, nas falas e nas expressões dos desenhos das crianças das Escolas Públicas e Particulares, os

⁴⁴ Parecer Consubstanciado do CEP nº 2.714.787.

⁴⁵ Alguns dos codinomes escolhidos pelas crianças também expressam as manifestações simbólicas dos usos das tecnologias: Batman, Ladybug, Relâmpago Macqueen, Princesa Sofia, Princesa Jasmim, Sonic; outras crianças, entretanto, escolheram os nomes diferenciados: de colegas do seu grupo de pares da escola; o nome do irmão mais novo; algumas crianças inventaram nomes: “Ímita Saiena”; nomes de cores: Vermelho e Verde.

momentos de alegria os quais transcenderam aos objetivos da pesquisa, pois esses também conferem sentido a essas ações e às construções infantis.

As falas das crianças foram transcritas em forma de texto e depois categorizadas por meio da análise do conteúdo. Além disso, as imagens dos desenhos foram interpretadas, primeiramente, pelas próprias crianças, enquanto estiveram em atividade. Já as ilustrações, como uma forma de expressão de uma situação vivenciada, permitiram que elas contassem a sua história sobre acontecimentos reais do seu ambiente, sobre a sua rotina e sobre elementos materiais, por exemplo, os seus brinquedos e o uso das TICs entre esses espaços. Por meio de análise de conteúdo, as falas e os desenhos foram interpretados pela pesquisadora e categorizados de acordo com os objetivos do artigo e acerca das considerações do marco teórico.

Por fim, as categorias de análise se desdobraram das reflexões das teorias da Cultura de Pares, da Cultura Lúdica e da Reprodução Interpretativa. Tais teorias podem ser percebidas nas ações ‘das crianças e nas manifestações das suas atividades e do “brincar tradicional e o “brincar da contemporaneidade”, ou seja, nas suas rotinas, nos seus artefatos (brinquedos, jogos, artefatos tecnológicos), nos seus valores e interesses e no compartilhamento dessas ações com seus pares.

4.4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar o que dizem as crianças, entre os seus pares, sobre o uso das TICs, considerou-se as conversas em roda, os desenhos individuais e a observação em campo nas quatro escolas que fizeram parte deste estudo. As primeiras falas das crianças, nas conversas em roda nas escolas públicas e particulares, referenciaram jogos, brinquedos que possuem e brincadeiras consideradas tradicionais, organizadas pelos seus pares, na escola e influenciadas pelos adultos e outros espaços de convivência.

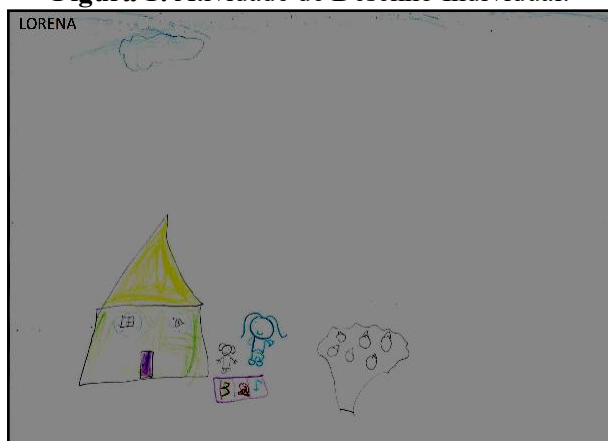
4.4.1. AS PRÁTICAS LÚDICAS TRADICIONAIS

As narrativas das crianças das escolas públicas, contadas por meio das suas falas em roda, e também pelos seus desenhos, apontam práticas sociais lúdicas ao ar livre, desemparedadas e que supõem a participação, bem como a interação entre os pares. Entretanto,

apresentam algumas singularidades inerentes ao grupo social ao qual pertencem. Na escola rural, as crianças apresentaram experiências que sugerem um brincar espontâneo, isto é, com características de liberdade em relação às suas escolhas em relação ao brincar. Tal perspectiva é valorada por Silva et al (2017) que aponta que, quando a criança brinca de forma espontânea, elas podem se expressar, explorar os objetos, o seu corpo e conhecerem o mundo em que vivem.

As falas e os desenhos das crianças da Escola Pública Rural (C-D) evidenciam a discussão de Huizinha (2005), Friedman (2004) e Kishimoto (2014) sobre a característica do brincar enquanto um fenômeno cultural. Desse modo, as crianças rurais se identificam nas suas diferentes formas de brincar, as quais se revelam nos elementos do colorir, no andar de bicicleta entre os morros, nas brincadeiras entre os irmãos e os primos, ou seja, nas construções da cultura infantil das comunidades rurais em que vivem.

Figura 1: Atividade de Desenho Individual:



Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Lorena, 5 anos; Escola Pública Rural (C-D)

“Eu gosto de colorir!”

“Eu gosto de brincar!”

“Eu gosto do parquinho (referência à área externa da escola). Eu adoro muito muito!”

“Eu gosto mais de desenhar!”

“Eu gosto de mexer com tinta!”

“Eu gosto de bicicleta!”

“Eu ando de bicicleta sem rodinha!”

“Eu brinquei de basquete e bola!”

“Eu gosto de andar de velotrol!”

“Eu gosto de brincar com meus primos!”

“Eu tenho carrinhos pequenos!” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Rural (C-D)).

O fato de as crianças rurais usarem o termo “gostar”, para se anunciarem sobre parte da sua infância, indica, segundo Huizinga (2005), que as suas brincadeiras são associadas ao

brincar livre e prazeroso. Nos termos da abordagem do autor ⁴⁶, esses elementos do prazer e do divertimento são a própria essência do brincar.

As crianças da Escola Pública Urbana (C) contaram que brincam de atividades relacionadas com o movimento: pular e jogar bola, mas, percebe-se um maior constrangimento nas formas de brincar, cujas práticas são construídas nos espaços e nos tempos em que o brincar é permitido na escola, isto é, na quadra e no horário do recreio. Portanto, esses dois elementos (tempo e espaço) são importantes definidores das características das atividades da instituição.

Além disso, é preciso ressaltar que a brincadeira também se processa em um limite predeterminado nas escolas públicas rurais. No entanto, o atendimento integral desta escola permite às crianças rurais uma rotina em que em um turno se envolvam com as atividades de ensino e, no outro, as atividades do livre brincar. A conversa em roda com as crianças da Escola Pública Urbana (C) revelou também que a construção da sua cultura infantil se desenvolve em um contexto de desigualdades de gênero. Nas suas falas, percebe-se a divisão sexual que as crianças fazem em relação às próprias brincadeiras:

“Eu quando eu to na hora do recreio eu brinco.”

Pesquisadora: *“Vocês brincam de que?”*

“A gente brinca de ‘bacucanim.’”

“Só as meninas é que ficam brincando certo. Os meninos só brincam errado.”

“As meninas de boneca e nós homi usa de homi mesmo.”

Pesquisadora: *“E menino não pode brincar com bonecas?”*

“Todos os meninos podem.”

“Eles brincam de Macqueen.”

“Mas, menino pode brincar de boneca. Porque menina também pode brincar de carrinho. Mas, se for pra dirigir de verdade aí tem que arrumar um marido pra dirigir pra ela.”

“Brinca, conta história.”

“Brinca de massinha”

“Brinquedo.”

Pesquisadora: *“Quais os brinquedos que vocês brincam?”*

“Nós brinca mais é de corda e de bola.”

“Lá na quadra também.”

“De queimada. As vezes bola.[...]”

“Futebol[...].”

⁴⁶ Ibid.,2005.

“Eu sei jogar basquete. Eu já fiz basquete na Apov⁴⁷.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Urbana (C))

Por meio das suas expressões orais e plásticas, pode-se perceber a importância em se conhecer a relação entre as produções de culturas infantis e os contextos sociais e culturais vividos pelas crianças das escolas públicas: a extração do mel, o compartilhamento das brincadeiras entre os primos, as brincadeiras de menino e de menina, as pipas, os balanços nas árvores. Mas, outros elementos como “as macieiras” indicaram a sua condição de ator social e a forma colonizadora (LOPES, 2017) das escolas conduzirem os seus currículos nessa faixa etária.

Figura 2: Atividade de Desenho Individual:



Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Princesa Jasmin, 4 anos; Escola Pública Urbana (C)

As crianças das escolas particulares nos apontam elementos sobre sua autonomia relativizada, sugerindo que passam parte do seu tempo em espaços delimitados em instituições “especializadas” (aulas de inglês, balé) e em atividades de lazer sob a supervisão e os cuidados da família.

Além disso, as práticas terceirizadas prevaleceram entre as narrativas das crianças atendidas na escola de elite quando mencionaram que o seu tempo é preenchido com “monte de coisas”; atividades que necessitam investimento econômico, para além do que é oferecido na escola: a prática de esportes, o judô, o balé e o ensino de língua estrangeira.

“Eu gosto de fazer cambalhota.”

“Eu gosto de fazer um monte de coisas.”

“Eu gosto de fazer ginástica, futebol, eu gosto de judô. É um esporte.”

“Eu faço um monte de coisas.”

⁴⁷ Associação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa (Minas Gerais).

“Criança faz ginástica, brinca também junto com seus pais, junto com seus irmãos e também junto com suas irmãs e também estuda na escola.”

“Eu brinco com a minha irmã e com a minha mãe de mercado.”

“De brinquedo.”

“Eu gosto de brincar de boneca, de comidinha.”

“Eu gosto de brincar de carrinho e de correr.”

“Eu gosto de futebol.”

“Eu gosto de esconde-esconde, pega-pega, de gato mia.”

“Eu também gosto de corrida de saco. Corrida de saco é de dois jeitos, corrida de saco. Você tem que pular numa sacola até rasgar a bandeira. Aí você vence.”

“O meu pai adora brincar de corrida de saco que ele já fez isso. Eu adoro brincar com ele porque eu vence.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B))

O termo “gostar” também aparece nas falas das crianças da Escola Particular Urbana (B), mas as práticas sociais que lhes possibilitaram vivenciar esse sentimento de liberdade em relação ao brincar se constituem de forma diferenciada daquelas vivenciadas pelas crianças da Escola Pública Rural (C-D). Além do mais, o Projeto Político Pedagógico desta escola envolve a arte e o brincar como eixos fundantes, e o brincar livre está em conformidade com as perspectivas e as expectativas das famílias nesse espaço da escola.

“Eu vou desenhar eu brincando de pega-pega.”

“Eu gosto de jogar futebol no campinho.”

“Eu vou fazer futebol. Lá lá lá lá lá. Eu vou fazer eu jogando futebol. Futebol.”

“Eu vou fazer um carro de bombeiro.”

“Agora eu vou fazer o gol. A bola tá aqui.”

“Oh tia acabei de colorir. Minha casa. Olha aqui, a chuva.”

“Olha o meu desenho! Meu papai tá brincando.” (Transcrição da atividade de desenho registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B))

Figura 3: Atividade de Desenho Individual:



Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Vermelho, 5 anos; Escola Particular Urbana (B)

A presença dos pais e dos irmãos nas falas e nos desenhos das crianças da Escola Particular Urbana (B) revelam que seus pais, além de investirem recursos econômicos para preencherem as suas rotinas, investem tempo e preocupações em seus processos de brincadeira.

Já o repertório das crianças da Escola Particular Urbana (B-C) abrangeu mais elementos sobre um brincar com brinquedos industrializados (como por exemplo: brinquedos de construção- lego) e o pula-pula, escorregador e balanço como um elemento de um espaço domesticado. A domesticação é um conceito, que de acordo com Sarmiento (2018), está relacionado às limitações da livre circulação das crianças na cidade e explica o fato de um conjunto de atividades livres das crianças serem controladas pelos adultos.

“Brincar no parquinho.”

“Brincar de Lego”

“Brincar de massinha.”

“Brincar de desenhar.[...]”

“Brincar de livro.”

“Escorregador.”

“Pula-pula.”

“Balanço.”

“Passear.”

“Casinha.”

“Brincar de escola.”

“Amarelinha.”

“Eles gostam que eu conto história de terror.”

“Cabra-cega.”

“Brincar de monstro. De polícia.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B-C)).

Figura 4: Atividade de Desenho Individual:



Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Jéssica, 4 anos; Escola Particular Urbana (B-C)

4.4.2. AS PRÁTICAS LÚDICAS CONTEMPORÂNEAS

De forma geral, as brincadeiras da contemporaneidade, ou seja, o uso das TICs faz parte do cotidiano da vida de todas as crianças, de acordo com as suas falas. A Escola Particular Urbana (B-C) foi a única em que não foi preciso introduzir o assunto das tecnologias como uma alternativa metodológica, uma vez que espontaneamente se remeteram a essas tecnologias e às influências televisivas, que estão postas por essas crianças, quando indagadas sobre as brincadeiras que gostam de fazer. Nas suas falas, as crianças desta escola se referiram, por exemplo, aos jogos de videogames e personagens como o Dragon Ball, Super Mário e a Gatinha Marie, muito presentes nas suas brincadeiras:

“Ver Dragon Ball.”

“Eu também gosto de jogar vídeo game.”

“Que? Cê tá doido meu filho? Jogar vídeo game? Erhg!”

“Dragon Ball é de luta. É um grupo Sayajin que luta contra os vilões.”

Pesquisadora: *“E você conheceu o Dragon Ball onde?”*

“Uai, eu já sabia deles. Eu não conhecia eu já sabia.”

“Oh tia! Eu também gosto de jogar vídeo game.”

“Não não não, não brinca com esse troço não.”

“Tem que apertar os botões.”

“Eu gosto de brincar no celular.”

“Eu gosto de jogar joguinho.”

“Eu gosto de vídeo game.”

“Eu tenho, só o celular.”

“Oh tia eu mexo no computador.”

“Eu mexo com o meu pai.”

“Eu mexo sozinha no computador.”

“O meu pai não deixa eu mexer sozinha no computador.”

“Oh tia, sabia que eu jogo o joguinho do Super Mário?”

“Eu jogo no celular do meu pai.”

“Eu brinco do joguinho da gatinha Marie. A gente dá comida, dá banho, escova os dentes dela.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B-C))

“Olha tia, eu fiz eu jogando” (Fonte: Transcrição da fala do Relâmpago Macqueen, 4 anos; Escola Particular Urbana (B-C))

Figura 5: Atividade de Desenho Individual:



Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Relâmpago Macqueen, 4 anos; Escola Particular Urbana (B-C)

Ainda, percebe-se elementos de distinção de classes, nas experiências relatadas pelas crianças da escola de elite, com as tecnologias, as quais apontaram, além dos joguinhos em aparelhos de celular, videogame e a TV, que estão presentes nas brincadeiras das crianças das demais escolas, o Tablet, o qual é uma tecnologia que exige um maior investimento financeiro.

“Eu já brinquei com o celular da minha mãe e no meu tablet.”
“Eu já brinquei com um monte de joguinho que tem no tabret.”
“O meu tablet tá quebrado. Tem que levar pra consertar.”
“Eu já brinquei com o celular da minha irmã.”
“Eu já brinquei de videogame.”
“Eu já brinquei de tablet e celular. Nunca na televisão. Eu assisto, mas eu não brinco.”
“Eu também tenho joguinhos na minha televisão.”
 (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B))

O fator econômico é o mais definidor do acesso e uso das tecnologias pelas crianças do que as fronteiras do mundo rural e do urbano. Nos relatos das experiências das crianças da escola rural, as falas revelaram o uso do celular e do tablet, os quais envolveram os joguinhos de videogame de Dinossauro, “de tiros” e de personagens do mundo do brinquedo, como a Barbie.

“Eu tenho um tablet.”
“Eu também tenho.”
“Joguinho.”
“Video game.”
“Video game da Barbie.”
“Eu adoro o jogo do Diep.Io. Eu tenho um joguinho, mas só que minha mãe vai comprar outro.”
“Eu tenho um joguinho do Pterodátilo.”
“Eu tenho um joguinho da Barbie.”

“Eu tenho um joguinho de videogame de tiro que eu fico jogando com meu pai. Eu tenho muito jogo de tiro.”

“De dinossauro?”

“Não, de tiro.”

“Tiro!!” (risos)

“Eu divido com a minha prima.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Rural (C-D))

Segundo Brito e Dias (2017), os jogos *on-line* alargam as atividades preferidas *off-line*, pois as crianças tendem a escolher jogos relacionados com suas atividades favoritas e personagens/brinquedos ficcionais. Ademais, as falas também evidenciam os aspectos de gênero na escolha dos jogos e brincadeiras. Tais elementos também foram apontados pelas autoras citadas, que perceberam nas suas pesquisas, o fato dos meninos gostarem de jogos de aventura e luta, referentes à super-heróis, enquanto que as meninas preferem jogos de vestir bonecas, jogos de maquiagens, relativos às princesas e ao cuidado com animais de estimação virtuais (BRITO; DIAS, 2017).

Arenhart (2016) nos ajuda a pensar sobre o peso da classe social menos favorecida, vivenciada pelas crianças da Escola Pública Urbana- C. Essas crianças relataram que o uso, especialmente do celular, está relacionado ao jogo do videogame. No entanto, no geral, as tecnologias foram mencionadas pelas crianças, apesar das falas sugerirem que muitas delas não possuem, mas colocam como objeto de desejo futuro, como algo que “vão ganhar”, “vão comprar”, ou como uma tecnologia que pertence a algum familiar.

“Eu só tenho o celular pra brincar de videogame. É só ligar o botãozinho.”

“Eu tenho um computador.”

“O meu pai vai comprar um computador pra mim só para eu estudar.”

“O celular eu uso na cama.”

“Em dezembro eu vou ganhar um tablet.”

“Meu tio só usa computador.”

“Eu tenho um celular só que queimou aí tem que deixar lá na loja pra arrumar.”

“Eu tenho um tablet, só que quebrou.”

“É um jogo?”[...]

“Oh tia, Se a outra tia falar se pode trazer algumas coisas tipo tablet, eu vou trazer pra jogar. Mas o tia, eu vou ganhar só no Natal!” (Transcrição da roda de conversa e da atividade de desenho registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Urbana (C))

De acordo com Arenhart (2015; 2016), o não acesso a esses artefatos se coloca como uma barreira em que o fator de classe social se estabelece como um dos principais agentes de reconhecimento dos modos plurais e desiguais de apropriação das TICs. Conforme expressa Brougère (2004), nos contextos sociais menos privilegiados, a escassez de recursos é

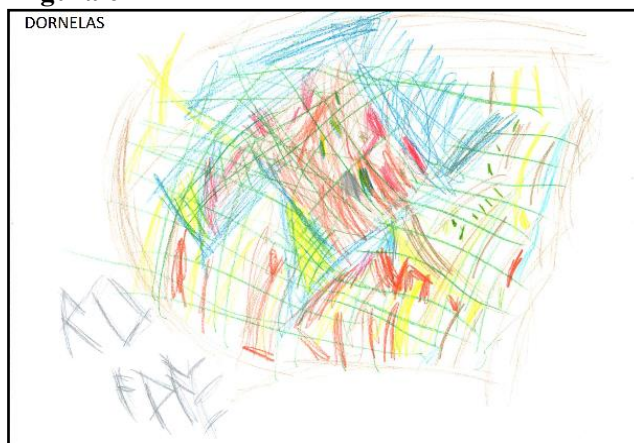
compensada por um esforço maior na ocasião do Natal, por ser um evento que está amplamente ligado a um conjunto de representações da vida social contemporânea. Contudo, para a criança, o ritual do Natal está relacionado ao papel mediador (do objeto desejado) das relações entre os seus pares.

Apesar das falas sugerirem uma ideia da falta de equipamentos eletrônicos nos espaços dessas crianças, a abordagem cultural da infância permite a interpretação de que não podemos nos limitar apenas na ausência ou na presença física dos artefatos para compreender os processos sociais que ali ocorrem. Assim, “na possibilidade ou na impossibilidade as crianças buscam brincar, ainda que não dos mesmos modos e nem com as mesmas significações” (ARENHART, 2015: 201). Desse modo, as interações das crianças e suas apropriações com as TICs devem ser percebidas por outras dimensões ali presentes e de como essas crianças descrevem essas interações.

4.4.3. OS MODOS HÍBRIDOS DO BRINCAR: A CONVERGÊNCIA ENTRE AS PRÁTICAS LÚDICAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS

Apesar do avanço tecnológico, especialmente no objeto brinquedo, as práticas lúdicas tradicionais ainda estão presentes e coexistem com as práticas lúdicas contemporâneas das crianças das Escolas Públicas e Particulares. No contexto da Escola Particular Urbana (B-C), o hibridismo entre o tradicional e o contemporâneo foi evidenciado durante o processo de construção dos seus desenhos. Esse aspecto foi observado na fala do Dornelas, matriculado nessa escola, que inicialmente tinha a intenção de desenhar o jogo de videogame Dragon Ball, mas o transformou em um quebra-cabeças, considerado tradicional.

“Eu fiz eu de quebra-cabeça. Eu tentei fazer um joguinho de Dragon Ball só que aí eu não consegui. Aí eu resolvi fazer um quebra-cabeça mesmo”.
(Dornelas, 4 anos; Escola Particular Urbana (B-C)).

Figura 6: Atividade de Desenho Individual:

Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Dornelas, 4 anos; Escola Particular Urbana (B-C)

Também na fala do “Batman”, a criança associa elementos midiáticos na descrição que faz do seu desenho e, no dia seguinte à sua produção, o menino relata que as duas figuras desenhadas representam ele e seu pai. Então, essa mistura revela elementos tradicionais e midiáticos presentes na construção da sua cultura lúdica:

Figura 7: Atividade de Desenho Individual:

Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Batman, 4 anos; Escola Particular Urbana (B-C)

“Gosto (de bicicleta). Eu tenho duas, uma pro meu irmão, uma pra mim. Essa aqui é minha e essa aqui é do meu irmão. Ele tem 7. (idade do irmão). Essa aqui é a minha bicicleta e essa é a do meu irmão.” (Sonic, 5 anos; Escola Pública Urbana (C))

Figura 8: Atividade de Desenho Individual:

Fonte: Dados da Pesquisa; Autoria: Sonic, 5 anos; Escola Pública Urbana (C) -frente e verso da folha

A convergência entre o “tradicional” e o “contemporâneo” também foram observados nos contextos das interações das crianças em todas as escolas. Para Brougère (1998), na medida em que as crianças produzem e participam da cultura de pares, as mesmas vão se apropriando, assim usam e transformam os elementos disponíveis da sua cultura material e simbólica em elementos que lhes são significativos. Para o autor “[...] quem brinca se serve de elementos culturais heterogêneos para construir sua própria cultura lúdica com significações individualizadas” (BROUGÈRE, 1998: 115). Logo, os aspectos do brincar tradicional se faziam presentes nas brincadeiras das crianças quando as mesmas manipulavam os brinquedos que representavam o mundo da tecnologia (computador, telefone celular) associados às brincadeiras tradicionais (pique-esconde, dentre outras).

A influência da tecnologia se fez notar também na forma como as crianças da Escola Pública Urbana (C) criavam suas brincadeiras altamente exclusivas no espaço da brinquedoteca (onde a caixa de papelão pode virar o barril do Chaves, a trave do gol, os limites para o jogo de boliche e um carro de corrida) e correlacionando-as com os programas infantis televisivos. É importante destacar que a ideia de a caixa de papelão servir primeiramente para transportar algo⁴⁸ e depois ser reutilizada para guardar os brinquedos foi retirada do mundo adulto, mas foi ampliada e ganhou novos significados com a exploração da criança e com a sua influência da abordagem televisiva.

⁴⁸ Na estrutura inicial do espaço da brinquedoteca da Escola Pública Urbana (C), a caixa de papelão servia como um “baú” para guardar brinquedos.

A televisão fazia parte da vida das crianças das escolas públicas e das escolas particulares. De acordo com Girardello (1999), o seu conteúdo é incorporado às brincadeiras imaginativas das crianças, além das narrativas compostas de heróis, heroínas e aventuras, vivenciadas pelos personagens da TV, serem usadas como “matéria-prima” para as brincadeiras e, como a referida autora evidencia, para a vida de fantasia das crianças.

“Atira a bombinha nele. Me chama de rainha. Nós temos que girar a Frozen, aí a Frozen vai congelar todo mundo!! Psi! Psi! Psi!” (Registro do caderno de campo da Escola Particular Urbana (B)).

É possível perceber também que a televisão faz parte da rotina das crianças da Escola Pública Urbana- C, precisamente os desenhos animados durante as manhãs, e as noites, quando não estão na escola.

“Eu achei o nome bonito. É por causa que eu vi no desenho. Todos os dias. De manhã.”
“Eu também. Eu assisto de manhã e a noite.”
“Hoje quando eu cheguei do médico tava passando Princesa Sofia.”
 (Transcrição da atividade de desenho registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Urbana (C))

Brougère (2004, 2010) acrescenta, ainda, que quanto mais as crianças possuem objetos, mais eles permitem reunir os saberes sobre determinado personagem. Dessa forma será maior a sua bagagem e as suas experiências para fazer parte dessa cultura globalizada, pois a criança precisa construir um *know how*, ou seja, habilidades necessárias para aprimorar conhecimento sobre o assunto.

No contexto de desigualdades vivido pelas crianças da Escola Pública Urbana (C), quanto mais as crianças possuem objetos, que permitem reunir os saberes sobre determinado personagem, maior será a sua bagagem e as suas experiências para fazer parte da cultura globalizada. Embora esse contexto exclua uma parte dessas crianças, estas criam alternativas para participarem da cultura lúdica contemporânea.

“Sonic é do Pikachu, né?”
“Não é não.”
“É claro que é! Tem que correr e pegar os maus” (Transcrição da atividade de desenho registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Urbana (C))

As discussões entre os pares da Escola Pública Urbana (C) foram importantes para que as crianças construam novas formas de ver o mundo. Por conseguinte, esses sujeitos têm a oportunidade de debater sobre o que entendem ser os personagens Sonic e Pikachu, os quais

são de grande interesse de ambos. Embora uma criança possa respeitar o capital cultural da outra, tenta interagir bem como se fazer presente e respeitado pela sua interpretação. Dessa maneira, também pode dizer o que seja a sua ‘verdade’ independente do que seja a ‘verdade’ do outro. Portanto, uma regra básica é importante na cultura de pares: todos tem o direito de fazer parte da discussão.

Desfrutar de uma cultura lúdica é dispor de certo número de referências que possa interpretar e reconhecer o que é real e o que é fantasia na brincadeira da criança. Nesse viés, a imaginação é entendida como espaço de invenção e exercício de possibilidades no contexto da cultura lúdica (GIRARDELLO, 2005). Nas falas de Ana Frozen, Laís Frozen e Verde, as meninas utilizam-se de elementos inerentes à cultura de pares, evidenciando o conhecimento que têm do celular e o seu uso na dinâmica do grupo familiar o qual pertencem e, ao mesmo tempo, fazem uma interpretação dessa realidade:

Ana Frozen- “Olha filha o que eu comprei: um celular pra você! Deixa eu te mostra como funciona, filha toma aqui.” [...]

Ana Frozen: “Filhinha, não esse é meu!” [...]

Verde pegou o aparelho celular na mesa e falou “Eu vou ligar uma musiquinha. Bebeêh, é a sua música preferida, rock roll!! Hahahaha!” (Coloca o aparelho na cama e dança fazendo gestos como se estivesse tocando uma guitarra). [...]

Laís Frozen sai da mesa de brinquedo manipulativo e pega o celular na mesa: “Alô, quem é?”

Ana Frozen: “Não pega o meu celular!”

Laís Frozen: “É que alguém está ligando pra você.”

Ana Frozen: “Quem é?”

Laís Frozen: “Sua amiga.”

Ana Frozen: “Era minha irmã?”

Laís Frozen: “Não, sua amiga.” (Registro do caderno de campo da Atividade de Artes Dramáticas da Escola Particular Urbana (B))

Percebe-se que, apesar de existir no objeto telefone celular diversas funções intrínsecas à sua função e o fato de ser usado como um brinquedo na área de brinquedo dramático, não havia ali, *a priori*, uma função definida, até porque o aparelho não foi identificado pelas crianças como sendo da sua geração⁴⁹. Desse modo, o valor simbólico, expresso nesse acessório, mesmo que planejado pela professora, estimulou a brincadeira e abriu possibilidades de representações e construções coletivas entre as crianças. Ainda, houve uma representação, na qual convidou o grupo de pares a uma atividade, e que teve um significado para aquele

⁴⁹ A esse respeito, a professora das crianças da Escola Particular Urbana (B) relatou que, no primeiro dia que colocou os aparelhos celulares como acessórios na área de brinquedo dramático, foi ‘muito engraçado’ porque as crianças falaram que os aparelhos não funcionavam. Naquela ocasião, as crianças passavam os dedos no celular como se estivessem procurando uma tela touchscreen e reclamaram: ‘Mas, professora, não tem como oh!’. (Registro do caderno de campo na Escola Particular Urbana (B)).

grupo: o celular como um meio para resolver problemas e como um entretenimento, funções dadas a esse objeto no lar, o qual é um meio social de referência.

4.4.4. OUTRAS QUESTÕES RELACIONADAS À APROPRIAÇÃO DAS TICS NA CULTURA DE PARES

A apropriação das TICs revelou outros aspectos já destacados pelos estudos referenciados na sociologia da infância e que merecem destaque neste tópico, além de algumas categorias nativas associadas a esta pesquisa. Assim, os dados apontaram aspectos relacionados à mediação, ao controle parental, às regras estabelecidas nos termos trabalhados da Sociologia da Infância e às subversões infantis (CORSARO, 2011; PEREIRA, 2015), tal como aos saberes compartilhados (BROUGÈRE 2004; 2008; 2010) e à representação dessas tecnologias pela sua ‘aparente’ interatividade (GOLDSTEIN; BUCKINGHAM; BROUGÈRE, 2004). Desse modo, essas questões também envolveram as diferenciações dos usos das tecnologias, entre adultos e crianças, e dessas ferramentas tecnológicas, enquanto bens de consumo que envolvem manutenção e um dispêndio de recursos econômico.

As conversas e discussões entre as crianças, sobre o uso cotidiano das tecnologias, fizeram com que as duas crianças, Laís Frozen e Ana Frozen, atendidas na Escola Particular Urbana (B), refletissem sobre a mediação e o cuidado dos seus pais em relação ao controle do uso dessas tecnologias pelas crianças. Nas suas falas, apontaram que o uso das tecnologias por elas é, de certo modo, limitado e apenas com o uso consentido – isto é, sob o controle parental – senão, seria inaceitável e, no mínimo, uma irresponsabilidade dos pais. Ainda, essa conversa, que começou de forma não planejada, mostrou que as crianças pensaram sobre como se veem no consumo de tecnologias e de como veem seus pais nesses contextos.

Laís Frozen: “Sabia que eu tenho um celular que liga?”

Ana Frozen: “Como é que sua mãe deixa você ter um celular que liga?”

Laís Frozen: “É que era da minha irmã e ela passou pra mim.”

Ana Frozen: “Mas, como?”

Pesquisadora: “Mas ela não pode ter um celular que liga?”

Ana Frozen: “Pode. Mas a mãe dela deixa? (Registro do caderno de campo da Escola Particular Urbana (B))

Na fala das crianças da Escola Pública Urbana (C), além desses aspectos relacionados aos saberes construídos entre os pares, distinguiu-se o caráter que essas tecnologias tem enquanto bens de consumo, que envolvem manutenção e cuidado, uma vez que abrangem um

grande dispêndio de recursos econômicos. Além disso, observei, numa das minhas incursões nessa escola, o cuidado que as essas crianças tinham com o meu aparelho de celular, ao me perguntarem se podiam pegá-lo e nas falas que também sugeriam ser preciso um cuidado mais especial com aquela tecnologia, por pertencer a um adulto, a quem a criança deve obediência e é subordinado, para que não receba nenhuma repreensão. Nas falas das crianças da Escola Pública Urbana (C), percebem-se elementos de manipulação cuidadosa de um aparelho celular, por exemplo sobre os usos sociais como fazer selfs, e ainda o compartilhamento desses saberes entre os pares, os quais foram aprendidos com adultos e possivelmente são donos dos aparelhos.

“Oh tia, isso aqui que tá embaixo é pra proteger a tela? Oh tia deixa eu segurar um pouquinho? Ele rosca? É assim que segura oh! Uma menina que chama Lu uma vez ela me ensinou a segurar. Se a gente segurar de outro jeito aí vai cair.”

Pesquisadora: *“O que mais você sabe sobre o celular?”*

“Mexe, joga joguinho, mexe na internet.”

“Isso aqui vira oh! Também dá pra fazer assim. Dá pra fazer de lado.

“Cuidado pra não sair os trem se não a tia vai brigar com nós!”

Pesquisadora: *“Você falou que mexe na internet no celular. O que você faz na internet?”*

“Não sei.”

“Dá pra ver vídeo, dá pra ver um monte de coisa. Foto. Filme.”

(Transcrição da atividade de desenho registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Urbana (C))

Então, o uso específico de um aparelho, caro e de difícil reparo, revelam questões econômicas e de diferenciações entre adultos e crianças, ou seja, não pode ser colocado na mão de uma criança sem restrições.

“Meu pai vai arrumar a televisão primeiro.”

“É da minha vó, o meu estragou.”

“Eu tenho um celular, mas o meu é improvisado. É porque o meu caiu no carro do meu pai, aí a gente pegou fita e cobriu ele.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B-C))

“Eu tenho um celular só que queimou aí tem que deixar lá na loja pra arrumar.”

“Eu tenho um tablet, só que quebrou.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Urbana (C))

“Eu nunca brinquei com celular de verdade. [...] Porque de verdade a gente não brinca porque se não vai estragar ele, pode deixar cair em algum lugar.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B))

“Eu tenho um tablet, mas eu não consigo carregar ele.”

Pesquisadora: *Porque você não consegue carregar?*

“Eu não podia porque se eu carregava ele quebrava”

Pesquisadora: *“Ah, você tinha que tomar cuidado para ele não cair, por isso você não carregava? Mas, quando você está em casa você usa o tablet?”*

“Sim, quando eu chego da escola eu brinco com ele.”

“O meu tablet não é de brincar.”

“Um dia eu fui numa festa e a minha prima quebrou o celular dela.”

Pesquisadora: *“É mesmo? E o que ela fez?”*

“Ficou sem celular.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Rural (C-D))

O elemento da interatividade também esteve presente nas expressões das crianças pesquisadas. Tal aspecto está associado aos estudos de Goldstein, Buckingham e Brougère (2004) os quais reconhecem que, apesar das mídias contemporâneas buscarem envolver o público infantil por diversas formas, as crianças conseguem reconhecer o elemento superficial da tecnologia:

“Na hora que acabar a bateria do celular e a bateria da televisão a gente pega um brinquedo normal ou um tablet.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B))

A diferenciação no uso dessas tecnologias pelos adultos e pelas crianças se fez notar nas falas das crianças atendidas nas Escolas Públicas e Particulares nas capas diferenciadas nos aparelhos. Assim, os celulares, que as crianças disseram pertencer a elas, possuíam capas personalizadas, aspecto que também confere uma identidade a esse grupo social e aos seus pertences. Outro fator, é que o acesso a um celular ‘que funciona’ somente era acessível às crianças da Escola Particular Urbana (B). Entretanto, o seu uso se dá como objeto de entretenimento ou brinquedo, mas não como tecnologia de comunicação, uma vez que esse uso é proibido pelos pais.

Pesquisadora: *“O celular que vocês usam, é de quem?”*

“É meu. Ele é vermelho com frutinha.”

“E o meu é rosa. Mas o meu é tablet.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Rural (C-D))

“Eu nunca brinquei com celular de verdade. Só com celular de mentira. [...] Celular de verdade é só mamãe e papai.”

“Eu tenho um celular de verdade que liga. Minha irmã também tem. O meu não liga, só o da minha irmã. Minha irmã liga pra minha mãe, pro meu pai e pra amiga dela. Só que não pode ligar para os vizinhos.” (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Particular Urbana (B))

Por fim, o elemento da subversão esteve presente nas expressões das crianças pesquisadas a partir da forma como as apropriações das tecnologias pelas crianças, ao longo dos anos, foram ‘entrando’ no ambiente da escola e, assim, alterando aspectos da cultura escolar e da cultura adulta, de forma geral. De acordo com Corsaro (2011), as ações coletivas das crianças, que são “reproduzidas” nas culturas de pares ao longo dos tempos, contribuíram e continuam a contribuir para uma compreensão dos aspectos da cultura adulta, por exemplo, como as mudanças nas regras das entradas das tecnologias nesses ambientes e até mesmo a sua proibição. Entretanto, as crianças, no entremeio da sua cultura de pares, conseguem reverter as regras por meio dos ajustes secundários como mostrado no exemplo a seguir:

“Ah! Eu já trouxe celular pra escola!”

Pesquisadora: *“Você já trouxe?”*

“Truxe!”

Auxiliar: *“Você trouxe celular pra escola? Mas, não pode né?”*

“Truxe!”

Pesquisadora: *“Não pode?”*

Auxiliar: *“Não pode.”* (Transcrição da roda de conversa registrada de um grupo de crianças da Escola Pública Rural (C-D))

Pereira (2012) afirma que esses ajustes, também chamados de subversões infantis por Corsaro (2011), não são aspectos naturais ou essencialistas de agir da infância, pois as crianças usam os elementos que estão disponíveis para elas, o que são formas de transformação e ressignificação do mundo adulto.

Finalmente, os dados apresentados sobre as práticas lúdicas das crianças, indica-nos que elas são importantes e privilegiadas fontes de dados para percebermos suas ligações entre a infância e a Cibercultura. Desse modo, conhecer as realidades de crianças de escolas em diferentes situações permitiu compreender o significado que a tecnologia assume para as crianças em suas vidas e a forma como as mesmas orientam seus comportamentos, seus interesses, suas necessidades, motivações, modos de brincar e interações com seus pares. Nesse sentido, há a perspectiva de se conceber as atividades lúdicas das crianças como um fenômeno cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo contribuiu com as discussões as quais abordaram as tecnologias como parte da cultura da infância, ou seja, na perspectiva que problematizaram a interações das

crianças com as mesmas enquanto construção social a partir da sua cultura. As expressões das crianças, despontadas nas atividades de desenho, observações das suas interações e nas conversas com seus grupos de pares, mostraram um amplo conteúdo de jogos, aparelhos, brinquedos e brincadeiras que foram importantes para situar o contexto da Cultura Lúdica e compreender de que maneira as crianças se apropriam das TICs em um contexto maior da sua Cultura Infantil.

Além disso, também percebemos que as crianças se apropriam das Tecnologias de Informação e Comunicação de forma conjunta e convergente com as brincadeiras tradicionais infantis. Desse modo, o que está em jogo é o significado simbólico e o valor que as crianças atribuem ao brincar, isto é, se as tecnologias são vistas como um brinquedo, é porque naquele momento as crianças estão brincando com elas.

Logo, a discussão proporciona uma arena para a participação e o compartilhamento na cultura de pares. Então, as crianças discutem sobre coisas as quais são importantes e que valorizam como a origem dos personagens favoritos e a importância das tecnologias nas suas vidas. Nesse processo, percebemos o que envolve a produção da cultura infantil, pois as crianças desenvolvem um senso de controle compartilhado acerca do seu universo social - do seu mundo de consumo das tecnologias, do mundo da cultura simbólica e das desigualdades sociais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Alessandra. O brincar em ambiente virtual. **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

ALMEIDA, Ana Nunes de; ALVES, Nuno de Almeida; DELICADO, Ana; CARVALHO, Tiago. Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. *Análise Social*, 207, XLVIII (2. º), 2013, 340 – 365.

ARENHART, Deise. Geração e classe social na análise de culturas infantis: marcas de alteridade e desigualdade. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 17, n. 32, p. 193-209, out. 2015.

_____, Deise. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **R. Fac. Edc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.

_____, Gilles. Brinquedos e companhia; tradução de Maria Alice A. Sampaio Dória; revisão técnica de Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2004.

_____, Gilles. Brinquedo e cultura; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. - 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FRIEDMAN, Adriana. O papel do brincar na cultura contemporânea. **Revista Pátio Educação Infantil** – ANO I, N. 3, Porto Alegre: Artmed, 2003/2004.

GIRARDELLO, Gilka. A imaginação infantil e as histórias da TV. **Primeira Jornada de Debates sobre Mídia e Imaginário Infantil**: Pós-graduação em Educação da UFSC. 1999.
_____, Gilka. PRODUÇÃO CULTURAL INFANTIL DIANTE DA TELA: DA TV À INTERNET. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez, 2005.

GOBBI, Márcia. Desenho Infantil e Oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. 2009.

GOLDSTEIN, Jeffrey; BUCKINGHAM, David; BROUGÈRE, Gilles. **Toys, games and media**. Nova Jersey: Laurence Erlbaum, p. 1- 8. 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. **Espacios en Blanco**, Buenos Aires, n.24, p.81-106, jun 2014.

HUIZINGA, J. Homo ludens. São Paulo: **Perspectiva**, 2005.

JOBIM e SOUZA, Solange; SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança na idade mídia: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: **Estudo da infância**: educação e práticas sociais. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: **Infância em pesquisa**. PEREIRA, Rita Maria Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). Rio de Janeiro: Nau, 2012.

_____, Rita Marisa Ribes. Precisamos conversar! Questões para pensar a pesquisa com crianças na cibercultura. In: **Infância**: sociologia e sociedade. REIS, Magali dos; GOMES, Lisandra Ogg (Orgs.). São Paulo: Edições Levana / Attar Editorial, 2015. 400 p.

QUINTEIRO, Juricema. Infância e educação no Brasil. In: **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. 3. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SANTOS, S. V. S. dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 26, n. 2 (77) | p. 223-239, mai./ago. 2015.

SARAMAGO, Sandra. Silva. Souza. Metodologias de pesquisa empírica com crianças. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n. 35, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação** (Porto Alegre), v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago, 2018b.

SILVA, M. F. dos S; ANDRADE, A. P de; TORRES, M. F. de P; AMORIM, G.C.C. As brincadeiras das crianças de ontem e de hoje no contexto sociocultural. **HOLOS**, Ano 33, Vol. 03, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Quando construímos a categoria “criança” inspiramo-nos quase sempre num critério meramente etário. Fica demarcada uma fronteira intransponível: de um lado, “eles”, as crianças; do outro, nós, vivendo no território da maturidade, longe da infância.

Estamos marcados por preconceitos e ideias feitas que vão desde a tentativa de menorizar os outros até a percepção da criança como uma entidade pura, essencial e que, por isso, se encaixa bem numa gaveta existencial. A realidade é outra, bem diferente: as crianças surpreendem-nos e revelam-se pessoas inteiras, com capacidades ao mesmo tempo iguais e diferentes das nossas.

Algumas dessas capacidades nós, que nos chamamos de adultos, já as perdemos.

Mia Couto- Maputo- Moçambique, 10/12/2014

Neste trabalho de pesquisa, objetivamos analisar o uso das TICs por crianças de 4 a 6 anos, matriculadas em escolas públicas e privadas de diferentes segmentos sociais do município de Viçosa- MG, além de compreender como esse consumo se manifesta na interação com seus pares e com os adultos, a fim de perceber de que maneira o uso das TICs, por crianças e suas famílias, se manifestava nos processos de construção das Culturas Infantis. Ainda, esse problema de pesquisa se insere a partir da construção da perspectiva de que é preciso conhecer o lugar social que a criança ocupa na sociedade moderna, somada à cultura na qual esses sujeitos estão inseridos.

Desse modo, consideramos de extrema importância a participação das famílias e dos educadores das crianças nesta investigação, mas a relevância do trabalho se coloca na análise das diferentes perspectivas do uso das TICs através do olhar das crianças. Ademais, coloca-se em destaque as crianças que por muito tempo foram deixadas de lado nas pesquisas científicas e, assim, contribuir para que uma pluralidade de vozes possa ecoar por meio de muitas crianças, com a possibilidade de falarem sobre o tema e muitas outras serem representadas por essas falas. Nesse sentido, colabora também para o fortalecimento das pesquisas, que tem as crianças como sujeitos privilegiados de dados, no intuito de tentar entender os fenômenos contemporâneos, por exemplo, como o uso de TICs nas infâncias.

A pesquisa se caracteriza como exploratória bibliográfica, bem como de campo, além de ser também qualitativa e quantitativa, pois se utilizou de instrumentos para avaliar os contextos sociais, econômicos e culturais das famílias em um questionário; e de outros instrumentos, como atividades de artes plásticas (desenho), conversa em roda com as crianças e observações, sendo esses relacionados com os objetivos e coerentes com uma pesquisa ética com crianças. Ademais, a diferenciação dos procedimentos metodológicos envolveu a

percepção de os sujeitos se encontrarem em diferentes gerações, o que permitiu uma visão mais ampla do contexto ao qual o uso das TICs se manifesta.

O desenho das crianças e a conversa em roda se revelaram como procedimentos metodológicos não só muito eficientes para a coleta dos dados com as crianças, como também contribuiu para reflexões de uma construção de procedimentos investigativos que contemplem as especificidades das crianças e a escuta efetiva, mas também o protagonismo infantil, de um universo amostral diferenciado, e que estejam em consonância com o aporte teórico escolhido para problematizar os dados. Além disso, adentramos pelo campo das questões éticas que são fundamentais não só com o envolvimento de pesquisa com famílias e com as crianças, as quais exigem uma maior atenção.

É importante destacar que o estudo piloto - realizado com as mães, pais e responsáveis da Escola Piloto- se revelou como necessário para o aprimoramento do instrumento questionário. Entretanto, esse estudo preliminar não foi realizado com as crianças da referida instituição, pois na época havia necessidade de um maior investimento teórico para a construção e o desenvolvimento das atividades com as mesmas.

Então, partimos da hipótese de que consumo das TICs pelas crianças está relacionado com as condições sociais e materiais de infância e ao controle dos adultos sobre suas atividades lúdicas. Tal hipótese foi confirmada a partir da triangulação dos dados, ou seja, das falas das crianças e das respostas das famílias nos questionários. A respeito do baixo poder aquisitivo, nas crianças de escolas públicas, verificou-se a presença e o uso dos celulares de “última geração” de modo a construir identidades específicas daquele grupo. Essas especificidades, no entanto, também revelaram algumas questões que afastam as crianças de viverem condições as quais são inerentes às suas condições sociais e aos referenciais culturais que estão disponíveis para a produção de suas culturas infantis.

Pelo contrário, as crianças das escolas particulares nos apontaram elementos que sua autonomia é relativizada, isso sugere que passam parte do seu tempo em espaços delimitados em instituições “especializadas” (aulas de inglês, balé, etc) e em atividades de lazer sob a supervisão e os cuidados da família. E as crianças da Escola Pública Urbana (C) nos apontam, em suas falas, um constrangimento nas formas de brincar, cujas práticas são construídas nos espaços e nos tempos em que o brincar é permitido na escola, ou seja, na quadra e no horário do recreio. Portanto, essas duas dimensões, o tempo e o espaço são importantes definidores das características das atividades da instituição. Logo, os resultados da pesquisa revelaram que as

dinâmicas sociais e culturais, em torno das interações com as TICs, se dão a partir de mediação e controle dos responsáveis, das famílias e dos os contextos sociais e culturais, desde a integração das crianças na cibercultura, como também na organização do tempo e dos espaços de educação, lazer e dos seus cotidianos.

Além disso, pôde-se perceber que as famílias têm seus rituais cotidianos e que o uso das tecnologias se encaixa nesses rituais conforme aquilo que os pais definem ou aceitam para os seus filhos. De acordo com a perspectiva dos mesmos, tentam equilibrar a rotina, da melhor forma possível, com outras atividades que são consideradas mais infantis. Quando isso não é possível, as atividades com as tecnologias são planejadas para serem usadas enquanto ferramentas pedagógicas. De maneira geral, os dados da pesquisa sugerem que os responsáveis definem critérios os quais são desenhados para proteger e ao mesmo tempo controlar as crianças, ou seja, para confiná-las em comportamentos sociais considerados adequados. Tais comportamentos precisam ser apropriados ou aceitáveis para que a criança não se mostre uma ameaça aos adultos, ou para que os adultos não precisem ameaçá-la.

A partir dos resultados desta pesquisa foi possível perceber as diferenças entre o que é ser criança e ter uma pluralidade de infâncias, desvelada pelas vozes das próprias crianças, e o que é ter uma infância, por meio dos olhares adultocêntricos, principalmente quando se trata de questões relacionadas ao universo das tecnologias, as quais de início foram desenvolvidas para o mundo adulto, e que, portanto, e conforme as premissas da concepção moderna de infância, não se encaixa ao mundo das crianças.

Ademais, com essas premissas, que separaram as crianças dos adultos no início da era moderna, as mães, pais e responsáveis pelas crianças, de todos os segmentos sociais, transformam o uso das TICs em um caráter pedagógico. Dessa forma, as crianças, por sua vez, transformam esse uso por meio do hibridismo entre as atividades lúdicas consideradas tradicionais. Por meio das suas brincadeiras, as crianças criam e recriam um pequeno mundo com elementos garimpados do meio físico, social e cultural. Neste pequeno mundo da sua cultura de pares foi possível conhecer a forma ativa e genuína de como as crianças, que foram sujeitos dessas pesquisas, percebem e reinterpretam a sua cultura, ou seja, o mundo maior em que estão inseridos.

No percurso do trabalho houve também limitações às quais exigiram uma reorganização no planejamento inicial da pesquisa. Dentre elas, a elevada quantidade de dados gerados, o que fez que dispensássemos muito tempo para a análise e discussão dos mesmos.

A pesquisa traz contribuições para o Programa de Economia Doméstica e para a linha de pesquisa Trabalho, Consumo e Cultura, uma vez que ao trazer a criança enquanto fonte de dados privilegiadas para analisar o uso das TICs, no âmbito da sua cultura de pares, nos permitiu compreender como esse consumo se manifestava na interação com seus pares e com os adultos, assim como também compreender de que maneira esse uso se manifestava nos processos de construção das Culturas Infantis.

Então, os dados são importantes referências, tanto às famílias, quanto à comunidade acadêmica, a partir do impacto social dos resultados dessa pesquisa nos ambientes estudados, isto é, suas repercussões e a possibilidade de ser referência para outros estudos. Desse modo, as discussões que apresentamos, ao longo do trabalho, nos mostram a importância de se investir em pesquisas que não só dizem sobre as crianças, sob o ponto de vista do adulto, como também com as crianças.

Esse movimento, no entanto, traz novamente o adulto para o topo da conversa, pois foi ele (o adulto pesquisador) quem fez as escolhas teóricas e metodológicas para a interpretação e a análise dos dados que foram coletados a partir das crianças. Portanto, assumir esse desafio, o de me colocar como escriba, como intérprete, às vezes autora ou coautora das experiências relatadas das crianças, o que me coloca próxima e distante da minha própria infância e dos meus pré-conceitos.

A escrita não é um trabalho de fechamento de uma pesquisa, mas um exercício contínuo de resignificação da escrita em que a pesquisa se estrutura e as relações de alteridade se formalizam. É importante destacar que as crianças se fizeram presentes por meio das interpretações das suas falas ou dos recortes que foram escolhidos para dar visibilidade aos seus relatos. Mas, talvez, não consegui trazer o burburinho ou o suspiro, já que as emoções dos fragmentos do cotidiano foi o maior desafio e talvez a maior limitação desse trabalho. Como dizer a quem não esteve em campo a plenitude do acontecimento? É por isso que o acontecimento é único, particular, especial e irrepetível.

Então, não há como representá-las que não seja proferido por quem viveu de maneira posicionada esse lugar de alteridade, e que nesse lugar construiu uma interpretação. Não se pode esquecer que os relatos de pais e outros responsáveis pelas crianças, sobre seus comportamentos, crenças e valores infantis, podem diferir consideravelmente dos relatos das próprias crianças, sobretudo, se os eventos estiverem relacionados com fenômenos significativos nas suas vidas.

Em síntese, a infância é uma categoria ampla, por isso não se pode generalizar as conclusões apenas considerando as análises dos dados de um grupo específico de crianças- o qual não abrange a totalidade, isto é, todas as crianças. Entretanto, os dados permitem refletir sobre as práticas e ideias de infância, tal como o uso das TICs pelas crianças, a sua relação com as famílias e com os seus grupos de pares. E, principalmente, reforça o princípio de que as crianças precisam ser ouvidas para que o universo acadêmico não as considere como meramente uma categoria etária, portanto, é necessário que os adultos consigam entender, por inteiro, o mundo entorno delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Alessandra. O brincar em ambiente virtual. In: Alessandra Alcântara, Brenda Guedes, organizadoras **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.
- ALCÂNTARA, Alessandra; OSÓRIO, António. Da “morte” da infância à infância no digital: uma discussão sobre o lugar da infância no consumo de produtos digitais. In: ALCÂNTARA, Alessandra; GUEDES, Brenda(organizadoras). **Culturas infantis do consumo: práticas e experiências contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. 255p.
- ALMEIDA, Ana Nunes de; ALVES, Nuno de Almeida; DELICADO, Ana; CARVALHO, Tiago. Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. **Análise Social**, 207, XLVIII (2. º), 2013, 340 – 365.
- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ARENHART, Deise. Geração e classe social na análise de culturas infantis: marcas de alteridade e desigualdade. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 17, n. 32, p. 193-209, out. 2015.
- _____. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.
- BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **R. Fac. Edc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.
- _____. **Brinquedos e companhia**. tradução de Maria Alice A. Sampaio Dória, revisão técnica de Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **Brinquedo e cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. - 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.
- CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Crianças 2010. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2012.

CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios 2018. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2018.

CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Kids 2018. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2018.

Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. v. 1 828 p.

CORIA, Mariangela Denegri. **Consumir para viver y no vivir para consumir**. Universidad de La Frontera: Temuco, Chile, 1999.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Maria Tereza Fonseca da; GOMES, Maria Auxiliadora; PINTO, Márcia. Dependência crônica de ventilação pulmonar mecânica na assistência pediátrica: um debate necessário para o SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(10):4147-4159, 2011.

CRUZ, Silva Helena Vieira. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

DE PAULA, Débora Gomes; CASTRO, Guilherme Augusto Soares de; SANTOS, Ana Clara Oliveira. Aprendizagem mediada pelo computador: as crianças e as telas digitais **Revista Tecer - Belo Horizonte** – vol. 5, nº 9, novembro de 2012.

DUEK, Carolina. El juego contemporáneo y las nuevas plataformas: la construcción de nuevos espacios de juego y de interacción. **Intercom- RBCC**. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 193 – 210, jan./abr. 2016.

FLORIANI, Ciro A. Home-based palliative care: challenges in the care of technology-dependent children. **J Pediatr (Rio J)**. 2010;86(1):15-20.

FRIEDMAN, Adriana. O papel do brincar na cultura contemporânea. **Revista Pátio Educação Infantil** – ANO I, N. 3, Porto Alegre: Artmed, 2003/2004.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad.: Raul Fiker. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIRARDELLO, Gilka. A imaginação infantil e as histórias da TV. **Primeira Jornada de Debates sobre Mídia e Imaginário Infantil**: Pós-graduação em Educação da UFSC. 1999.

_____. PRODUÇÃO CULTURAL INFANTIL DIANTE DA TELA: DA TV À INTERNET. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBI, Márcia. **Desenho Infantil e Oralidade**: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de, DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. 3. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GOLDSTEIN, Jeffrey; BUCKINGHAM, David; BROUGÈRE, Gilles. **Toys, games and media**. Nova Jersey: Laurence Erlbaum, p. 1- 8. 2004.

GOMES, Elaine Messias. Uma experiência com o uso da Lousa Digital Interativa por profissionais da educação infantil. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.12, n.esp., p.268-286, mar. 2011.

GUEDES, Brenda. Feito para você? Uma reflexão sobre os discursos publicitários que dialogam com a infância e se propõem como coparticipantes na formação de cidadãos responsáveis. In: ALCÂNTARA, Alessandra; GUEDES, Brenda (organizadoras). **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

JESUS, Lana Tuan Borges de; SAMPAIO, Alexandra da Silva Santos; BONILLA, Maria Helena Silveira. Tecnologia assistiva para crianças cegas: produtos de apoio para a mobilidade pessoal. **Revista Educação Especial**. v. 28 n. 51 p. 165-180 jan./abr. 2015.

JOBIM E SOUZA, Solange; PEREIRA, Rita. Marisa. Ribes. Infância, Conhecimento e Contemporaneidade. In: **Infância e produção cultural**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

JOBIM e SOUZA, Solange; SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança na idade média: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares. (orgs). **Estudo da infância: educação e práticas sociais**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. **Espacios en Blanco**, Buenos Aires, n.24, p.81-106, jun 2014.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p.41-59, julho/2002.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

LOPES, Jader Janer Moreira. As crianças, suas infâncias e suas histórias: mas por onde andam suas geografias? **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 31-44, set 2008/fev 2009.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MCTAVISH, Marianne. “I’ll do it my own way!”: A young child’s appropriation and recontextualization of school literacy practices in out-of-school spaces. **Journal of Early Childhood Literacy**. 2013, Vol. 14(3) 319–344.

MENEZES, José Américo; COUTO, Edvaldo Souza. Clicar e brincar: o lúdico na cibercultura infantil. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, Salvador. **Anais**. Salvador, BA: UFBA, 2010.

- MORAES, Denise Rosana da Silva; MARINOSKI, Laur Duarte. Uma análise pedagógica da mídia no estatuto da criança e do adolescente. **Revista UNINTER de Comunicação**, vol. 3, n.5, p. 53 - 68 jul – dez 2015.
- MÜLLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Edu. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.
- NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro; LIZ, Ana Paula Cortina. Jogos digitais no ensino da língua portuguesa para crianças surdas. **Revista Periferia**, v.9 n.1 jan-jun 2017.
- NG, Oi-Lam; SINCLAIR, Nathalie. Young children reasoning about symmetry in a dynamic geometry. *Environment*. **ZDM Mathematics Education** (2015) 47:421–434.
- OKIDO, Aline Cristiane Cavicchioli; CUNHA, Suelen Teles da; NEVES, Eliane Tatsch; DUPAS, Giselle, LIMA, Regina Aparecida Garcia de. Technology-dependent children and the demand for pharmaceutical care. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2016.
- OROFINO, Maria Isabel. O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niños y Juventud, 13 (1), pp. 369 – 381, 2015.
- OSÓRIO, António José; MONTEIRO, Ana Francisca. Novas tecnologias, riscos e oportunidades na perspectiva das crianças. **Revista Portuguesa de Educação**, 2015, 28(1), pp. 35-57.
- ORTIZ, Yaritza García; ÁLVAREZ, Claudia Machado; MARTÍN, Omar Cruz; LEÓN, Mairelys Mejías; MACHADO, Yurianely Machado; LORENZO, Claudia Cruz. Utilidad y riesgo en el consumo de nuevas tecnologías en edad temprana, desde la perspectiva de los padres. **Humanidades Médicas** 2015;15(1): 88-106.
- PARSONS, Sarah. The Potential of Digital Technologies for Transforming Informed Consent Practices with Children and Young People in Social Research. **Social Inclusion**. (ISSN: 2183-2803) 2015, Volume 3, Issue 6, Pages 56-68.
- PARSONS, Sarah; SHERWOOD, Gina; ABBOTT, Chris. Informed Consent with Children and Young People in Social Research: Is There Scope for Innovation? **CHILDREN & SOCIETY**. VOLUME 30, (2016) pp. 132–145.
- PELLANDA, Eduardo. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In: André Lemos, Fabio Josgrilberg, organizadores. **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. EDUFBA, Salvador, 2009.
- PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: PEREIRA, Rita Maria Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.
- _____. Precisamos conversar! Questões para pensar a pesquisa com crianças na cibercultura. In: REIS, Magali dos; GOMES, Lisandra (Orgs.). **Infância: sociologia e sociedade**. São Paulo: Edições Levana / Attar Editorial, 2015. 400 p.

PROUT, Alan. Participação, políticas e as condições da infância em mudança. In: **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições** / Fernanda Müller, (org.).- São Paulo: Cortez, 2000.

QUINTEIRO, Juricema. Infância e educação no Brasil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de, DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. 3. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

RAMOS, Daniele Zuba; LIMA, Cássio de Almeida; LEAL, André Luiz Ramos, PRADO, Patrícia Fernandes do; OLIVEIRA, Valdira Vieira de; SOUZA, Ana Augusta Maciel de; FIGUEIREDO, Mirela Lopes de; LEITE, Maisa Tavares de Souza. A participação da família no cuidado às crianças internadas em unidade de terapia intensiva. **Rev Bras Promoç Saúde**. Fortaleza, 29(2): 189-196, abr./jun., 2016.

RIVAS, Fernanda Carrasco; VOCAR, Rocío Droguett; CANTERGIANI, Denisse Huaiquil; TURRIETA, Alejandra Navarrete; SILVA, María José Quiroz; ESPINOZA, Helder Binimelis. El uso de dispositivos móviles por niños: Entre el consumo y el cuidado familiar. **CUHSO CULTURA HOMBRE SOCIEDAD**. julio 2017 issn 0719-2789 vol. 27 .núm. 1 págs. 108-137.

ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado; DELIBERATO, Débora. Tecnologia assistiva para a criança com paralisia cerebral na escola: identificação das necessidades. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.18, n.1, p. 71-92, Jan.-Mar, 2011, 2012.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Porque ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: VIEIRA, Silvia Helena (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

ROWE, Deborah Wells; MILLER, Mary E. Designing for diverse classrooms: Using iPads and digital cameras to compose eBooks with emergent bilingual/biliterate four-year-olds. **Journal of Early Childhood Literacy**. 2016, Vol. 16(4) 425–472.

RUCKENSTEIN, Minna. Spatial extensions of childhood: from toy worlds to online communities. **Children's Geographies**, 2013, Vol. 11, No. 4, 476–489

SAMPAIO, Inês Silva Vitorino; MÁXIMO, Thinayna Medonça; CAVALCANTE, Andreia Pinheiro Paiva. Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades. In: Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

SANTOS, S. V. S. dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 26, n. 2 (77) | p. 223-239, mai./ago. 2015.

SARAMAGO, Sandra Silva Souza. Metodologias de pesquisa empírica com crianças. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n. 35, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga. 2004. Disponível em:

<<http://cedic.iec.uminho.pt/Textos de Trabalho/textos/ encruzilhadas.pdf>>. Acesso em 25/08/2017.

_____. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis. Vozes (17-39), 2008.

_____. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO** - PPGE/ME FURB. v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica. **Configurações**, v. 4, pp. 91-113, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares. (orgs). **Estudos da Infância**. Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, Vozes, 2008.

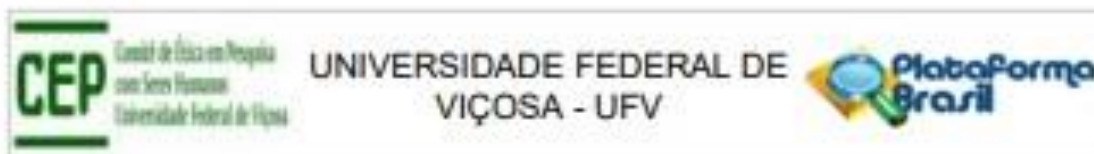
SILVA, M. F. dos S; ANDRADE, A. P de; TORRES, M. F. de P; AMORIM, G.C.C. As brincadeiras das crianças de ontem e de hoje no contexto sociocultural. **HOLOS**, Ano 33, Vol. 03, 2017.

SIMÕES, Maria. João. **Política e Tecnologia: Tecnologias da Informação e da Comunicação e Participação Política em Portugal**. Oeiras, Celta, 2005.

WEBER, Tiziana Brenner B; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, Eliane Cristine. Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial. **Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba - PR – 26 a 28/05/2016.

ANEXOS

ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP N° 2.714.787.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSUMO DE TIC ENTRE CRIANÇAS: INTERAÇÕES SOCIAIS E O SENTIDO DE INFÂNCIA EM DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS

Pesquisador: NEIDE MARIA DE ALMEIDA PINTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 90040618.5.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Doméstica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.714.787

Apresentação do Projeto:

Projeto da Grande Área 7. Ciências Humanas. Departamento de Economia Doméstica da UFV.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar o consumo das TICs por crianças de 4 a 6 anos em diferentes segmentos sociais e compreender como esse consumo se manifesta na cultura infantil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos de constrangimento diante de alguma pergunta do questionário. Por exemplo, ao falar sobre grau de instrução ou renda. Para prevenir esse risco, o participante poderá deixar de responder qualquer pergunta e até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio e sem qualquer prejuízo.

Benefícios: Diretos: A valorização das crianças por serem ouvidas, observadas e participarem do momento de avaliar a infância por meio do consumo das TICs. Indiretos: Para a academia, com a produção de conhecimento sobre o uso que crianças fazem de TICs.

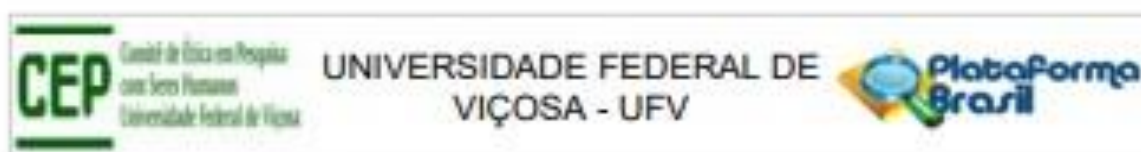
Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes

Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900

UF: MG **Município:** VICOSA

Telefone: (31)3829-2492

E-mail: cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 2.716.787

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa envolve aplicação de um questionário fechado aos pais ou as mães das crianças e de instrumentos para o trabalho de campo como a entrevista com as crianças (gravadas), observações e registro em caderno de campo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Tão logo sejam definidas as escolas que irão participar do estudo, é necessário anexar na Plataforma Brasil autorização de todas as escolas.

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

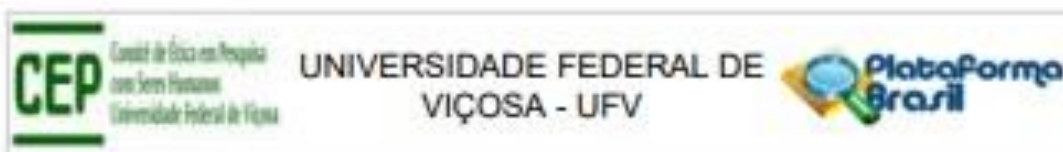
Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	FB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1139770.pdf	12/06/2018 10:59:38		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	carta_pendencias.pdf	12/06/2018 10:58:29	FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	tcle_modificado.pdf	12/06/2018 10:53:57	FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VIÇOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 2.714.787

Justificativa de Ausência	icde_modificado.pdf	12/06/2018 10:53:57	FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO	Aceito
Outros	termo_escolas.pdf	19/05/2018 23:34:02	FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO	Aceito
Outros	questionario_pais.pdf	19/05/2018 23:29:57	FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_Fernanda.pdf	19/05/2018 23:18:24	FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	19/05/2018 13:21:34	FERNANDA MIQUELÃO RIBEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 15 de Junho de 2018

Assinado por:
HELEN HERMANA MIRANDA HERMSDORFF
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

APÊNDICES

APÊNDICE 1- CARTA ÀS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICAS E PARTICULARES
DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Viçosa, ___/___/___

A Sr. Sra.

Coordenador (a) ou Diretor (a) desta Instituição de Ensino

Prezado (a) Senhor (Senhora),

Eu, Fernanda Miquelão Ribeiro, estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica, estou desenvolvendo uma pesquisa, cujo nome é **“Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais”**. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o consumo das TICs por crianças entre 4 e 6 anos em diferentes segmentos sociais e compreender como esse consumo se manifesta na cultura infantil. As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) são abordadas nessa pesquisa enquanto práticas sociais construídas nos diversos cenários culturais das crianças. Considera-se a televisão, aparelhos de DVD, antenas ligadas à tv; jogos de videogame e de computador; iPods, MP3, telefones celulares, aplicativos, internet e redes sociais.

Para a efetivação da referente pesquisa, serão feitas observações e atividades (coletivas e individuais) com as crianças para conhecer o universo da TIC e suas interações com seus pares na escola. Para tanto, vimos por meio dessa carta, solicitar autorização para realizarmos a coleta de dados com as crianças nesta Instituição.

Os instrumentos necessários para a coleta de dados serão: pesquisa documental na escola por meio das fichas de inscrição para obtenção de nomes das crianças, idade, nome e nível de escolaridade dos pais, mães ou dos responsáveis, endereço; caderno de campo para o registro das observações das crianças em suas atividades lúdicas com seus pares e adultos e papéis tipo sulfite brancas do tamanho A4, lápis de cores variadas; e gravador, para a atividade

com as crianças em sala. O desenvolvimento das atividades, que inclui a organização de todos os materiais, bem como a condução, é de inteira responsabilidade da pesquisadora.

É importante esclarecer que serão respeitados todos os aspectos éticos que envolvem pesquisas com crianças. Nesse sentido, a pesquisadora se compromete em respeitar a dinâmica de funcionamento da instituição e de garantir o sigilo das identidades das crianças e das informações passadas por elas e por essa Instituição. Após o aceite da instituição, cada família também receberá uma carta solicitando a autorização da participação da criança por meio de um termo TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Certas de contar com a colaboração dessa Instituição, desde já agradecemos e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Fernanda Miquelão Ribeiro

(Mestranda)

nandamr06@yahoo.com.br

Neide Maria de Almeida Pinto

(Orientadora)

nalmeidapinto@gmail.com

Eu _____ autorizo a realização da coleta de dados para a pesquisa “**Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais**” na Instituição de Educação Infantil _____.

Assinatura do Coordenador (a) ou Diretor (a) da Instituição de Ensino

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 2- PEDIDO PARA REALIZAÇÃO DO ESTUDO PILOTO À
COORDENAÇÃO GERAL DA INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Viçosa, ___/___/___

A Sr. Sra.

Coordenadora Geral da instituição,

Prezada Senhora,

Eu, Fernanda Miquelão Ribeiro, estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica, estou desenvolvendo uma pesquisa, cujo nome é **“Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais”**. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o consumo das TICs por crianças entre 4 e 6 anos em diferentes segmentos sociais e compreender como esse consumo se manifesta na cultura infantil. As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) são abordadas nessa pesquisa enquanto práticas sociais construídas nos diversos cenários culturais das crianças. Considera-se a televisão, aparelhos de DVD, antenas ligadas à tv; jogos de videogame e de computador; iPods, MP3, telefones celulares, aplicativos, internet e redes sociais.

Um dos instrumentos utilizados, para a realização da pesquisa, será a aplicação de um questionário fechado com mães, pais ou responsáveis das crianças de 4 a 6 anos, matriculadas em escolas públicas e particulares de Viçosa/MG. Por isso, vimos por meio dessa carta, solicitar autorização para realizarmos um estudo piloto com as mães, pais ou responsáveis das crianças das salas 4 e 5 do LDI com o objetivo de adequar o instrumento de coleta de dados para a efetivação da referida pesquisa.

Certas de contar com a colaboração dessa Instituição, desde já agradecemos e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Fernanda Miquelão Ribeiro

(Mestranda)

nandamr06@yahoo.com.br

Neide Maria de Almeida Pinto

(Orientadora)

nalmeidapinto@gmail.com

Eu _____ autorizo a realização do estudo piloto para a pesquisa **“Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais”** no Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI)/UFV.

Assinatura da Coordenadora Geral do LDI

Assinatura do Pesquisador

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, conforme parecer Nº 2.714.787, consubstanciado pelo CEP, em folha anexa a esta carta.

APÊNDICE 3- PEDIDO PARA REALIZAÇÃO DO ESTUDO PILOTO AOS
REPRESENTANTES DE PAIS DA INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Viçosa, ___/___/___

A Srs. Sras. Representantes de pais,

Prezado (s) Senhor (es) Prezada (s) Senhora (s),

Eu, Fernanda Miquelão Ribeiro, estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica, estou desenvolvendo uma pesquisa, cujo nome é “**Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais**”. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o consumo das TICs por crianças entre 4 e 6 anos em diferentes segmentos sociais e compreender como esse consumo se manifesta na cultura infantil. As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) são abordadas nessa pesquisa enquanto práticas sociais construídas nos diversos cenários culturais das crianças. Considera-se a televisão, aparelhos de DVD, antenas ligadas à tv; jogos de videogame e de computador; iPods, MP3, telefones celulares, aplicativos, internet e redes sociais.

Um dos instrumentos utilizados, para a realização da pesquisa, será a aplicação de um questionário fechado com mães, pais ou responsáveis das crianças de 4 a 6 anos, matriculadas em escolas públicas e particulares de Viçosa/MG. Por isso, vimos por meio dessa carta, solicitar autorização para realizarmos um estudo piloto com as mães, pais ou responsáveis das crianças das salas 4 e 5 com o objetivo de adequar o instrumento de coleta de dados para a efetivação da referida pesquisa.

Certas de contar com a colaboração dos pais, representados por vocês, desde já agradecemos e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Fernanda Miquelão Ribeiro

(Mestranda)

nandamr06@yahoo.com.br

Neide Maria de Almeida Pinto

(Orientadora)

nalmeidapinto@gmail.com

Eu _____, autorizo a realização do estudo piloto para a pesquisa **“Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais”** na instituição.

Assinatura do representante dos pais

Assinatura do Pesquisador

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, conforme parecer N^o 2.714.787, consubstanciado pelo CEP, em folha anexa a esta carta.

2.Situação habitacional:

Casa	Apto.	Sítio	Meio Rural	Meio Urbano

3.

Tics que possuem em casa	Possui	Não possui	Nª de aparelhos
Telefone fixo			
Celular			
Computador de mesa			
Notebook			
Televisão			
Tablet			
Aparelho DVD			
Acesso a Video game			
Acesso a jogos de computador			
Acesso a aplicativos no celular			
Conexao com a Internet			
Acesso a redes sociais			

OBS: Acrescentar, se necessário, outras TICs nos espaços em branco.

4. Qual (quais) TIC(s) é (são) utilizada (s) pela criança? Caso a criança não faça uso de nenhuma TIC favor passar para a questão nº 13.

5. Com que frequência a criança utiliza as TICs?

TICS utilizadas pela criança	Menos de uma vez por mês	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente	O tempo todo

OBS: Acrescentar as TICs nos espaços em branco.

6. Em média, quantas horas por dia a criança passa utilizando as TICs, durante a semana?

TICS utilizadas pela criança	- de 1h	de 1 a 3h	de 3 a 6h	de 6 a 9h	de 9 a 12h	+ de 12h

OBS: Acrescentar as TICs nos espaços em branco.

7. Em média, quantas horas por dia a criança passa utilizando as TICs, durante os fins de semana?

TICS utilizadas pela criança	- de 1h	de 1 a 3h	de 3 a 6h	de 6 a 9h	de 9 a 12h	+ de 12h

OBS: Acrescentar as TICs nos espaços em branco.

8. Local que a criança utiliza as TICS?

1	Quarto da criança	5	Restaurante
2	Quarto dos pais	6	
3	Na escola	7	
4	Consultório médico	8	

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, os locais de utilização das TICS.

9. Você já ofereceu alguma TIC para a sua criança? Caso afirmativo, qual e em que ocasião?

10. Com quem a criança utiliza as TICS?

1	Pai ou mãe	5	Vizinhos
2	Professores	6	Utiliza sozinho
3	Irmãos	7	
4	Colegas de escola	8	

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, outras pessoas que compartilham as TICS com a criança.

11. Com quem a criança aprendeu a usar as TIC?

1	Pai ou mãe	5	Vizinhos
2	Professores	6	Aprendeu sozinho
3	Irmãos	7	
4	Colegas de escola	8	

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, outras pessoas com quem a criança aprendeu a usar as TICS.

12. Com que finalidade sua criança usa as TICs?

1	Brincar	6	Jogar
2	Distrair	7	Trocar mensagens
3	Assistir a vídeos	8	
4	Ouvir música	9	
5	Estudar/pesquisar	10	

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, outras finalidades com as quais a criança usa as TICs.

13. Você considera a utilização ou a interação das seguintes TICs pela sua criança:

Tics	Muito perigosa	Perigosa	Medianamente perigosa	Pouco perigosa	Nada perigosa
Televisão					
Computador					
Celular					
Acesso a internet					
Uso de aplicativos					
Acesso a redes sociais					
Vídeo games					

OBS: Acrescentar, se necessário, outras TICs nos espaços em branco.

14. Você controla o uso das TICS pelos seu filho?

1	Não controlo o uso	2	Controlo o uso
----------	---------------------------	----------	-----------------------

Justifique sua resposta:

15. Como você avalia a sua interação com o seu filho no universo das TICs?

Finalmente

16. Poderia me informar o seu grau de instrução?

Nomenclatura atual		Nomenclatura anterior
1	Fundamental I incompleto	Primário incompleto
2	Fundamental I completo/ Fundamental II incompleto	Primário completo/ Ginásio incompleto
3	Fundamental completo/ Médio Incompleto	Ginásio completo/ Colegial incompleto
4	Médio completo/ Superior incompleto	Colegial completo/ Superior incompleto
5	Superior completo	Superior completo

17. Poderia me informar a renda total da família?

477,00	478,00 a 954,00	955,00 a 1908,00	1908,00 a 2862,00	2862,00 a 4770,00	4771,00 a 7632,00	7632,00 a 9540,00	9541,00 a 19080,00	+ de 19081,00

18. A água utilizada nesse domicílio é proveniente de?

1	Rede geral de distribuição.
2	Poço ou nascente.

19. Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

20. No domicílio tem: OBS: Todos os itens de eletroeletrônicos citados abaixo devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

Itens de conforto	Não possui	Quantidade que possui			
		1	2	3	4+
Automóveis de passeio exclusivamente para uso particular.					
Empregados mensalistas, que trabalham pelo menos cinco dias por semana.					
Máquinas de lavar roupa, <u>excluindo</u> tanquinho.					
Banheiros.					
Geladeiras.					
Freezers independentes ou parte da geladeira duplex.					

Lavadora de louças.					
Forno de micro-ondas.					
Motocicletas de passeio exclusivamente para uso particular.					
Máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca.					

FICHA PARA AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO ENTREVISTADO

Formação: _____

Profissão/Ocupação: _____

Regime de trabalho: _____

	OCUPAÇÃO PRINCIPAL	Ocupação 2	Ocupação 3
1. TRABALHADOR AUTÔNOMO (por conta própria)			
Com registro			
Sem registro			
a. Trabalhador por conta própria como EMPREGADOR (até 9 empregados)			
b. Trabalhador por conta própria como EMPREGADOR (com 10 ou mais empregados)			
2. EMPREGADO ASSALARIADO			
Empresa pública			
Empresa privada			
Com carteira assinada			
Sem carteira assinada			

a. Prestador de serviços com remuneração: (trabalhos domésticos, babá ou cuidadores de idosos, jardinagem, consertos, etc.).			
Com carteira assinada			
Sem carteira assinada			
b. Prestador de Serviços sem remuneração (faz trabalho voluntariado para a família ou comunidade)			
c. Desempregado			
Com salário desemprego			
Sem salário desemprego			
d. Inativo			
Estudante			
Dona de casa			
Aposentado			
Licença saúde			
Seguro invalidez			
Inválido s/ seguro			
Outro (especificar)			

Duração média do preenchimento do questionário: _____

Muito Obrigada!!!

2.

Tics que possuem em casa	Não possui	Possui	Nª de aparelhos
Telefone fixo			
Celular			
Computador de mesa			
Notebook			
Televisão			
Tablet			
Aparelho DVD			
Acesso a Video game			
Acesso a jogos de computador			
Acesso a aplicativos no celular			
Acesso a vídeos no Youtube			
Conexao com a Internet			
Acesso a redes sociais			

OBS: Acrescentar, se necessário, outras TICs nos espaços em branco.

3. Qual (quais) e com que frequência a criança utiliza as TICs? Caso a criança não faça uso de nenhuma TIC favor passar para a questão nº 11.

TICS utilizadas pela criança	Menos de uma vez por mês	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente	O tempo todo
Telefone fixo					
Celular					
Computador de mesa					
Notebook					
Televisão					
Tablet					

Aparelho DVD					
Acesso a Vídeo game					
Acesso a jogos de computador					
Acesso a aplicativos no celular					
Acesso a vídeos no YouTube					
Conexão com a Internet					
Acesso a redes sociais					

OBS: Acrescentar, se necessário, outras TICs nos espaços em branco.

4. De segunda à sexta-feira quantas horas por dia, em média, a criança passa utilizando as TICs?

TICS utilizadas pela criança	- de 1h	de 1 a 3h	de 3 a 6h	de 6 a 9h	de 9 a 12h	+ de 12h
Telefone fixo						
Celular						
Computador de mesa						
Notebook						
Televisão						
Tablet						
Aparelho DVD						
Acesso a Vídeo game						
Acesso a jogos de computador						
Acesso a aplicativos no celular						
Acesso a vídeos no YouTube						
Conexão com a Internet						

Acesso a redes sociais						

OBS: Acrescentar, se necessário, outras TICs nos espaços em branco.

5. Aos finais de semana quantas horas por dia, em média, a criança passa utilizando as TICs?

TICS utilizadas pela criança	- de 1h	de 1 a 3h	de 3 a 6h	de 6 a 9h	de 9 a 12h	+ de 12h
Telefone fixo						
Celular						
Computador de mesa						
Notebook						
Televisão						
Tablet						
Aparelho DVD						
Acesso a Vídeo game						
Acesso a jogos de computador						
Acesso a aplicativos no celular						
Acesso a vídeos no YouTube						
Conexão com a Internet						
Acesso a redes sociais						

OBS: Acrescentar, se necessário, outras TICs nos espaços em branco.

6. Você já ofereceu alguma TIC para a sua criança? Caso afirmativo, em que ocasião?

	Sim	Não
1	Quando percebo que não quer fazer mais nada (está entediada).	
2	Quando está sozinha.	
3	Quando está agitada.	
4	Após fazer os deveres da escola.	
5	Após brincar (com seus colegas ou amigos)	
6	Após brincar (com brincadeiras tradicionais: corda, peteca, quebra-cabeças, etc...).	
7	Para fazer atividades pedagógicas (aprender as letras, inglês, bons comportamentos, sobre a natureza, etc...).	
8	Para distraí-la nos momentos da sua rotina (refeição, banho, sono, etc...).	
9	Para distraí-la em lugares públicos (restaurantes, shoppings, igrejas, clubes).	
10	Para distraí-la em lugares com muitos adultos.	
11	Para distraí-la em momentos de espera (consultórios médicos, viagens longas, etc...)	
12	Para que um outro adulto pudesse interagir com a criança, como cortar o cabelo, examinar, tirar o sangue.	
13	Para que eu possa usar a TIC que ela está usando ofereço outra como troca.	
14	Para que eu possa fazer os afazeres domésticos (Ex: limpar a casa, fazer a comida ou cuidar de outras crianças).	
15	Para ajudá-la na superação da sua deficiência ou necessidade especial (caso a criança presente)	
16	Quando estou fazendo alguma atividade que exija a minha concentração.	
17	Para assistir a desenhos e/ou vídeos preferidos da criança.	
18	Para jogarmos e/ou ouvirmos música em família.	

OBS: Acrescentar nos espaços em branco as experiências que não foram contempladas nas respostas acima.

7. Local que a criança utiliza as TICS:

1	Quarto da criança	10	Restaurante
2	Quarto dos pais	11	Consultório médico
3	Sala da casa	12	Rua
4	Quarto de brinquedos	13	Praça
5	Cozinha	14	Parque
6	Escritório da casa		
7	Casa de parentes (avós, tios)		
8	Casa de amigos		
9	Na escola		

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, os locais de utilização das TICS.

8. Com quem a criança utiliza as TICS?

1	Pai ou mãe	6	Vizinhos	11	Colegas de escola
2	Irmãos	7	Empregada doméstica	12	Outros colegas
3	Primos	8	Babá		
4	Avós	9	Utiliza sozinho		
5	Tios	10	Professores		

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, outras pessoas que compartilham as TICS com a criança.

9. Com quem a criança aprendeu a usar as TIC?

1	Pai ou mãe	6	Vizinhos	11	Colegas de escola
2	Irmãos	7	Empregada doméstica	12	Outros colegas
3	Primos	8	Babá		
4	Avós	9	Aprendeu sozinho		
5	Tios	10	Professores		

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, outras pessoas com quem a criança aprendeu a usar as TICs.

10. Com que finalidade sua criança usa as TICs?

1	Brincar	8	Ver fotos
2	Distrair	9	Conversar por chamada de vídeo
3	Assistir a vídeos	10	Aprender letras...
4	Ouvir música		
5	Estudar/pesquisar		
6	Jogar		
7	Trocar mensagens		

OBS: Acrescentar nos espaços em branco, de acordo com a realidade da família, outras finalidades com as quais a criança usa as TICs.

11. Você considera a utilização ou a interação das seguintes TICs pela sua criança:

Tics	Muito perigosa	Perigosa	Medianamente perigosa	Pouco perigosa	Nada perigosa
Telefone fixo					
Celular					
Computador de mesa					
Notebook					
Televisão					
Tablet					
Aparelho DVD					
Acesso a Video game					
Acesso a jogos de computador					
Acesso a aplicativos no celular					
Acesso a vídeos no Youtube					
Conexão com a Internet					
Acesso a redes sociais					

OBS: Acrescentar, se necessário, outras TICs nos espaços em branco.

12. Você controla o uso das TICs pelos seu filho?

1	Controlo o uso
----------	-----------------------

2	Não controlo o uso
----------	---------------------------

Caso afirmativo, justifique sua resposta:

1	Intercalo o uso das TICs com os momentos da sua rotina como o cochilo, as brincadeiras.
2	Para a criança não ficar muito tempo no celular (ou tablet, ou computador, etc...).
3	Para a criança poder ter experiências diversas na infância.
4	Para a criança poder exercitar o seu corpo.
5	É importante o equilíbrio entre o uso das TICs e as brincadeiras tradicionais.
6	A criança só acessa o YOUTUBE KIDS que já seleciona um conteúdo específico para o público infantil.
7	Deixo usar com volume, pois já conheço o conteúdo dos desenhos e vídeos que a criança assiste.
8	As crianças precisam desenvolver a linguagem para poderem usar as TICs adequadamente.
9	Todo o uso é controlado por nós, pais. (o conteúdo, o tempo e os horários que pode ver)
10	Pois pode desenvolver ansiedade.
11	Pois pode desenvolver um vício.
12	A criança pode ficar exposta a conteúdos violentos.
13	A criança pode ficar exposta a conteúdos adultos.
14	Se os pais não controlarem seus filhos, não vão mais querer brincar com seus brinquedos, seus coleguinhas e nem fazer atividades pedagógicas.
15	A criança pode ficar exposta à muita propaganda e incentivá-la ao consumo de produtos (brinquedos, calçados, etc...).

OBS: Acrescentar nos espaços em branco as experiências que não foram contempladas acima.

13. Como você avalia a sua interação com a criança no universo das TICs?

1	A criança gosta muito, mas já sabe a hora de parar.
2	Prefiro que a criança curta mais a infância: brinque, desenhe, ande de bicicleta, etc....
3	Permito o contato com a tecnologia, pois sei que em algum momento vai ser útil para a criança.
4	Gosto de colocar um limite entre estas novas formas de brincar e as tradicionais.
5	No início não queria este contato da minha criança com as Tics, mas a tecnologia está em todo lugar.
6	Boa, pois sempre estamos acompanhando/controlando o tempo e o que a criança faz e vê com as TICs.
7	É necessário inserir a criança nesse universo das tecnologias com controle dos pais.
8	Positiva, pois tento dar exemplos de como fazer uso saudável das TICs, como usar moderadamente, não fazer uso de redes sociais, etc...
9	Boa, pois as TICs são ótimos instrumentos para o aprendizado e o desenvolvimento da criança.
10	Tento usar com a minha criança de forma lúdica e criativa, como inventar histórias.
11	Preocupante, pois a criança já acorda querendo o celular.
12	Boa, pois orienta na escolha.

OBS: Acrescentar nos espaços em branco as experiências que não foram contempladas acima.

Finalmente

14. Poderia me informar o seu grau de instrução?

	Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
1	Fundamental I incompleto	Primário incompleto
2	Fundamental I completo/ Fundamental II incompleto	Primário completo/ Ginásio incompleto
3	Fundamental completo/ Médio Incompleto	Ginásio completo/ Colegial incompleto
4	Médio completo/ Superior incompleto	Colegial completo/ Superior incompleto
5	Superior completo	Superior completo

15. Poderia me informar a renda total da família?

477,00	478,00 a 954,00	955,00 a 1908,00	1908,00 a 2862,00	2862,00 a 4770,00	4771,00 a 7632,00	7632,00 a 9540,00	9541,00 a 19080,00	+ de 19081,00

16. Situação habitacional:

Casa	Apto.	Sítio	Meio Rural	Meio Urbano

17. A água utilizada nesse domicílio é proveniente de?

1	Rede geral de distribuição	2	Poço ou nascente
---	----------------------------	---	------------------

18. Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

1	Asfaltada/Pavimentada	2	Terra/Cascalho
---	-----------------------	---	----------------

19. No domicílio tem: OBS: Todos os itens de eletroeletrônicos citados abaixo devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

Itens de conforto	Não possui	Quantidade que possui			
		1	2	3	4+
Automóveis de passeio exclusivamente para uso particular.					
Empregados mensalistas, que trabalham pelo menos cinco dias por semana.					
Máquinas de lavar roupa, <u>excluindo</u> tanquinho.					
Banheiros.					
Geladeiras.					
Freezers independentes ou parte da geladeira duplex.					
Lavadora de louças.					
Forno de micro-ondas.					
Motocicletas de passeio exclusivamente para uso particular.					
Máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca.					

FICHA PARA AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO ENTREVISTADO

Formação profissional: _____

Ocupação: _____

Regime de trabalho: _____

	OCUPAÇÃO PRINCIPAL	Ocupação 2	Ocupação 3
1. TRABALHADOR AUTÔNOMO (por conta própria)			
Com registro			
Sem registro			
a. Trabalhador por conta própria como EMPREGADOR (até 9 empregados)			
b. Trabalhador por conta própria como EMPREGADOR (com 10 ou mais empregados)			
2. EMPREGADO ASSALARIADO			
Empresa pública () Efetivo () Terceirizado			
Empresa privada () Com carteira assinada () Sem carteira assinada			
a. Prestador de serviços com remuneração: (trabalhos domésticos, babá ou cuidadores de idosos, jardinagem, consertos, etc.).			
Com carteira assinada			
Sem carteira assinada			
b. Prestador de Serviços sem remuneração (faz trabalho voluntariado para a família ou comunidade)			
c. Desempregado			
Com salário desemprego			
Sem salário desemprego			
d. Inativo			
Estudante			
Dona de casa			
Aposentado			
Licença saúde			
Seguro invalidez			
Inválido s/ seguro			
Outro (especificar)			

Muito Obrigada!!!

APÊNDICE 6- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
ESTUDO PILOTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Ao Sr. Sra.

Prezados Mães, Pais ou Responsáveis das crianças das salas 4 e 5 do LDI,

Eu, Fernanda Miquelão Ribeiro, estudante de mestrado do Programa de Economia Doméstica/UFV, estou desenvolvendo uma pesquisa, cujo título é **“Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais”**. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o consumo das TICs por crianças entre 4 e 6 anos em diferentes segmentos sociais e compreender como esse consumo se manifesta na cultura infantil. As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) são abordadas nessa pesquisa enquanto práticas sociais construídas nos diversos cenários culturais das crianças. Considera-se a televisão, aparelhos de DVD, antenas ligadas à tv; jogos de videogame e de computador; iPods, MP3, telefones celulares, aplicativos, internet e redes sociais.

Um dos instrumentos utilizados, para a realização da pesquisa, será a aplicação de um questionário fechado com mães, pais ou responsáveis das crianças de 4 a 6 anos, matriculadas em escolas públicas e particulares de Viçosa/MG. Por isso, vimos por meio dessa carta, solicitar a participação de vocês em um estudo piloto com o objetivo de adequar esse instrumento de coleta de dados para a viabilização e efetivação da referida pesquisa.

Os riscos potenciais de sua participação na pesquisa são mínimos, mas ao responder o questionário você poderá sentir cansaço ou constrangimento diante de alguma pergunta. Nesse sentido você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta e até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações coletadas no questionário serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resoluções 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo para compreensão do uso que as crianças fazem das TICs. Sua participação nesta pesquisa não implicará em nenhuma despesa bem como em nenhum benefício financeiro, ou seja,

a sua participação é voluntária. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. É importante esclarecer que essa pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa e pela Coordenação Geral do Laboratório de Desenvolvimento Infantil.

Certas de contar com a sua colaboração, dede já agradecemos, e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Fernanda Miquelão Ribeiro

(Mestranda)

nandamr06@yahoo.com.br

Neide Maria de Almeida Pinto

(Orientadora)

nalmeidapinto@ufv.br

Solicito, por gentileza, o preenchimento dos dados a seguir e do questionário anexo e a devolução na escola até o dia 18/07/2018. **OBS: Este termo e o questionário poderão ser entregues de forma separada para efeito de não identificação dos participantes.**

Eu, _____, pai, mãe e/ou responsável pela criança da sala (4) (5), concordo em participar do estudo piloto, conseqüentemente em responder ao questionário e declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais**” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa- Edifício Arthur Bernardes, piso inferior
Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492- **Email:** cep@ufv.br- www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do Responsável Legal pelo Participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 7- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Ao Sr. Sra.

Prezados Mães, Pais ou responsáveis das crianças,

Eu, Fernanda Miquelão Ribeiro, estudante de mestrado do Programa de Economia Doméstica/UFV, estou desenvolvendo uma pesquisa, cujo título é **“Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais”**. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o consumo das TICs por crianças entre 4 e 6 anos em diferentes segmentos sociais e compreender como esse consumo se manifesta na cultura infantil. As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) são abordadas nessa pesquisa enquanto práticas sociais construídas nos diversos cenários culturais das crianças. Considera-se a televisão, aparelhos de DVD, antenas ligadas à tv; jogos de videogame e de computador; iPods, MP3, telefones celulares, aplicativos, internet e redes sociais.

Para a efetivação da referida pesquisa, vimos por meio dessa carta, solicitar autorização da participação do seu (sua) filho (a) em atividades de observação e atividades (coletivas e individuais) para conhecer o universo da TIC e suas interações com seus pares na escola. Gostaríamos de contar com a participação de vocês para preencher um questionário que está anexo a esta folha.

Os riscos potenciais de sua participação na pesquisa são mínimos, mas ao responder o questionário você poderá sentir cansaço ou constrangimento diante de alguma pergunta. Nesse sentido você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta e até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações coletadas nas atividades com as crianças e do questionário serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resoluções 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo para compreensão do uso que as crianças

fazem das TICs. Sua participação nesta pesquisa não implicará em nenhuma despesa bem como em nenhum benefício financeiro, ou seja, a sua participação é voluntária. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Certas de contar com a sua colaboração, dede já agradecemos, e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Fernanda Miquelão Ribeiro

(Mestranda)

nandamr06@yahoo.com.br

Neide Maria de Almeida Pinto

(Orientadora)

nalmeidapinto@gmail.com

Solicito, por gentileza, o preenchimento dos dados a seguir e do questionário, e a devolução na escola até o dia ___/___/___.

Eu, _____, pai, mãe e/ou responsável pela criança _____, autorizo sua participação e declaro que fui informado (a) dos objetivos riscos e benefícios da pesquisa **“Consumo de TIC entre crianças: interações sociais e o sentido de infância em diferentes contextos socioculturais”** de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa Edifício Arthur Bernardes, piso inferior
Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Responsável Legal pelo Participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 8- CLASSIFICAÇÕES DAS OCUPAÇÕES DO RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA

Tabela: Porcentagem de tipo ocupação do responsável pela criança, por escola.

CLASSIFICAÇÃO DAS OCUPAÇÕES	ESCOLA PILOTO (%)	ESCOLA PÚBLICA URBANA (C) (%)	ESCOLA PÚBLICA RURAL (C-D) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B-C) (%)
ATIVOS					
Profissionais das ciências e das artes	28,6			50	20
Técnicos de nível médio	3,6			16,7	10
Trabalhadores de serviços administrativos	14,3				
Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercado	7,1	50	85,7	16,7	50
INATIVOS					
Aposentados		16,7			
Estudantes	7,1			16,7	20
Donas de casa	21,4	16,7			

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE 9- FREQUÊNCIA DE ACESSO DAS TICs PELAS CRIANÇAS

Quadro: Número de famílias que marcaram acesso das TICs, por frequência.

TELEFONE FIXO	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL
< vez/Mês				1	1	2
Semanalmente	1			3	3	7
Diariamente					1	1

CELULAR	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês		1				1
Mensalmente			1			1
Semanalmente	7	1	1	3	4	16
Diariamente	11	2		3	5	21
Tempo Todo	1		1			2

COMP. DE MESA	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês	1		1	3	1	6
Semanalmente	1			1		2
Diariamente				1	1	2

NOTEBOOK	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês				1	3	4
Semanalmente	2			1	1	4
Diariamente	1	1	1		2	5

TV	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês		1			1	2

Mensalmente			1			1
Semanalmente	2	1				3
Diariamente	22	1	5	6	8	42
Tempo Todo	1	1	1			3

TABLET	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês	1			1	3	5
Mensalmente	1		1			2
Semanalmente	2	1		2		5
Diariamente	5	1	1			7
Tempo Todo			1			1

DVD	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês	2	1			2	5
Mensalmente	2		1	1		4
Semanalmente	2		2	2	1	7
Diariamente	1			1		2

VIDEO GAME	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês	1			1	2	4
Mensalmente		1	1			2
Semanalmente	2			1		3
Diariamente			1			1

JOGOS DE COMP.	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês				1	3	4
Semanalmente	1	1		1	1	4

APLICATIVOS	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês				1	2	3
Mensalmente				1		1
Semanalmente	1				3	4
Diariamente	2	1		3	2	8
Tempo Todo	1		1			2

YOU TUBE	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês			1	1		2
Mensalmente			2			2
Semanalmente	2	1		2	4	9
Diariamente		2	1	3	5	11
Tempo Todo			1			1

INTERNET	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês				1		1
Mensalmente			2			2
Semanalmente	6	1		1	2	10
Diariamente	3	1		3	6	13
Tempo Todo	1	1	1			3

REDES SOCIAIS	ESCOLA PILOTO	ESC. PÚBLICA URB. (C)	ESC. PÚBLICA RURAL (C-D)	ESC. PARTICULAR URB. (B)	ESC. PARTICULAR URB. (B-C)	TOTAL GERAL
< vez/Mês		1		1	1	3
Diariamente				1	2	3

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE 10- PROTOCOLO DE ATIVIDADE DE CONVERSA EM RODA COM AS CRIANÇAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Principais direcionamentos e questionamentos:

1. Apresentação da pesquisadora: nome e ocupação;
“Meu nome é Fernanda e sou estudante da Universidade Federal de Viçosa”;
2. Apresentação das crianças: nome
3. Apresentação da finalidade da visita e conversa com as crianças:
“Estou fazendo uma pesquisa e gostaria de saber sobre o que as crianças da idade de vocês fazem”.
 - a) O que?
 - b) Como fazem?
 - c) Onde fazem
 - d) Com quem?
4. Interferência da pesquisadora sobre os usos das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), caso não seja citado pelas crianças:
“Algumas crianças da sua idade já falaram que também usam celular, tablet...”